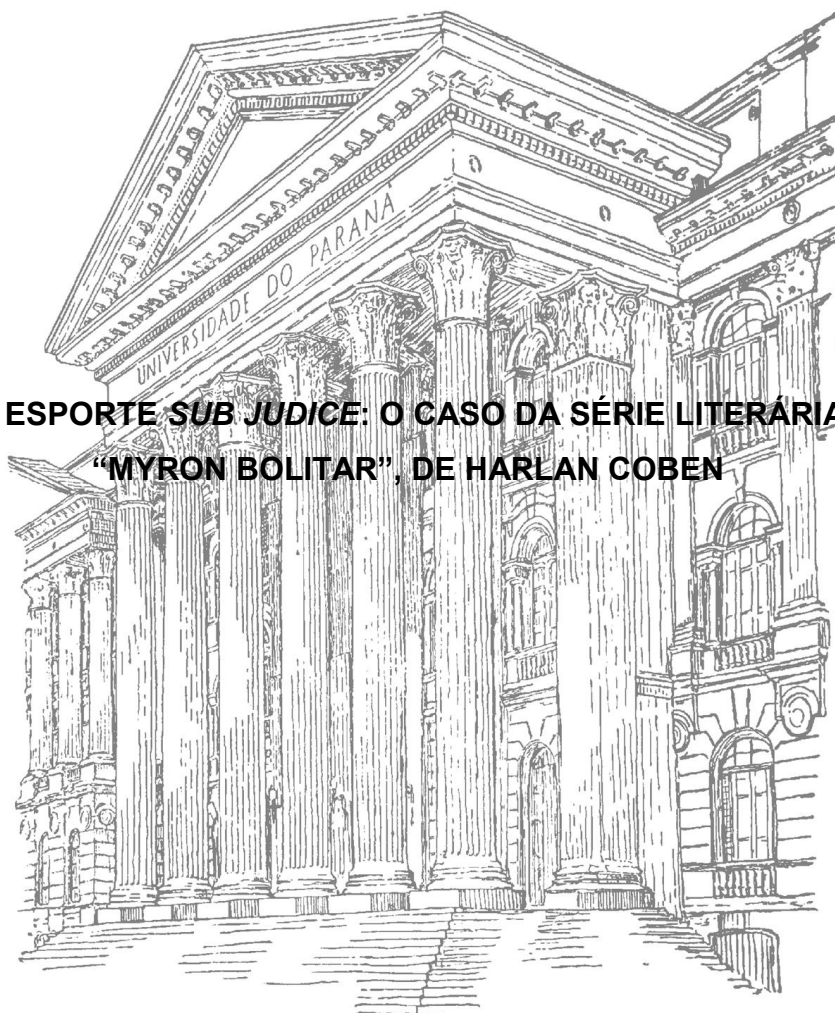


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LAÍS CRISTYNE ALEXANDRE DOS SANTOS

**O ESPORTE *SUB JUDICE*: O CASO DA SÉRIE LITERÁRIA  
“MYRON BOLITAR”, DE HARLAN COBEN**



CURITIBA

2018

LAÍS CRISTYNE ALEXANDRE DOS SANTOS

O ESPORTE *SUB JUDICE*: O CASO DA SÉRIE LITERÁRIA  
“MYRON BOLITAR”, DE HARLAN COBEN

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física, no curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Capraro.

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de  
Bibliotecas.  
Biblioteca de Ciências Biológicas.  
(Telma Terezinha Stresser de Assis –CRB/9-944)

Santos, Laís Cristyne Alexandre dos

*O esporte sub judice: o caso da série literária “Myron Bolitar”, de Harlan  
Coben. / Laís Cristyne Alexandre dos Santos. – Curitiba, 2018.*  
173 f.: il. ; 30cm.

Orientador: André Mendes Capraro  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Esportes. 2. Literatura. I. Título. II. Capraro, André Mendes. III.  
Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa  
de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LAÍS CRISTYNE ALEXANDRE DOS SANTOS** intitulada: **O Esporte Sub Judice: o caso da série literária "Myron Bolitar", de Harlan Coben**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua \_\_\_\_\_ APROVAÇÃO \_\_\_\_\_ no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 05 de Fevereiro de 2018.

ANDRÉ MENDES CAPRARO

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

ELCIO LOUREIRO CORNELSEN

Avaliador Externo (UFMG)

VALQUIRIA MICHELA JOHN

Avaliador Externo (UNIVALI)

Aos meus pais, Vanusa e Marcos, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos de minha vida e com os quais sempre pude contar em todas as situações. Sem vocês eu não estaria aqui!

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Vanusa, a pessoa mais dedicada e apaixonada por sua profissão que conheço e que me incentivou continuamente a seguir com os estudos, assim como alimentou minha paixão por literatura.

Ao meu pai, Marcos, que sempre me incentivou a praticar esportes e que apoiou minha escolha pela educação física, escutando pacientemente sobre trechos e mais trechos desta pesquisa. Reforço aqui minha petição para herdar os quadrinhos!

À minha irmã, Isys e minha avó, Zilda, que acompanharam de perto cada etapa de minha formação, auxiliando com um bom ouvido amigo nos momentos fáceis e difíceis.

Ao meu melhor amigo, Kelwin, sem o qual eu não seria a pessoa que sou hoje. Sou grata pela universidade ter me permitido te conhecer e espero aprender cada vez mais com você!

À toda minha família, que perguntava continuamente: “como ‘tá o mestrado?”; e sempre afirmava: “vai dar tudo certo!”.

Ao meu orientador, o professor André, que abriu as portas do grupo de pesquisa ainda na graduação e me mostrou quão divertido, apesar de árduo, o caminho acadêmico pode ser. Estendo este agradecimento aos colegas de grupo, que gentilmente cederam seu tempo e comentários para aprimoramento deste estudo.

Mas, agradeço principalmente a Deus, por estar presente em minha vida e oportunizar momentos incríveis de aprendizado, sejam eles científicos ou não.

*Venham amigos,  
Não é tarde demais para procurar um novo mundo, pois eu existo para velejar além  
do pôr-do-sol.  
E apesar de hoje não termos a força que nos velhos tempos mexia com a terra e os  
céus, o que somos:  
Somos um temperamento de corações heroicos, enfraquecido pelo tempo e o  
destino, mas com grande força de vontade.  
Para perseverar, persistir, encontrar e não hesitar.*

*Alfred Lord Tennyson*

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar as representações do esporte-moderno contidas em uma série de romance policial norte-americano, a “Myron Bolitar”, de autoria do escritor Harlan Coben. Foram considerados como escopo da pesquisa os dez primeiros exemplares da série (publicados entre 1995 e 2011, nos Estados Unidos), cujo foco baseou-se em elementos do campo esportivo representados nos enredos. Assim, utilizamos as obras traduzidas para o português, publicadas entre 2011 e 2017, pela editora Arqueiro. Como recurso metodológico foi utilizada a proposta de análise literária de Antonio Candido (2014), combinada com autores que discorrem acerca do fenômeno esportivo moderno nos Estados Unidos (EUA), assim como sobre o fenômeno da convergência midiática. Categorizamos as representações encontradas na série em: atletas, personagem principal/agente esportivo, modalidades esportivas retratadas e relação estabelecida entre público e autor. Inferimos que Coben se utiliza de elementos do campo esportivo desde a primeira obra da série, através da qual sua carreira como escritor ganha repercussão, até a décima obra analisada, porém retrata o esporte de maneira unilateral, recorrendo ao esporte-espetáculo como elemento de aproximação com o público, porém, negligenciando demais manifestações. O autor também se restringe a representar modalidades esportivas com as quais tem certa aproximação, como a prática por lazer, por exemplo, expondo apenas elementos característicos de esportes populares no contexto dos EUA: futebol americano, tênis, golfe e basquetebol. Em relação à convergência, Coben a adota parcialmente, pois interage com seus fãs, através de discussões e publicações nas redes sociais, mas tal interação restringe-se a esse ambiente, como um meio de *marketing* das obras, não refletindo nos enredos posteriores de sua autoria, permanecendo fiel à estrutura das obras de romance policial. Nesse sentido, acreditamos que a representação dos esportes na série repousa sobre uma manifestação literária de esporte que, apesar de baseada em elementos contextuais, existe apenas no textual, desenvolvendo o que chamamos de esporte-ficção.

Palavras-chave: Esportes. Literatura. Romance Policial. Myron Bolitar. Harlan Coben.



## **ABSTRACT**

This research aimed to analyze the representations of modern sport contained in a series of American detective novel, the series "Myron Bolitar", authored by the writer Harlan Coben. The first ten books (published between 1995 and 2011, in the United States), were considered as scope of the research, whose focus was based on elements of the sports field represented in the scenarios. Thus, we use the books translated into Portuguese, published between 2011 and 2017, by the publisher Arqueiro. As a methodological resource, the proposal of literary analysis of Antonio Candido (2014), combined with authors who discussing the modern sports phenomenon in the United States (US), as well as on the phenomenon of media convergence were used. We identified the representations found in the series in: athletes, main character/sports agent, sports portrayed and relationship between public and writer. We infer that Coben uses elements of the sports field from the first book of the series, through which his career as a writer gains repercussion. Up to the tenth work analyzed, however, portrays the sport in a unilateral way, using the sport-spectacle as an element of approach to the public, but neglecting other manifestations. The author also restricts to represent sports modalities with which he has a certain approximation, such as practice for leisure, for example, exposing only characteristic of popular sports in the US context: football, tennis, golf and basketball. With respect to convergence, Coben adopts it partially, because it interacts with fans, through discussions and publications in the social networks, but this interaction is restricted to this environment, as a means of marketing of the books, not reflecting in the later works of the writer, while remaining faithful to the structure of the detective novels. In this sense, we believe that the representation of sports in the series, rests on a literary manifestation of sport that, although based on contextual elements, exists only in the textual, developing what we call sport-fiction.

Key-words: Sports. Literature. Detective Novels. Myron Bolitar. Harlan Coben.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PERSONAGENS-ATLETAS DESTACADOS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR” .....	43
FIGURA 2 – MODALIDADES ESPORTIVAS EXPOSTAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR” .....	95
FIGURA 3 – COMPLEXO ESPORTIVO DE MEADOWLANDS, NOVA JERSEY, EUA .....	99
FIGURA 4 – HARLAN COBEN COMO JOGADOR DE BASQUETE DA ARMHERST COLLEGE.....	106
FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DO MERION GOLFE CLUB, PENSILVÂNIA, EUA.....	113
FIGURA 6 – PUBLICAÇÃO DE FÃS DA SÉRIE “MYRON BOLITAR” .....	115
FIGURA 7 – PUBLICAÇÃO DE HARLAN COBEN, FOTOGRAFIA DE PÁGINA DO LIVRO “DON’T LET GO” .....	132

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – OBRAS DA SÉRIE “MYRON BOLITAR” .....	28
TABELA 2 – EXEMPLOS DE METÁFORAS ENCONTRADAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”, DE HARLAN COBEN .....	120
TABELA 3 – DIAGNÓSTICO DE FANFICS BASEADAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR” NOS FANDOMS “ARCHIVE OF OUR OWN” E “FANFIC.NET” .	141

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b> .....	5
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	20
2.1 O ESPORTE .....	20
2.2 A ANÁLISE LITERÁRIA .....	24
2.3 ASPECTOS DA CONVERGÊNCIA .....	29
2.4 O ROMANCE POLICIAL .....	33
<b>3 O PARADIGMA DA INTANGIBILIDADE: OS ATLETAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”</b> .....	39
3.1 OS PERSONAGENS-ATLETAS .....	44
3.2 A REPRESENTAÇÃO DA CARREIRA DE ATLETA .....	47
3.3 A PUBLICIDADE MANIFESTA .....	56
3.4 CONTRAVENÇÕES .....	60
<b>4 O PERSONAGEM MYRON BOLITAR NAS FACETAS DE DETETIVE E AGENTE ESPORTIVO</b> .....	70
4.1 O PACOTE COMPLETO: MYRON ENQUANTO DETETIVE .....	71
4.2 O AGENTE ESPORTIVO .....	85
<b>5 ESPORTE-FICÇÃO: AS MODALIDADES ESPORTIVAS REPRESENTADAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”</b> .....	94
5.1 O POPULAR FUTEBOL AMERICANO .....	96
5.2 O TRADICIONAL TÊNIS .....	101
5.3 O PROTAGONISTA BASQUETEBOL .....	104
5.4 O ELITISTA GOLFE .....	110
5.5 OS FUNCIONAIS LUTA LIVRE E TAEKWONDO .....	116
5.6 A EVIDÊNCIA DA METÁFORA .....	119
<b>6 HARLAN COBEN, SÉRIE “MYRON BOLITAR” E PÚBLICO LEITOR</b> ..	124
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	144
<b>GLOSSÁRIO DE PERSONAGENS</b> .....	148
<b>FONTES</b> .....	151
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	152
<b>ANEXO 1 – SINOPSE DO LIVRO QUEBRA DE CONFIANÇA (1)</b> .....	164
<b>ANEXO 2 – SINOPSE DO LIVRO JOGADA MORTAL (2)</b> .....	165

<b>ANEXO 3 – SINOPSE DO LIVRO <i>SEM DEIXAR RASTROS</i> (3)</b>	<b>166</b>
<b>ANEXO 4 – SINOPSE DO LIVRO <i>O PREÇO DA VITÓRIA</i> (4)</b>	<b>167</b>
<b>ANEXO 5 – SINOPSE DO LIVRO <i>UM PASSO EM FALSO</i> (5)</b>	<b>168</b>
<b>ANEXO 6 – SINOPSE DO LIVRO <i>DETALHE FINAL</i> (6)</b>	<b>169</b>
<b>ANEXO 7 – SINOPSE DO LIVRO <i>O MEDO MAIS PROFUNDO</i> (7)</b>	<b>170</b>
<b>ANEXO 8 – SINOPSE DO LIVRO <i>A PROMESSA</i> (8)</b>	<b>171</b>
<b>ANEXO 9 – SINOPSE DO LIVRO <i>QUANDO ELA SE FOI</i> (9)</b>	<b>172</b>
<b>ANEXO 10 – SINOPSE DO LIVRO <i>ALTA TENSÃO</i> (10)</b>	<b>173</b>

## PRÓLOGO

O que me motivou a realizar essa pesquisa? Não é tão elementar assim, ou talvez seja.

Eu sempre fui incentivada a ler. “Maria de Ouro e Maria de Piche” que o digam. Era um livro antigo da minha mãe que tinha essa breve história, junto com várias outras, mas essa era aquela que eu lia e relia. É importante saber também que meu pai me viciou nas histórias de super-heróis. Basta dizer que em casa eu tinha acesso a uma miríade de quadrinhos, mas para tocá-los recebia um sermão tão grande quanto sair com o carro quando finalmente tirei a carteira de motorista.

Aos nove anos fui apresentada a um mundo bruxo que me fez desejar ir para uma escola muito melhor do que qualquer uma em que eu fui na vida. Nem Nárnia superava isso. Sim, eu sou uma nerd! Talvez não numa escala tão grande. Mesmo assim, ainda acho que a culpa é do Pedro Bandeira com aquela “Droga da Obediência”, que corrompeu não somente a mim, mas a todas as minhas amigas, mostrando que histórias de mistério têm desfechos diferentes dos casos de *Scooby Doo*. A adolescência foi mais do mesmo, com grande contribuição de Meg Cabot.

Obviamente, a leitura de minha preferência repousa nos livros de ficção, pois gosto da possibilidade de “viajar” para além do mundo que me cerca, evadindo para um ambiente particular. Contudo, demorei para conhecer aquela que me permitiu aprender um pouco do passado europeu, especificamente a Inglaterra, um período que eu particularmente passei a pesquisar apenas por *hobby*. Obrigada, Jane Austen!

Percebe-se que curto o que os ingleses produzem na literatura, especialmente porque também respeito muito Shakespeare. Mesmo assim, os norte-americanos, ao escreverem sobre assuntos e elementos mais próximos ao meu cotidiano, também atraem minha atenção. No entanto, minha ligação com esportes era profunda, pois, apesar de nunca ter sido atleta, sempre estive muito envolvida com o voleibol, com a natação e com o taekwondo. Educação Física foi a opção correta, licenciatura o tiro ao alvo, pois realmente aprecio ensinar coisas, ainda mais as divertidas.

Quando cheguei ao Departamento de Educação Física, na UFPR, na metade do curso descobri que podia unir o útil ao agradável e, na ansiedade de já pensar no tema de monografia, comecei a frequentar o “Grupo de Literatura”, hoje devidamente nomeado “Grupo de Estudos em Esporte, Jogo e Transmídia”. Ao participar das reuniões e, finalmente, no último ano da graduação, elegi a série literária “Jogos Vorazes” como meu tema de monografia.

Apesar de esta seção não ser reservada aos agradecimentos, assim como mencionei Austen, não posso deixar de agradecer a Suzanne Collins, que disponibilizou sua história com tantos elementos de análise possíveis, na qual pude desenvolver meu trabalho de conclusão de curso. A perspectiva científica se tornou o elo tangível entre o esporte e a literatura, essas duas coisas às quais eu realmente dedico meu tempo sem vê-lo passar.

A possibilidade de me engajar no mestrado, aos 21 anos, foi o que me levou ao Myron. Meu orientador indicou o livro com o argumento convincente de que eu iria gostar. Ao ler *Quebra de Confiança*, o primeiro livro da série, tudo parecia se encaixar. Praticamente todo o enredo, apesar da estrutura rígida dos romances policiais, emanava elementos dos esportes, alguns claros, outros um tanto turvos. O trabalho de caçar informações correlatas à série veio à tona e encontrei uma frase de Harlan Coben, autor supramencionado nesta dissertação, que reflete minha motivação para seguir com a pesquisa: “[...] *Imagine seu livro favorito*” (YOUTUBE, 2017), ele disse. Tarefa fácil. Cada característica vem à mente. Mas na sequência ele diz: “[...] *Imagine sua vida sem ele [livro], [...] sem entender a empatia que você adquiriu lendo seus livros favoritos*” (YOUTUBE, 2017).

Tenho de ser justa e admitir que um fator poderia me atrapalhar: o gosto pelo enredo do livro, de modo a querer descobrir o assassino e esquecer da análise. Mas, digamos que me precavi, através de leituras e incontáveis releituras, o que me permitiu embarcar no mestrado com este tema, de modo a enxergá-lo em suas falhas também. Foram 10 livros como fonte, em 2.768 páginas lidas e relidas, além de outros livros do autor e também entrevistas disponibilizadas na *internet*. Meu intuito, para além de alcançar o objetivo da dissertação, foi abordar a possibilidade da literatura

como fonte de pesquisa relacionada à Educação Física, em estágio que prefiro denominar de gestacional no Brasil, mas que possui grupos adeptos consolidados em outros países, como França e Estados Unidos (HILL, 2006).



## 1 INTRODUÇÃO

O esporte, enquanto um fenômeno moderno, tem seu desenvolvimento associado à Inglaterra do século XIX, mais especificamente nas *public schools* inglesas, frequentadas pelos filhos da aristocracia da época, que se apropriaram dos jogos populares transformando-os em esportes (BOURDIEU, 1983). Contudo, Bourdieu (1983) salienta que não é somente por meio de um processo de ressignificação de jogos populares que o esporte moderno se manifesta, mas também através de modalidades inventadas, que representam a necessidade social de suas estruturas de origem.

O esporte, então, passa a ser influenciado pelas relações mercadológicas presentes na sociedade e conduzidos, nesta concepção, a um processo de espetacularização e mercantilização (BOURDIEU, 1983). Desse modo, a compreensão do esporte moderno perpassa processos de expansão e internacionalização, multiplicação de modalidades ou criação de outras práticas derivadas de seus originais (futsal, por exemplo), aumento de (tele)espectadores, maior número de competições, bem como influência política e econômica na organização do fenômeno (MARCHI JÚNIOR, 2015). Ainda de acordo com Marchi Júnior (2015):

[...] na contemporaneidade o esporte tem assumido de maneira quase que irreversível a perspectiva da constituição de um produto globalizado e mercantilizado nas suas mais diversas possibilidades de manifestações e apelos comerciais. O *show-time*, aliado ao *business*, tem condicionado e limitado a compreensão do esporte a essa dimensão, ou seja, espetáculo. E essa perspectiva tem definido o que chamamos de um “*habitus* social de consumo”. (MARCHI JÚNIOR, 2015, p. 63, grifo do autor).

Não é surpresa, portanto, que o esporte seja fonte fecunda para literatos tematizarem em suas obras, assim como a possibilidade de os leitores se identificarem com elementos esportivos que constituem narrativas, pois, como Kellner (2001) define, “[...] a cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados hieroglíficos da vida social contemporânea” (KELLNER, 2001, p. 9). Para ele, os meios de

entretenimento são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos e que por isso, carecem de métodos de leitura e crítica que verifiquem sua inserção aos ambientes em que são criados e veiculados (KELLNER, 2001) e a literatura, mesmo a de ficção, não escapa a tal necessidade.

Nesse ínterim, localizamos nossa pesquisa na temática esportiva associada à literatura, ressaltando que outros pesquisadores brasileiros já encontraram nesse nicho uma temática fecunda para o desenvolvimento de seus estudos acadêmicos, como é o caso de Capraro (2007), Monteiro (2008), Silva (2009), Melo (2012) e Santos (2012). Tal qual, Hill (2006) indica que o estudo do esporte na literatura de ficção pode estar pautado em diferentes objetos, como práticas, ideias, metáforas e tradições presentes nas narrativas. Segundo o historiador, a Associação de Literatura do Esporte (*Sport Literature Association*) está, ao longo dos anos, desenvolvendo o estímulo a esta temática como estudo acadêmico<sup>1</sup> (HILL, 2016).

Sendo assim, elegemos como nosso objeto de estudo uma série de romance policial norte-americana, com livros lançados entre as décadas de 1990 e 2010, cujo autor encontra-se em plena atividade, motivados pela aderência internacional da obra. Gumbrecht (2007), em seu *Elogio da Beleza Atlética*, indica que é possível encontrar bons textos que tematizam os esportes no dia-a-dia, mas quando se tratam de escritos da “alta cultura” há uma escassez produtiva. Nos Estados Unidos da América (EUA), porém, segundo Gumbrecht (2007), a temática esportiva circunda o interesse de escritores renomados de ficção, como Norman Mailer<sup>2</sup>, John Updike<sup>3</sup> e Tom Wolfe<sup>4</sup>. O autor destaca:

[...] outros [escritores], como Red Smith e George Plimpton, começaram a carreira cobrindo lutas de boxe e jogos de hóquei, e só depois obtiveram reconhecimento literário (incluindo, no caso de Smith, a façanha de ter sido o primeiro jornalista esportivo a ganhar o Prêmio *Pulitzer*). Talvez o comentário esportivo tenha se tornado uma especialidade norte-americana devido à importância sem

---

<sup>1</sup> Cf. Hill, 2006.

<sup>2</sup> Jornalista e escritor norte-americano, vencedor de dois prêmios Pulitzer. Seu livro de destaque na temática esportiva é *O Lutador*.

<sup>3</sup> Escritor e crítico literário norte-americano, destacado pela série de livros *Coelho* (*Coelho Corre*, *Coelho em crise*, *Coelho Cresce* e *Coelho Cai*).

<sup>4</sup> Jornalista e escritor norte-americano, destacado por *Sangue nas Veias* (2012).

paralelos que o esporte tem no sistema educacional dos Estados Unidos, especialmente no nível universitário. (GUMBRECHT, 2007, p. 24).

Desde a *Poética* de Aristóteles, há a aceção de que a literatura se refere à “arte de representar a realidade por meio de palavras”, devido à concepção de *mimese* desenvolvida pelo filósofo<sup>5</sup>. No entanto, com o transcorrer dos séculos, a literatura imbrica-se em uma teia de significados variados, perpassando a estética de Kant e românticos alemães<sup>6</sup>, transcorrendo pela concepção que a refletia como a expressão verbal das emoções, pertencente ao romantismo vulgarizado, até as vanguardas do século XX, cuja preferência de significado repousa na ênfase na mensagem exposta pelos escritos analisados (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.8).

Segundo Compagnon (2014), o termo *literatura* data do final do século XIX, pois, até então, etimologicamente se referia às escrituras, inscrições ou conhecimento das letras e, de acordo com Perrone-Moisés (2016), a literatura abrangia, nesse período, produções escritas de qualquer gênero. Ao final do século XIX nota-se, então, a legitimação dos poetas como porta-vozes das nações, valorizando a concepção romântica da literatura. No século XX, por sua vez, em sua urgente expansão, a literatura percorreu diferentes significações de acordo com as correntes de pensamentos em voga neste período:

[...] em meados do século XX, o surgimento e a expansão das ciências humanas (sociologia, psicanálise) influenciaram a crítica e o ensino da literatura, privilegiando o sentido em prejuízo da forma. Até que, no fim dos anos 1960, outra disciplina emergente, a linguística, assumiu o posto de “ciência-piloto” das próprias ciências sociais, desembocando no estruturalismo, o qual, por sua vez, orientava-se para a semiologia ou ciência geral dos signos. [...] esgotado [o] estruturalismo, pela percepção de que a busca de uma essência literária universal, a “literariedade”, não dava conta das práticas literárias mais complexas [...], o pêndulo sempre oscilante, na crítica e no ensino literário, deslocou-se da forma para o conteúdo, ou do “como” para “o quê”. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.10).

---

<sup>5</sup> Neste período, as histórias eram transmitidas verbalmente, mesmo assim apresentavam semelhança com elementos cotidianos de comunicador e ouvintes. Cf. Aristóteles, *Arte e Poética* (1993).

<sup>6</sup> Cf. Perrone-Moisés, 2016.

Já ao final do século passado, com a emergência da globalização, facilitada pela expansão dos meios de comunicação de massa, há o deslocamento no estudo literário para a temática das obras analisadas. Esta é uma reação ao reconhecimento de que a visão ocidental dominava a literatura até então, permitindo, portanto, a valorização de escopos literários cujo foco eram grupos antes menosprezados - mulheres, homossexuais, negros – em detrimento daquelas baseadas em valores etnocêntricos (PÉRRONE-MOISÉS, 2016).

Nesse sentido, ao verificar que o termo *literatura* perpassa inconstâncias conceituais e mesmo uma definição subentendida socialmente, porém subjetiva, aderimos à proposta de Compagnon (2014):

[...] A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras. Cada obra nova provoca um rearranjo da tradição como totalidade (e modifica, ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição). (COMPAGNON, 2014, p. 34).

Os esportes, desse modo, emergem como elemento que constitui as obras literárias, seja como temática central ou secundária, incluído em diferentes tipos de textos:

[...] O esporte tem um lugar sagrado na cultura e na literatura ocidentais. Escritores tão diversos como Ernest Hemingway, Willa Cather, Norman Mailer, Don DeLillo, Tom Stoppard, Joyce Carol Oates, e David Foster Wallace escreveram sobre esporte. Mas seus trabalhos não são meros relatos do jogo pelo jogo, uma partida de tênis ou a luta pelo prêmio. A competição, o espetáculo, o combate pessoal e as personalidades exageradas, tão características do esporte, oferecem aos escritores o pano de fundo perfeito para olhar profundamente a natureza humana e criar uma literatura que transcenda o esporte em si. (HARRY RANSOM CENTER, 2013)<sup>7</sup>.

Nas obras de Harlan Coben, o esporte como pano de fundo que possibilita explorar as ações da natureza humana é situação recorrente,

---

<sup>7</sup> Tradução do original: “[...] *Sport holds a sacred place in western culture and literature. Writers as diverse as Ernest Hemingway, Willa Cather, Norman Mailer, Don DeLillo, Tom Stoppard, Joyce Carol Oates, and David Foster Wallace have written about sport. But their works are no mere play-by-play accounts of a ball game or tennis match or prizefight. The competition, spectacle, personal struggle, and exaggerated personalities so characteristic of sport offer writers the perfect backdrop upon which to look deeply into human nature and create literature that transcends sport itself.*” (HARRY RANSOM CENTER, 2013).

como verificado por metáforas em obras como *Cilada* (2010) e *A Grande Ilusão* (2017), porém é recurso supramencionado na série “Myron Bolitar”, o personagem/série romance policial de maior repercussão do escritor (COBEN, 2017).

O romance policial consiste então, na exposição narrativa de uma investigação fictícia (PIRES, 2005) e se configura como um dos gêneros há mais tempo estabelecidos, datando do final do século XIX, através das obras de Edgar Allan Poe, pois atrai o leitor para a trama, despertando a curiosidade do mesmo acerca do desfecho da história. De acordo com Menegheti (2014), os romances policiais podem ser considerados *fechados*, porque seu foco é restrito aos personagens e à trama misteriosa, entrelaçados pela presença e necessidade da lógica, sempre buscando o desfecho, que é a resolução dos crimes dos enredos.

Quanto à classificação como gênero, Boileau e Narcejac indicam que “[...] o romance policial é precisamente um gênero literário, e um gênero cujos traços são tão fortemente marcados que não evoluiu, desde Edgar Poe, mas simplesmente desenvolveu as virtualidades que trazia em sua natureza” (BOILEAU e NARCEJAC, 1991, p. 7-8). Para tanto, a constituição do enredo policial exige um método que se destina à solução de um enigma ou à identificação de um fato ou personagem misteriosos (MASSI, 2015).

Desde então, muitos detetives e investigadores ilustraram as páginas de romances, tais como: Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle; Philip Marlowe, de Raymond Chandler; Philo Vance, de SS Van Dine; *Monsieur Lecoq*, de Émile Gaboriau; Hercule Poirot, Miss Marple e Tuppence Beresford, de Agatha Christie; e na contemporaneidade, Robert Langdon, de Dan Brown. No entanto, alguns desses personagens não exerciam, necessariamente, a profissão específica de detetive ou policial. Em muitos ardis são as qualidades intelectuais, uma experiência profissional ou a proximidade com as vítimas que interligam os protagonistas aos casos que investigam.

Tal fator é reiterado com o personagem contemporâneo Myron Bolitar, do autor norte-americano Harlan Coben. Objeto de análise da presente pesquisa, a série de livros tem como protagonista Myron Bolitar, uma ex-

promessa do basquetebol profissional que, devido à grave lesão articular, teve de desistir da carreira esportiva prematuramente, passando então a trabalhar para o FBI e depois formando-se em direito pela Universidade de Harvard. A carreira como investigador do FBI se encerra e Myron passa a ser agente esportivo, gerenciando atletas de variadas modalidades.

Porém, casos como assassinatos, perseguições e desaparecimentos cercam os atletas agenciados por Bolitar e, de acordo com a sua caracterização, ele sente-se no dever de solucioná-los, para que a imagem pública de seus clientes e sua atuação profissional não seja contestada. Assim, é por meio do exercício da profissão de agente esportivo e das investigações que o protagonista realiza, em conjunto com seus amigos, os personagens coadjuvantes Windsor Horne Lockwood III (Win) e Esperanza, em paralelo aos órgãos oficiais, que a trama da série se desenvolve.

Ao todo, a série é composta por 11 livros<sup>8</sup>, narrados em terceira pessoa do singular<sup>9</sup>, dos quais o esporte moderno está manifesto nas obras, por meio da representação dos atletas que Bolitar agencia, empresas concorrentes à MB Representações, descrições de cenários nos quais as modalidades esportivas se desenvolvem, uso do esporte como figura de linguagem para localizar o leitor (como os gestos que pretende atribuir aos personagens), entre outros. Assim, Coben insere, por meio da personagem principal, algumas reflexões acerca do campo esportivo<sup>10</sup>, principalmente do esporte institucionalizado destacado por Coakley (2014), como, por exemplo:

[...] de certa forma isso era estranho. A torcida fazia um estardalhaço enorme se um jogador pedisse alto [salário] na hora da contratação. Chamavam-no de insensível e egoísta quando o dinheiro vinha de um rico dono de time – mas não tinham problema quando a grana preta vinha da *Pepsi*, da *Nike* ou da *Wheaties* em troca de o jogador promover produtos que provavelmente nunca usava e dos quais talvez nem gostasse. [...] Christian ganharia mais dinheiro gravando um comercial hipócrita por três dias do que

---

<sup>8</sup> Consideramos como fonte para esta pesquisa os dez primeiros livros da série, uma vez que desenvolvemos o estudo com base nas obras traduzidas pela Editora Arqueiro, utilizando as versões no idioma original (inglês) como recurso esclarecedor em casos específicos, como, por exemplo, o uso extenso de ditados presentes nos enredos.

<sup>9</sup> Com exceção do nono livro, que é narrado em primeira pessoa. Como utilizamos as traduções, acreditamos que seja uma opção editorial da Arqueiro, visto que as obras não foram publicadas no Brasil sequencialmente, de acordo com as publicações originais, e o nono livro *Quando Ela se Foi* (2011), foi o segundo a ser publicado pela editora.

<sup>10</sup> Cf Bourdieu, 1983. Cf. Marchi Jr., 2004.

trombando com marmanjos suados e superdesenvolvidos durante toda a temporada – e era assim que os torcedores queriam. (COBEN, 2011a, p. 53).

Fernanda Massi (2011), ao estudar romances policiais tradicionais e romances policiais contemporâneos<sup>11</sup>, constatou que o segundo – ou seja, o contemporâneo – deixa de focar o enredo no assassinato e passa a destacar aspectos de relevância social, tais como corrupção, falta de ética, impunidade, hipocrisia, entre outros (MASSI, 2011, p. 134); o que legitima o deslocamento da produção e análise literária para questões de ordem “politicamente corretas”, como exposto por Perrone-Moisés (2016).

Harlan Coben, enquanto escritor contemporâneo, abarca tais características na série de Myron Bolitar, por meio da representação de temas como terrorismo, máfia, uso de drogas ou avanço tecnológico, aspectos esses que se relacionam aos estereótipos sociais delimitados Lippmann (2008), os quais são desenvolvidos com base nas influências culturais que cercam os indivíduos<sup>12</sup>. No que tange aos esportes, Coben explora nos enredos elementos escusos presentes nas negociações esportivas (como chantagens referentes ao passado dos personagens-atletas), rivalidades entre atletas, diplomacia nos esportes, e assédio moral e profissional, utilizando para tal propósito modalidades esportivas populares entre os estadunidenses<sup>13</sup>, como futebol americano, tênis, golfe e basquetebol. Sendo assim, descreve de forma literária o lado obscuro do campo esportivo, com ênfase nos processos de profissionalização e espetacularização a que as modalidades estão sujeitas.

Douglas Kellner (2004) aponta que:

[...]os esportes há muito têm sido propícios ao espetáculo, com eventos como as Olimpíadas, *World Series*, *Super Bowl*<sup>14</sup>, a Copa do Mundo e os campeonatos de basquete da *NBA* atraindo

<sup>11</sup> Divisão conceitual e cronológica sugerida pela autora.

<sup>12</sup> Para exemplos, Cf. Lippmann, 2008.

<sup>13</sup> Cf. Extratime Uol. Pesquisa: NFL continua a liga mais popular, NBA segue atrás da Nascar. 26 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://extratime.uol.com.br/nfl-continua-como-o-esporte-preferido-dos-americanos-segundo-pesquisa-da-harris-interactive/>>. Acesso em: 27 mai. 2017.

<sup>14</sup> Jogo final da *National Football League* (NFL), liga profissional de futebol americano nos EUA. Cf. <http://espn.uol.com.br/infografico/guiafutebolamericano/ahistoriadanfl/>. Acesso em: 27 mai. 2017.

audiências maciças e gerando anúncios a preços astronômicos. (KELLNER, 2004, p. 7).

A série literária, permite-nos acompanhar a evolução do contexto norte-americano na última década do século XX (1990) e nas primeiras décadas do século XXI (2000 e 2010), período em que a espetacularização assume maior reflexo na organização de modalidades esportivas no âmbito profissional, como é o caso, por exemplo, do *Super Bowl*, final do campeonato nacional de futebol americano (COAKLEY 2014).

Do mesmo modo, os personagens recorrentes evoluem cronologicamente, entre 1995 e 2016, datas das publicações originais entre a primeira e a décima primeira obras da série. Acompanhando então, os fatos que circundam a história dos Estados Unidos da América (EUA), como, por exemplo, o ataque terrorista às Torres Gêmeas em 2001, a vitória da equipe *Boston Red Sox* na liga nacional de beisebol em 2004, e a menção a filmes lançados nesse período. Essas características denotam o contexto social do autor e sua proximidade com tais elementos.

Harlan Coben nasceu em 1962, em Nova Jersey, nos EUA. Ainda em Nova Jersey, cresceu na cidade de *Livingston*, mesmo local em que Myron, o protagonista da série, é criado e vive com sua família (seus pais). Já adulto, o autor estudou na universidade *Armherst College*, e formou-se em Ciências Políticas. Nesse período, Coben frequentou a fraternidade *Psi Upsilon*, na qual era colega do também escritor Dan Brown, reconhecido pela obra *O Código Da Vinci* (2003). Após sair da universidade, o autor trabalhou por um período como agente de viagens, o que lhe permite descrever em suas obras detalhadamente sobre pontos turísticos, como, por exemplo, as descrições que realiza sobre as cidades de Paris e de Londres, no nono livro da série, *Quando Ela se Foi* (2011).

Seu primeiro livro foi aceito para publicação quando tinha vinte e seis anos e, atualmente, suas obras são traduzidas para quarenta e três idiomas (COBEN, 2017). O autor publicou outra série literária, intitulada “Mickey Bolitar” – composta por três livros, na qual o protagonista é descrito como sobrinho do personagem Myron Bolitar –, além de ter publicado obras independentes, todas inseridas no gênero em pauta (COBEN, 2017) e a



habilidade de desenvolver narrativas de romance policial rendeu a Coben o título de primeiro escritor<sup>15</sup> a ter recebido a “trinca de ases” da literatura policial norte-americana: o *Anthony Award*, o *Shamus Award* e o prêmio Edgar Allan Poe.

Seus livros somam mais de 70 milhões de cópias impressas no mundo e, no Brasil, o autor atingiu, em 2014, a marca de um milhão de exemplares vendidos<sup>16</sup>, dado significativo, uma vez que a média de livros lidos pelo brasileiro por ano é de 4,54, sendo que desses 1,91 são livros lidos completamente e 2,64 são livros lidos parcialmente<sup>17</sup>. Curiosamente, o romance se estabelece como o tipo de texto de maior preferência entre os leitores brasileiros<sup>18</sup>, ocupando o terceiro lugar, após a Bíblia e os livros didáticos. De acordo com um levantamento realizado pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL, 2015) a literatura de ficção representa atualmente cerca de 20% do faturamento das vendas de livros no Brasil, com um preço médio de aproximadamente R\$ 30,00 (trinta reais).

O autor é aclamado pelo público francês, fato que o levou a receber a Medalha de Honra de *Vermeil* por suas contribuições à cultura e à sociedade. Sua repercussão na França foi ampliada pelo cinema francês, que adaptou o livro *Não Conte a Ninguém*<sup>19</sup> para longa-metragem em 2006. O livro *Não há Segunda Chance* (lançado no Brasil em 2007), foi adaptado para série de televisão pelo canal de *streaming* Netflix (EUA), em 2016, com produção e roteiro desenvolvidos pelo autor. Assim como, a minissérie televisiva *The Five*, lançada na Inglaterra em 2016, sob a ótica da investigação policial. O

<sup>15</sup> Até 2017, Harlan Coben permanece como o único a ter obtido os três prêmios literários.

<sup>16</sup> Marca atingida durante a realização da Bienal de Livros de São Paulo, em 2014. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

<sup>17</sup> Dados divulgados em maio de 2016 por meio da 4ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IBL), com apoio da Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). O estudo foi dirigido pelo Ibope Inteligência e registrou 5 mil entrevistados, considerando a população alfabetizada e não alfabetizada, maior de 5 anos de idade, nas cinco regiões brasileiras. Para registrar a média de livros lidos pelo brasileiro, foram considerados na pesquisa livros indicados pela escola, que incluíam livros didáticos, e livros lidos por vontade própria, que incluíam a Bíblia. Disponível em: <[http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_4.pdf](http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_4.pdf)>. Acesso em: 30 nov. de 2016.

<sup>18</sup> Dados divulgados pelo Instituto Pró-Livro, em “Retratos da Leitura no Brasil”, 2015.

<sup>19</sup> No Brasil, o livro foi lançado em 2009.

escritor também é reconhecido e premiado em outros países da Europa, como Espanha e Inglaterra (COBEN, 2017).

Harlan Coben praticou esporte quando jovem, participando de campeonatos enquanto cursava o *High School* e o *College* (equivalentes ao Ensino Médio e Faculdade, respectivamente), tornando-se um apreciador de diferentes modalidades. Ao tematizar, mesmo que secundariamente, o esporte em suas obras, o autor nos possibilita ponderar acerca de quais as compreensões sobre o fenômeno esportivo são estabelecidas pelo público leitor. Isso se deve, pois, ao fato de que o meio literário está estabelecido como formador de opinião pública, corroborando a perspectiva de Kellner (2001, p.13) em que a sociedade e a cultura são terrenos de disputa e, por conseguinte, as produções culturais se originam e geram efeitos em contextos específicos.

Entendemos, portanto, que as obras de Coben atingem um número expressivo de indivíduos, tornando a proposta de abordagem temática relevante para a compreensão dos significados sobre o esporte moderno, manifestos e apreendidos por meio das obras literárias e, após as considerações elencadas acima, ponderamos: qual a concepção de esporte é retratada nas tramas literárias da série de romance policial “Myron Bolitar”, do autor Harlan Coben? Neste sentido, pretendemos analisar como são representadas as características do campo esportivo nas tramas literárias da série, identificando as correlações entre texto e contexto (CANDIDO, 2014) que o escritor estabelece na obra, assim como a recepção dos enredos pelos leitores.

No primeiro momento, no capítulo intitulado “O paradigma da intangibilidade: os atletas na série “Myron Bolitar””, identificamos como se dá a caracterização dos atletas ao longo da série, pois foi possível identificar muitos personagens que o escritor, Harlan Coben, configura como atletas profissionais em seus enredos. Sob outro ângulo, o escritor descreve atletas do plano contextual que também se tornam personagens do enredo, ao serem mencionados para legitimar as habilidades esportivas daqueles que são somente fictícios.

Depois, no capítulo “O personagem Myron Bolitar nas facetas de detetive e agente esportivo”, procuramos elucidar quais as características assumidas pelo protagonista da série analisada, de modo a exercer a função de detetive nas narrativas, ou seja, aquele que deve solucionar o crime apresentado no começo do romance policial. Ao mesmo tempo, o personagem principal é configurado como um agente, que deve fazer sua empresa de representação de atletas crescer no cenário esportivo da série.

No terceiro momento, no capítulo “Esporte-ficção: as modalidades esportivas representadas na série “Myron Bolitar””, analisamos como Harlan Coben se apropria de elementos contextuais, representando modalidades esportivas com as quais os leitores podem vir a se identificar, devido à similaridade com o contexto, para criar modalidades verossimilhantes em sua obra, as quais constituem o que denominamos de esporte-ficção, ou seja, um esporte que é um constructo literário, baseado em seu contexto, perpassado por elementos ficcionalizantes.

Por último, no capítulo “Harlan Coben, série “Myron Bolitar” e público leitor”, procuramos ilustrar como se dá a recepção das obras pelos leitores, de modo a verificar a aplicabilidade dos conceitos de narrativa transmídia (*transmedia storytelling*), cultura participativa e inteligência coletiva, que constituem a convergência (JENKINS, 2009). Deste modo, buscamos tematizar os meios que o público encontra para se manifestar, bem como o papel do escritor em relação a seus consumidores.

Salientamos que a representação do esporte será analisada de acordo com os preceitos da articulação entre texto e contexto (CANDIDO, 2014). Desse modo, o sentido de representação que empregamos nesta dissertação está baseado em Lippman (2008), o qual postula que, quando os sujeitos necessitam lidar com situações complexas, as representações da realidade – ou imagens dentro da cabeça, como ele denomina – são o acervo que lhes permitem se proteger em termos de preservação de valores e ideologias. Quem observa, portanto, é mais importante do que o objeto, pois as representações não são neutras, tão pouco reflexos nítidos, mas sim versões hiper-simplificadas da realidade (LIPPMANN, 2008).

Então, conjunto de influências individuais (estereótipos próprios) e culturais (estereótipos sociais), apesar de subjetivos – como apontado pelo escritor e jornalista – constitui ferramenta que auxilia os sujeitos a processarem informações e a proteger sua definição particular de realidade, caracterizando os estereótipos como fixos (LIPPMANN, 2008). Nesse sentido, consideramos que Harlan Coben, ao representar o contexto dos EUA e também elementos do campo esportivo em suas obras – não somente a série “Myron Bolitar”, mas também livros de enredos independentes de sua autoria –, emprega artifícios literários (CANDIDO, 2014), como, por exemplo, publicar sempre no mesmo gênero literário e seguir por mais de dez obras com um mesmo personagem, solicita que seus leitores lancem mão das representações pré-estabelecidas que têm, para focar então, na busca pelo criminoso do romance policial.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 2.1 O ESPORTE

O esporte, como o abordamos nesta pesquisa, corresponde a uma manifestação social, cuja a perspectiva atual desenvolve-se, inicialmente, na modernidade (COAKLEY, 2014). Como o historiador Jeffrey Hill (2006) postula, o fenômeno esportivo é algo que vem interessando muitas pessoas ao longo dos anos, não surpreendendo, portanto, o fato deste se tornar temática de pesquisa entre os acadêmicos (no caso do autor, na área de História) e conforme maior a adesão ao objeto de estudo, mais respeitabilidade este adquire (HILL, 2006).

Devido às particularidades deste estudo, focado na análise literária da representação esportiva, certificamos que nosso olhar sobre o esporte permaneceu sob o espectro das proposições de Coakley (2014) e Marchi Júnior (2015), pois “[...] a organização, significado e propósito dos esportes podem variar de um contexto cultural para outro” (COAKLEY, 2014, p. 7, tradução nossa), assim como os conceitos e os períodos históricos-sociais em que são desenvolvidos. Porém, não são escassas as fontes que abordam o conceito de esporte, e a seguir destacamos alguns autores que delinearam proposições acerca do fenômeno.

O sociólogo Norbert Elias (1995) interpreta o esporte moderno como um fenômeno capaz de gerar excitação, de modo a corresponder a uma catarse controlada das emoções do cotidiano, como, por exemplo, situações de risco ou tensão. Para o autor, a condição de civilização<sup>20</sup> de uma sociedade pode, nessa perspectiva, ser representada pelo grau de maturidade esportiva apresentado, principalmente em relação ao controle da violência e à autodisciplina necessária ao desenvolvimento da prática esportiva (ELIAS, 1995). Assim, para Elias o esporte moderno foi primeiramente prática restrita à elite social, ou seja, classes mais elevadas, porém, após a metade do século XIX, a classe média e operária se apropriou

---

<sup>20</sup> E a civilidade aqui refere-se à capacidade das sociedades de controlar emoções e manter as tensões equilibradas (ELIAS, 1995).

do fenômeno, devido ao processo de adequações civilizatórias que o autor sugere (ELIAS, 1995).

Hobsbawn (2012), por sua vez, associa o esporte moderno à sociedade burguesa que se desenvolvia na Inglaterra, a qual, segundo o autor, era constituída de detentores de capital, ou seja, empresários, proprietários, profissionais liberais de ‘alto escalão’, que os aproximava do estilo de vida da classe aristocrática. Junto a essa expansão industrial e, conseqüentemente, urbana, o esporte emerge como elemento de distinção de classes. Assim sendo, as modalidades esportivas eram praticadas por grupos específicos de sujeitos, pertencentes a uma camada social bem definida (HOBSEBAWN, 2012). Sobre as proposições de Hobsbawn, Marchi Júnior (2004) indica:

[...] O momento inicial propiciou ao *sport* facetas elitistas que, em determinadas modalidades, haveriam de ser rompidas pela profissionalização e popularização de sua prática nas camadas operárias da sociedade inglesa. O Futebol e o Boxe são bons exemplos para elucidar essa passagem. Entretanto, alguns esportes conservaram a representação de símbolos e signos de distinção social. É o caso do Tênis, do Rugby e do Golfe, entre outros. (MARCHI JÚNIOR, 2004, p. 35, destaque do autor).

Guttmann (1978), em outra perspectiva, associa o desenvolvimento do esporte moderno às sociedades em que estão inseridos e, portanto, como manifestação das necessidades desta sociedade. Deste modo, o autor propõe o esporte ou ‘*sport*’, como denomina, como competições detentoras de regras oficiais (GUTTMANN, 1978). Apresenta, então, sete categorias expostas na estrutura do esporte moderno, este já com características distintas da Antiguidade e da Idade Média, sendo elas: secularismo, equidade, especialização, racionalismo, organização burocrática, quantificação e busca por recordes<sup>21</sup> (GUTTMANN, 1978).

Para Bourdieu (1983), contudo, o fenômeno esportivo é caracterizado por manifestações de práticas sociais que ocorrem em local específico, denominado pelo autor como “*campo*”, e neste, os capitais social, cultural e econômico são encontrados<sup>22</sup>. O esporte, então, é o resultado das relações

---

<sup>21</sup> Para aprofundamentos Cf. GUTTMANN, 1978.

<sup>22</sup> Para aprofundamentos Cf. BOURDIEU, 1983.

mercadológicas que constituem a estrutura das sociedades, nas quais a constante relação entre oferta e demanda manifesta-se através da hegemonia de determinadas práticas (neste caso, esportivas), da distinção social dos sujeitos participantes, este estritamente relacionado ao potencial de poder simbólico (BOURDIEU, 1983).

O *campo esportivo*, conceito do qual fazemos uso nesta dissertação, é constituído, segundo o autor, do processo de transformação ao qual as práticas estão subordinadas, caracterizado por: aprimoramento, descontinuidade e mutação, estas como necessidade para adequação à sociedade de consumo, baseada na lógica mercantil (BOURDIEU, 1983). Deste modo, o sociólogo sugere que os jogos populares vão se transformando nos esportes modernos e, nesse processo, podem chegar ao ponto de espetacularização (BOURDIEU, 1983).

Após esta exploração sintética de alguns conceitos do esporte, destacamos Jay Coakley (2014, p. 11) ao expor o que denomina de “O Grande Mito do Esporte”, referindo-se à noção disseminada globalmente de que o esporte é puro e bom em sua essência, e esses valores são transferidos ou adquiridos por quem pratica atividades esportivas. Porém, segundo Coakley (2014), esta concepção é um mito, uma vez “[...] que simplesmente participar ou consumir esportes não garante resultados relacionados ao desenvolvimento do caráter ou aumento da pureza e da bondade” (COAKLEY, 2014, p. 11, tradução nossa<sup>23</sup>).

Sob este prisma, o autor sugere que o estudo sobre os esportes seria área desnecessária, uma vez que o fenômeno já é o que deveria ser (COAKLEY, 2014). No entanto, o autor parte dessa convicção social para discutir aspectos que demonstram como decisões importantes acerca do esporte baseiam-se no mito como justificativa, como, por exemplo, a escolha de cidades-sede para megaeventos esportivos e os possíveis legados destes (COAKLEY, 2014).

Evidenciamos que Jay Coakley é norte-americano e em muitos casos pauta seus argumentos no contexto estadunidense, este que é manifesto na

---

<sup>23</sup> Tradução do original: “[...] *that merely participating in or consuming sports does not guarantee any particular outcomes related to character development or increased purity and goodness*” (COAKLEY, 2014, p. 11).

série literária em foco nesta pesquisa. Sob este ângulo, adotamos a proposição de Coakley (2014, p. 8) sobre o conceito de esporte, o qual varia de uma cultura para outra, mas no caso dos EUA as definições de esporte por organizações e órgãos oficiais são mais restritas, uma vez que a prioridade repousa sobre atividades competitivas e formalmente organizadas. Ainda segundo o mesmo autor, para a maioria dos estadunidenses o esporte envolve regras, competições, vencedores e perdedores, pontuações, treinamento, instituições que regulamentam e patrocinam os esportes, entre outros aspectos (COAKLEY, 2014).

Em concomitância com Coakley, pautaremos a percepção de esporte produzida por Marchi Júnior (2015), devido à proximidade temática entre ambos:

[...] O **esporte** é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinamicamente e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização. (MARCHI JÚNIOR., 2015, p. 59, grifo do autor).

Compreendemos que a característica global que o esporte apresenta, assim como o estágio em que se encontra (mercantilização, profissionalização e espetacularização) são transpostos para a estrutura interna das obras, através de elementos ficcionalizantes, originando o esporte da ficção baseado em elementos contextuais de Harlan Coben, o qual iremos explorar nos capítulos adiante. Outro fator a ser postulado, é que o esporte configura-se como um constructo contextual no qual o autor Harlan Coben pôde basear seu enredo, não se preocupando excessivamente a respeito da possível não compreensão dos leitores, principalmente estrangeiros, sobre os trechos em que práticas esportivas eram descritas, pois mesmo nos livros algumas passagens ocuparam-se de ilustrar sobre as práticas destacadas, como no caso do Golfe, e podemos atribuir isso ao que Bourdieu (1983) descreve como o distintivo potencial de consumo.



## 2.2 A ANÁLISE LITERÁRIA

Esta pesquisa utiliza como aporte metodológico a análise literária, elegendo a proposta de Antonio Candido (2014)<sup>24</sup>, exposta em sua obra *Literatura e Sociedade*, que considera como estruturantes das obras literárias o texto e o contexto, ou seja, avaliamos no decorrer da análise o vínculo entre a obra propriamente dita e o ambiente em que foi produzida, assim como o espaço público ao qual se destina.

Nesse sentido, texto e contexto não podem ser compreendidos isoladamente, pois, como Candido (2014, p. 14) ressalta, os elementos *externos*, leiam-se, sociais, irão constituir função na organização estrutural das obras, tornando-se assim, elementos *internos* aos escritos. O autor, portanto, destaca diferentes métodos a serem empregados nos estudos de obras literárias<sup>25</sup>, dos quais elegemos a segunda modalidade analítica para o desenvolvimento desta pesquisa: “[...] estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade descrevendo os seus vários aspectos” (CANDIDO, 2014, p.19).

Já sobre o esporte e sua relação com a literatura, Jeffrey Hill (2006, p. 15) esclarece que o primeiro pode ser considerado como um fenômeno capaz de comunicar uma variedade expressiva de ideias para aqueles que acompanham. Segundo o autor, o modo como as pessoas ‘leem’ sobre esporte, no entanto, irá variar conforme não somente o sujeito leitor, mas também o local em que lê e esse fator é tão incerto como sua própria transmissão (HILL, 2006). “[...] Para resumir, é muito importante para nós [saber] como o esporte é *representado* e *mediado*, para compreendermos os esportes e, por extensão, a sociedade” (HILL, 2006, p. 15, destaques do autor, tradução nossa<sup>26</sup>)<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> A primeira edição desta obra é de 1965, como exposto no prefácio da edição utilizada.

<sup>25</sup> Cf. Candido, 2014.

<sup>26</sup> Tradução do original: “[...] *In short, how sport is **represented** and **mediated** to us is very important for what we understand sport, and by extension society, to be*” (HILL, 2006, p. 15, grifo do autor).

<sup>27</sup> O autor realiza também um levantamento da relação entre a literatura e a história e como os historiadores vêm se apropriando da escrita criativa (de ficção) para estudos do meio acadêmico, assim como ressalta o desenvolvimento de publicações voltadas ao esporte e à literatura, como a revista “*Aethlon: The Journal of Sports Literature*”, publicada bianualmente desde 1982 pela *East Tennessee State University*. Cf. Hill, 2006.

Corroborando Candido (2014), Hill (2006) aplica em seu estudo a perspectiva de correspondência entre texto e prática, cujo texto – e este como produto daquele que o desenvolve, ou seja, o escritor –, apesar de estar inserido em condições sociais e econômicas específicas, possui também autonomia: “[...] Em outras palavras, o texto tem a capacidade de *criar* significados, tanto quanto de *refletir* significados criados em outros lugares” (HILL, 2006, p. 22, destaque do autor, tradução nossa<sup>28</sup>).

Localizamos, destarte, as obras de Harlan Coben como *arte de agregação*, uma vez que os enredos “inspiram-se na experiência coletiva” e visam “a meios comunicativos acessíveis” (CANDIDO, 2014, p. 33). E, para tal, objetivando a compreensão dessa comunicação artística, debruçamos nossa análise sobre as características imbricadas da produção literária, que envolve: o autor, a obra e o público. Sobre isso, Candido (2014) esclarece que:

[...] não convém separar a repercussão da obra da sua leitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige. (CANDIDO, 2014, p. 31).

Reuter (2014) indica que o autor é o indivíduo que está no plano real do universo, mas cuja existência situa-se num local de “não-texto”, o que lhe permite exercer sua liberdade enquanto escritor, narrando as histórias por meio de diversas identidades. Candido (2014), por sua vez, alega que a obra depende do artista que a produz, mas é influída, principalmente, pelas condições sociais que circundam esse artista e determinam sua posição, como, por exemplo, o local em que nasceu e foi criado ou sua disposição perante a classe de escritores.

No caso de Harlan Coben, por exemplo, o contexto geográfico norte-americano, especialmente a região nordeste, onde fica o estado de Nova Jersey (EUA), onde o autor mora, é o fator mais representado em seus

---

<sup>28</sup> Tradução do original: “[...] *In other words the text has the capacity to **create** meaning, as much as to **reflect** meanings construed elsewhere*”. (HILL, 2006, p. 22, destaque do autor).

enredos, pois mesmo que os personagens mudem conforme a obra (e aqui consideramos as produções de enredo único do autor, além da série “Myron Bolitar” e “Mickey Bolitar”), as cidades de Nova Jersey e Nova York, a última no estado vizinho, são continuamente descritas nos livros.

Voltando ao raciocínio anterior, logo, o escritor não se configura somente como aquele que exprime sua originalidade, mas é também um indivíduo que assume a iniciativa da obra e desempenha *papel social*, capaz de corresponder às expectativas dos leitores e ao seu grupo profissional (CANDIDO, 2014). As fontes de sua criação, então, sobrevivem não somente da experiência pessoal do autor, mas também da experiência daqueles que o cercam e da imaginação, a última como determinante ficcional (BONET, 1970).

Acerca da obra, Candido a define como dependente “[...] estritamente do artista e das condições sociais que determinam sua posição [do artista]” (CANDIDO, 2014, p. 40). Sua manifestação, portanto, estará correlacionada ao momento histórico, configurando-se como uma mediação entre o autor e o público ao qual está destinada, o que define a sua função comunicante.

O leitor, por sua vez, é aquele que compreendemos como público. Ele dará sentido à realidade da obra, configurado pela existência e tipo dos meios de comunicação. O público não pode ser compreendido como um grupo social, todavia como uma aglutinação de indivíduos cujo “denominador comum é o interesse por um fato” (CANDIDO, 2014, p. 86). Candido (2014), ainda ressalta que a presença do público é de suma importância para a orientação final de uma obra e o destino de um artista.

[...] A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2014, p. 84).

No entanto, Compagnon (2014) indica níveis de análise díspares, através do estabelecimento de diferentes abordagens para a análise literária,

das quais cada uma objetiva um nível diferente daqueles que elencamos anteriormente. Sendo assim, a abordagem objetiva da literatura está interessada na análise da obra; já a abordagem expressiva enfoca o artista (o autor, escritor); a abordagem mimética restringe-se ao mundo social que cerca a obra e sua produção; enquanto que a abordagem pragmática se volta para o público, para os leitores (CAMPAGNON, 2014, p. 137).

Nesse sentido, salientamos que mantemos como método de análise a proposta de Candido (2014), dada a possibilidade de exploração de autor, obra e público imbricados em sua compreensão, combinando as fontes produzidas pelo autor (as obras da série) àquelas criadas pelos leitores (histórias de fãs – *fan fictions* – baseadas nos enredos originais e páginas oficiais de leitores em redes sociais).

Para tal, nosso escopo de análise centrou-se nas obras da série “Myron Bolitar”, de Harlan Coben, que datam, originalmente, das décadas de 1990, 2000 e 2010, com as traduções brasileiras publicadas a partir da década de 2010. Nosso recorte metodológico consistiu em analisar aspectos relacionados ao fenômeno esportivo que são expostos nas narrativas, e foram consideradas as obras em português, recorrendo às publicações originais como aporte esclarecedor de imprecisões pontuais.

Como descrevemos anteriormente, a série “Myron Bolitar” é composta por onze livros, os quais analisamos respeitando a sequência de apresentação do enredo (TABELA 1), delimitando o foco da investigação sobre as passagens literárias que enfatizavam a descrição de elementos esportivos, tais como modalidades esportivas e atletas.

TABELA 1 – OBRAS DA SÉRIE “MYRON BOLITAR”

SEQUÊNCIA DA SÉRIE	TÍTULO DA PUBLICAÇÃO BRASILEIRA	ANO DA PUBLICAÇÃO ORIGINAL (EUA)	ANO DE PUBLICAÇÃO EM PORTUGUÊS (BRASIL)	NÚMERO DE PÁGINAS
1	Quebra de Confiança	1995	2011	269
2	Jogada Mortal	1996	2012	255
3	Sem Deixar Rastros	1996	2012	271
4	O Preço da Vitória	1997	2013	256
5	Um Passo em Falso	1998	2014	269
6	Detalhe Final	1999	2015	303
7	O Medo Mais Profundo	2000	2016	270
8	A Promessa	2006	2008	351
9	Quando Ela se Foi	2009	2011	250
10	Alta Tensão	2011	2011	271
11	<i>Home</i>	2016	Ainda não lançado no Brasil <sup>29</sup>	

FONTE: A autora (2017).

A seleção dos trechos literários que abordavam a temática esportiva respeitou a ênfase dada pelo autor para as descrições. Portanto, elegemos para análise, prioritariamente, as passagens que expunham as modalidades esportivas representadas de modo a caracterizá-las enquanto cenário e possíveis regras de competição, assim como personagens-atletas cujas habilidades esportivas eram destacadas em sua tipificação. Salientamos que tais passagens se encontravam mescladas a cenas importantes dos enredos – como, por exemplo, exposição das vítimas, interrogatórios feitos pelo personagem principal, localização de pistas sobre o crime ou o desfecho das narrativas – apresentando incidência mais elevada nos primeiros livros da série em relação às últimas publicações, assim como obtendo maior evidência para os leitores.

Deste modo, foi possível identificar que os constructos esportivos se dão, na literatura de Harlan Coben, de modo a delinear personagens, cenários e situações pelas quais o protagonista passa. Isso ocorre então, por meio da ênfase a modalidades esportivas, personagens que são atletas de esportes coletivos e individuais e constituição da personagem principal –

<sup>29</sup> Até o encerramento desta dissertação, o 11º livro não foi lançado em português. A publicação foi lançada em abril do ano de 2018, pela editora Arqueiro.

elementos esses, que auxiliaram a estrutura e o desenvolvimento dos capítulos desta dissertação.

## 2.3 ASPECTOS DA CONVERGÊNCIA

Acerca das fontes produzidas pelo público, analisamos a recepção por meio de publicações do escritor Harlan Coben, assim como a página oficial dos leitores/fãs da série na rede social *Facebook*, denominada “Série Myron Bolitar – Harlan Coben” e “*Fans of Myron Bolitar, Windsor Horne Lockwood III, and Harlan Coben*”.

Pierre Lévy (2010) indica que o ciberespaço (ou rede) é o meio de comunicação mais recente que surge da interconexão mundial dos computadores, configurando-se como um dispositivo de comunicação interativo e comunitário. E por convir cada vez mais como mídia de comunicação, possibilita que pessoas geograficamente distantes alimentem simultaneamente bases de dados com informações próprias e, do mesmo modo, recebam subsídios para ampliar seu acervo particular (LÉVY, 2010, p. 107).

Por esse motivo elegemos as páginas de fãs/leitores da rede social *Facebook*, “Série Myron Bolitar – Harlan Coben” e “*Fans of Myron Bolitar, Windsor Horne Lockwood III, and Harlan Coben*”<sup>30</sup>, devido às discussões sobre as obras do escritor promovidas pelos grupos e a configuração como mídia de comunicação, indicada por Lévy (2010). Também foi utilizada, como critério complementar e no intuito de analisar ponto de vista distinto, a página oficial do autor Harlan Coben nas redes sociais *Twitter* e *Facebook* para averiguação de seu relacionamento com os leitores/fãs da série, por meio da seleção das publicações em que a série “Myron Bolitar” era mencionada, entre os meses janeiro de 2016 e novembro de 2017. Contudo, o autor tem por hábito publicar conteúdos idênticos em ambas as redes sociais, repetindo o conteúdo, de modo foram contabilizadas e consideradas para esta dissertação 34 postagens ao todo.

---

<sup>30</sup> Página disponível no link: <<https://www.facebook.com/groups/481399641882635/>>. Acesso em: 15 de mar. 2018.

Para analisar tais dispositivos, elegemos os conceitos propostos por Henry Jenkins em sua obra *Cultura da Convergência* (2009), na qual o autor destaca conceitos-chaves para compreendermos um período em que novas e velhas mídias colidem e ocorre o cruzamento de mídias alternativas e mídias tradicionais. Desenvolvemos, aqui, a relação entre autor-público e público-obra utilizando os conceitos de “cultura participativa”, “inteligência coletiva” e “transmídia”, pois a convergência relaciona-se tanto à perspectiva corporativa (de cima para baixo), quanto à perspectiva de consumo (de baixo para cima) (JENKINS, 2009, p. 46).

A cultura participativa ignora a cisão de um consumidor passivo e admite o espectador, nesse caso o leitor, como um indivíduo dotado de opinião, capaz de interagir e participar da cultura, em um processo regido (JENKINS, 2009, p. 30). Diante disso, há a possibilidade de se compreender a apreensão do público sobre as obras do autor, bem como a interação estabelecida com o mesmo, de modo a identificar características que se repetem ao longo dos livros ou que, por uma rejeição do público, saem dos enredos.

A inteligência coletiva, por sua vez, qualifica “[...] a capacidade das comunidades virtuais de alavancar a expertise combinada de seus membros” (JENKINS, 2009, p. 56), os quais podem migrar entre os grupos existentes ou, então, integrar mais de uma comunidade simultaneamente. Por exemplo, os leitores que comentam e contribuem com diferentes páginas de discussão das obras de Harlan Coben, ou que desenvolvem seus modos particulares de divulgar resenhas que escreveram sobre os livros que leram<sup>31</sup>.

A transmídia, ou narrativa transmídia como denominada por Jenkins, “refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento” (JENKINS, 2009, p. 49). Os consumidores, ou seja, o público, perseguem pedaços das

---

<sup>31</sup> Por exemplo as resenhas disponibilizadas por leitores nos *weblogs* “lara Guez”. Disponível em: <<http://www.yaraguez.com.br/2017/01/harlan-coben-especial-de-aniversario.html>>. Acesso em: 11 de dez. de 2017; “Paraíso Literário”. Disponível em: <<http://www.paraisoliterario.com/2017/08/resenha-serie-myron-bolitar-2-jogada.html>>. Acesso em: 11 de dez. de 2017; e “Fantástica Ficção”. Disponível em: <<https://fanficcao.wordpress.com/2017/10/06/resenha-sem-deixar-rastros-harlan-coben-serie-myron-bolitar-livro-03/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

histórias por diferentes canais midiáticos (televisão, jogos eletrônicos, sites oficiais, etc.), assumindo um papel de caçadores de informações<sup>32</sup>. E, ao interagir na comunidade de conhecimento, os fãs comparam suas observações através de grupos de discussão, ampliando a experiência de entretenimento.

Douglas Kellner em *A Cultura da Mídia* (2001) aponta para a necessidade de se observar os aspectos da cultura midiática como componentes que encerram, em suas produções e reproduções, discursos sociais e políticos, e, portanto, carecem de análise crítica que compreenda as esferas políticas, econômicas e sociais em que são criados, vinculados e recebidos (KELLNER, 2001, p. 13). Desse modo, compreendemos que elementos sociais, como o esporte moderno e demais temáticas de relevância para a sociedade contemporânea, influem sobre o autor Harlan Coben que, ao escrever sua obra, considera o contexto social em que está, a sua posição em meio à classe artística, bem como o público ao qual seu livro se destina.

Os conceitos da convergência (JENKINS, 2009) possibilitaram a abordagem do público ao qual às obras de Coben se destinam, de modo que identificamos a manifestação dos leitores/fãs em redes sociais, mais especificamente através de grupos de fãs que administram e contribuem com páginas de discussão no *Facebook* e fãs que interagem com o escritor através de comentários no *Twitter* de Harlan Coben<sup>33</sup>.

Na rede social digital *Facebook* foi realizada a busca por grupos de fãs por meio do nome do protagonista da série analisada, “Myron Bolitar”, e três grupos foram localizados. Destes, foram selecionados dois grupos, sendo um brasileiro e fechado<sup>34</sup>, *Série Myron Bolitar/Harlan Coben*, e um norte-americano e aberto ao público, *Fans of Myron Bolitar, Windsor Horne Lockwood III and Harlan Coben*, devido ao número de participantes, 838 e

---

<sup>32</sup> Henry Jenkins exemplifica a narrativa transmidiática por meio da série de filmes *Matrix*, que envolveu os fãs em uma caçada por informações em diferentes mídias. Cf. Jenkins, 2009.

<sup>33</sup> Salientamos que o acompanhamento da rede de leitores/fãs se deu pelas páginas do *Facebook*, enquanto o acompanhamento do autor e sua interação com os fãs se deu pelo acompanhamento de sua página no *Twitter*.

<sup>34</sup> Ou seja, para participar é necessário o cadastro ativo na rede social e solicitação de participação aprovada por membro do grupo.



1250<sup>35</sup>, respectivamente. Em ambas as páginas, todas as publicações relacionadas à série “Myron Bolitar”, com ênfase nas postagens que relacionavam às obras aos esportes<sup>36</sup>, entre 01 de janeiro de 2016 e 30 de novembro de 2017 foram consideradas, através da observação do conteúdo da publicação e principais comentários de demais integrantes dos grupos.

Na rede social digital *Twitter* foi analisada a página do escritor Harlan Coben, no intuito de verificar como se deu a sua comunicação com os leitores/fãs que o seguiam, devido à possibilidade de diálogo entre escritor e público promovida pela plataforma, de maneira simplificada em relação ao *Facebook*, devido à limitação da quantidade de caracteres permitidos, assim como o uso mais frequente (diário) dessa mídia pelo autor. Foram consideradas todas as publicações em que o personagem *Myron Bolitar* foi mencionado, contabilizando 34 publicações entre 01 de janeiro de 2016 e 30 de novembro de 2017.

Ainda no intuito de atingir a ação dos leitores/fãs, entre os meses de setembro a novembro de 2017, foram realizadas buscas por plataformas digitais de *fanfictions*, ou seja, *sites* que disponibilizam espaço para leitores escreverem histórias próprias, baseadas em enredos dos livros dos quais são fãs (THOMAS, 2011). Foram realizadas buscas através da utilização do termo “Myron Bolitar” em dois *sites* brasileiros, os portais *Nyah*<sup>37</sup> e *Spirit*<sup>38</sup>, porém nenhuma ocorrência foi localizada. Deste modo, dois fóruns norte-americanos foram selecionados, *Archive of Our Own* (AOO – Arquivo Próprio), no qual foram localizadas sete histórias de fãs publicadas, e *Fanfic.net*, onde foram encontradas oito histórias, através da busca pelo termo “Myron Bolitar”. Então, no capítulo seis desta dissertação, exploramos como se deu a manifestação do público e sua relação com o escritor Harlan Coben.

---

<sup>35</sup> Valores de referência atualizados em março de 2018. Para número de integrantes mais preciso, consultar as páginas, disponíveis nos *links*: <<https://www.facebook.com/groups/seriemyronbolitar/about/>>; e <<https://www.facebook.com/groups/481399641882635/about/>>. Acesso em: 16 de mar. 2018.

<sup>36</sup> Apenas uma ocorrência de publicação que tematizava os esportes na série literária analisada foi encontrada, postada em novembro de 2017, na página do grupo de fãs brasileiros.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/>>. Acesso em: 15 de mar. 2018.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/>>. Acesso em: 15 de mar. 2018.

## 2.4 O ROMANCE POLICIAL

Mediante o delineamento histórico ocidental, o gênero romance policial constitui-se no século XIX, a partir de três contos de mistério de Edgar Allan Poe (POE, 2000), que introduz o personagem-detetive Auguste Dupin nas narrativas do autor, são elas: *Os Assassínatos na Rua Morgue* (1841), *O Mistério de Marie Rôget* (1842) e *A Carta Roubada* (1845). Sandra Reimão (1983) estipula cinco aspectos que contribuíram para o desenvolvimento do gênero neste período histórico em específico, o da Modernidade, alguns dos quais podemos associar ao desenvolvimento do próprio esporte.

Primeiro, segundo a autora, é na Europa do século XIX que os jornais populares de alta tiragem surgem, contendo seções que valorizavam a notícia de dramas individuais, caracterizados na narrativa por excessos de dramas e cuja capacidade de despertar o prazer mórbido dos leitores consolidou público e abriu possibilidade para o desenvolvimento de narrativas semelhantes, entre elas o romance policial (REIMÃO, 1983).

No segundo caso, este público fiel dos jornais é encontrado habitando o espaço industrial, urbano, e a autora postula as cidades como espaço do crime nos enredos policiais (REIMÃO, 1983, p. 10) e Oliveira (2014, p.28) ilustra que o romance policial surge “[...] como uma literatura que reflete as consequências da massificação existente na cidade”; terceiro, o surgimento da polícia como instituição, na acepção contemporânea, também possui sua gênese no século XIX (REIMÃO, 1983); quarto, referindo-se ao período histórico como Positivista, Reimão (1983) sugere que tais características manifestaram-se na construção das narrativas policiais, pois para ela o Positivismo “[...] tinha como crença básica, como pressuposto fundamental a afirmação de que os fenômenos são regidos por leis” (REIMÃO, 1983, p. 12); e por último, a visão de criminoso como inimigo social, que prejudica não somente o cidadão lesado diretamente, mas também a sociedade como um todo.

[...] angariando o público leitor criado pelo surgimento dos jornais populares; elaborando a narrativa, entre outros, com os elementos articulado nas narrativas de fatos raros destes jornais (curiosidade e desafio do mistério, atração pela desgraça alheia, sensação de

justiça que solicita reparos etc.); trabalhando com a nova realidade dos conglomerados urbanos industriais; lidando com a insegurança da população, que logo vem a não confiar na polícia formada por ex-infratores; partilhando com seus contemporâneos o fascínio pelas ideias positivistas e pela nova concepção de homens que ele engendra; assim compartilhando, via de regra, pelo menos no início, a ideia de criminoso como um inimigo social, surgirá a narrativa policial moderna. (REIMÃO, 1983, p. 15).

Boileau e Narcejac (1991) afirmam então, a ligação que os romances policiais têm, já na sua origem, com a literatura popular, pois promovem tensões relacionadas ao prazer e ao medo, instigando o leitor ao final da narrativa. Para Albuquerque (1979), o romance policial desenvolve-se como consequência do romance de aventuras, nos quais a dualidade bem e mal era constantemente explorada, e “[...] com o advento do raciocínio e da lógica, o romance de aventuras se transformou, após um longo e algumas vezes confuso período evolutivo, no que chamamos hoje de romance policial” (ALBUQUERQUE, 1979, p. 12). O bem e o mal, então, estariam representados no romance policial pelo detetive e pelo criminoso, respectivamente, e a vítima corresponde ao elo entre ambos.

Sendo assim, o romance policial é constituído por três personagens essenciais, quais sejam, o detetive, a vítima e o criminoso, sustentados no enredo pela investigação desenvolvida, ou seja, a busca pela identidade do contraventor (ALBUQUERQUE, 1979; REIMÃO, 1983, MASSI, 2009a, 2011). Embora esta seja a estrutura clássica do romance policial, desde os contos de Poe, passando por escritores como Sir Arthur Conan Doyle e Agatha Christie, até escritores contemporâneos<sup>39</sup>, a construção narrativa se mantém fechada com relação à existência de tais personagens nos enredos policiais.

O detetive é o protagonista do romance policial, o personagem que o leitor acompanhará na investigação até o findar da narrativa. Nos romances policiais clássicos, intimamente relacionados aos contos de Poe e aos romances de Doyle e Christie, a figura do detetive era central na narrativa e sua *performance* enfatizada (MASSI, 2011); A vítima, em seu papel sempre secundário, tem de passar pelo sofrimento ou pela morte pois é o meio do criminoso surgir no enredo e atingir seus objetivos (MASSI, 2011); Já o criminoso, figura essencial à narrativa policial (ALBUQUERQUE, 1979;

---

<sup>39</sup> Para exemplos de análise acerca de romances policiais contemporâneos Cf. MASSI, 2011.

REIMÃO, 1983; MASSI, 2011), deve ser capaz de manter sua identidade oculta até o encerramento do enredo, legitimando a existência do detetive e atuando devidamente, o que segundo Lins (1947), consiste:

[...] no romance escrito do ponto de vista policial, o roubo como motivo do crime provoca um certo desequilíbrio ou desajustamento, retirando o duelo entre o criminoso e o detetive, daquele necessário plano de igualdade de condições, uma vez que, sendo o roubo antipático e incapaz de explicação grandiosa, toda a simpatia do leitor inclina-se para o lado da polícia, enquanto o criminoso fica inteiramente abandonado como um cão raivoso que se fosse perseguir a pedradas. Assim, o verdadeiro núcleo do romance policial está no assassinato, que tem além de tudo o privilégio de colocar o leitor diante do mistério da morte, aquele que mais excita, inquieta e apavora a natureza humana”. (LINS, 1947, p. 19).

Todorov (2003), ao estipular uma *Tipologia do Romance Policial*, admite que este, enquanto literatura de massa<sup>40</sup>, é regido por normas que são estritamente respeitadas pelos escritores: “[...] O romance policial por excelência não é aquele que transgride as regras do gênero, mas aquele que a elas se conforma” (TODOROV, 2003, p. 65). É esta definição, que Todorov alega ser fácil, que lhe permite, então, estipular “espécies” de romance policial: o romance policial clássico, também conhecido como ‘romance de enigma’, o romance policial *noir* e o romance policial de suspense.

O crime e a investigação, nesse ínterim, são as duas histórias que balizam o desenvolvimento do romance policial clássico (TODOROV, 2003). O crime propriamente dito, a primeira história, é aquele que já está concluído e que possibilita o desenvolvimento da segunda história. A investigação, por sua vez, enquanto segunda história, deve obrigatoriamente possuir um narrador<sup>41</sup>, que informa ao leitor as ações dos detetives assim como o desencadeamento dos fatos expostos na narrativa (TODOROV, 2003, p. 65-70).

O romance *noir* tem sua origem pouco antes da Segunda Guerra Mundial, mas se consolida após o findar dessa, e tem por característica a

<sup>40</sup> Para Todorov (2003), a dialética entre obra e gênero é fator atribuído a literatura, regida pela estética de diferenciação, enquanto que tal dicotomia não cabe a literatura de massa, pois: “[...] geralmente, a obra-prima literária não se encaixa em nenhum gênero, a não ser em seu próprio; mas a obra-prima da literatura de massa é precisamente o livro que melhor se inscreve em seu gênero” (TODOROV, 2003, p. 65). Cf. TODOROV, 2003.

<sup>41</sup> Que, segundo Todorov (2003), não raro é representado por um amigo do detetive. Este amigo assume estar escrevendo um livro e justifica o surgimento da narrativa.

união de crime e investigação (TODOROV, 2003). Deste modo, a mudança em relação ao primeiro tipo de romance policial está relacionada à temática, porquanto que o romance *noir* altera a representação de ambientes, personagens e a narrativa é concomitante à ação do detetive (TODOROV, 2003). Outra característica acerca do detetive, é que este, na perspectiva *noir*, é autorizado a correr riscos na trama, ou seja, colocar-se em perigo, assim como há a possibilidade de existir mais de um detetive ou mais de um criminoso no enredo (TODOROV, 2003, p. 70-74).

[...] assim, o romance *noir*, ao qual toda ênfase nos procedimentos literários é alheia, não reserva suas surpresas para as últimas linhas do capítulo; ao passo que o romance de enigma, que legaliza a convenção literária explicitando-a na sua "segunda história" [investigação], muitas vezes terminará o capítulo com uma revelação particularmente surpreendente. (TODOROV, 2003, p. 73).

Acerca do terceiro tipo de romance policial, o romance de suspense, Todorov (2003) postula que este reúne características dos outros dois tipos, descritos anteriormente, cujo enigma, crime e investigação são mantidos, porém, segundo o autor: “[...] o mistério tem uma função diferente da que tinha no romance de enigma: é antes um ponto de partida, o interesse principal vem da segunda história, aquela que se desenrola no presente” (TODOROV, 2003, p. 74). Portanto, a segunda história sobressai no enredo, de modo que a narrativa priorize a descrição de cenas no tempo presente.

Ainda no romance de suspense, Todorov (2003) destaca duas nuances alocadas à categoria: 1) a “história do detetive vulnerável”, cujo detetive representa exatamente o que sugere seu adjetivo e está sujeito a apanhar, sofrer, correr risco de vida, ser ferido, ou seja, suscetível assim como a vítima; e 2) a “história do suspeito-detetive”, na qual o crime é exposto no início das narrativas e o detetive, leia-se o protagonista, descrito como um dos possíveis suspeitos e que tem de provar sua inocência perante a polícia, assim como localizar o verdadeiro criminoso por conta própria (TODOROV, 2003, p. 75).

Exposta a tipologia, podemos alocar os romances policiais de Harlan Coben, principalmente a série “Myron Bolitar”, no último tipo descrito por

Todorov (2003), porque localizamos ocorrências na construção dos enredos em que tais características se manifestam. O crime é exposto nos primeiros capítulos das tramas e a investigação perpassa toda a narrativa, descrita em tempo presente. No entanto, esclarecemos que o narrador na série “Myron Bolitar” é desconhecido, sujeito cuja voz narrativa é informada ao leitor em terceira pessoa do singular, não sendo, destarte, personagem próximo ao detetive. Mesmo assim, há na série elementos que combinam a vulnerabilidade do detetive – que necessita do personagem Windsor Horne Lockwood III para lhe auxiliar – a sua delimitação como suspeito<sup>42</sup>.

Acerca do narrador, podemos alocar a série “Myron Bolitar” como em terceira pessoa, mas este pode ser configurado ainda como um narrador que é autor onisciente e intruso. Segundo Leite (1985), este tipo de narrador é flexível, podendo estar situado em qualquer ângulo para expor as informações a serem narradas, “[...] Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 1985, p. 25-26).

A série “Myron Bolitar” é configurada como série de romance policial, porém, abarca características contemporâneas da estrutura, pois, embora Todorov (2003) estabeleça o gênero como literatura de massa de normas estruturais bem definidas, o percurso cronológico do gênero sofreu influências. Freitas (2007, p. 5) estipula que “[...] o romance policial clássico busca a mais completa verossimilhança”. Fernanda Massi (2011) esclarece em sua pesquisa distinções entre o romance policial tradicional e o romance policial contemporâneo e, para a autora, os escritores contemporâneos mantêm a tríade criminoso-vítima-detetive, porém, abordam temas além da solução sobre a identidade do criminoso (MASSI, 2011, p. 22).

Os romances policiais contemporâneos, segundo Massi (2011), deslocam-se textualmente em relação aos tradicionais nos seguintes pontos: a) deslocamento da *performance* tanto do criminoso quanto do detetive, pois

---

<sup>42</sup> No segundo livro da série, por exemplo, *Jogada Mortal* (2012), Myron é suspeito de estar envolvido no assassinato da vítima, assim como seu cliente, Duane Richwood. Outra situação localizada é quando Myron torna-se “suspeito por extensão”, uma vez que é caracterizado como agente esportivo e como atribuição tem de proteger seus clientes, exemplificado através do enredo de *Quebra de Confiança* (2011) e *Detalhe Final* (2015).

os locais dos assassinatos, motivação para o crime e meios para resolução deste são diferenciados; b) quanto à presença de equipes de investigação, que auxiliam o detetive do romance contemporâneo na resolução das investigações<sup>43</sup>; e c) temáticas exploradas nos enredos, já que os escritores transpõem para as narrativas policiais contemporâneas temas de apelo neste período, como divórcio, homossexualidade, atentados terroristas, doenças infectocontagiosas, prostituição e uso de entorpecentes. A pesquisadora ressalta tal deslocamento temático e justifica: “[...] os romances policiais contemporâneos [seus autores] querem falar de outros temas usando a estrutura clássica do gênero policial, que representa um aval para o sucesso” (MASSI, 2011, p. 158-159).

As obras de Coben são, portanto, romances policiais de suspense que tematizam a prática esportiva, de modo que analisamos qual a concepção adotada pelo autor no processo de escrita da série “Myron Bolitar”. Para tal, os preceitos da análise literária propostos por Candido (2014) foram empregados, através da verificação contínua das imbricações entre texto e contexto. Candido (2014) ressalta a importância de se analisar o público ao qual as obras estão dirigidas, pois este elemento dá sentido à produção do escritor, de modo que, através da Convergência (JENKINS, 2009), identificamos que o público de Coben se manifesta através das mídias digitais, mais especificamente organizados em redes sociais, possibilitando a verificação da relação de leitores/fãs com autor e obra.

---

<sup>43</sup> Tais auxiliares do saber (MASSI, 2011) já estavam presentes na configuração dos romances policiais tradicionais, porém, não interferiam diretamente na performance do detetive. Este era o único responsável pela resolução dos casos e seus “ajudantes” eram uma ponte até os leitores, pois recebiam as explicações dos procedimentos adotados pelo detetive.

### 3 O PARADIGMA DA INTANGIBILIDADE: OS ATLETAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”

[...] – O que tornava você um atleta excepcional? – respondeu Esperanza<sup>44</sup>. – Não estou falando apenas bom atleta, mas um profissional dos melhores, de primeira linha.  
- [Myron respondeu] Talento, esforço, genética...  
- Muitas pessoas têm isso tudo. Mas o que distingue os excepcionais dos quase excepcionais são os intangíveis. (COBEN, 2011b, p. 110-111).

A denominação da palavra atleta tem sua origem no Latim (*athleta*) e no Grego (*athletes*), referindo-se aos “competidores dos jogos”, cuja variante, *athlein*, designava a competição motivada pelo prêmio (MIGUEL, 2014). Recorrer à etimologia para iniciar este capítulo pode parecer um recurso confiável ou um chavão acadêmico, porém, neste momento apresenta-se como a alternativa para introduzirmos aqueles sobre os quais este capítulo discorrerá: os atletas representados na série “Myron Bolitar”.

Tomamos os “jogos”, do parágrafo acima enquanto as competições da Antiguidade grega em homenagem aos deuses, cuja vitória era designada àquele que estivesse melhor preparado, apto a aprimorar suas habilidades e sobressair-se diante dos demais competidores (TSIRAKIS, 2004), este era o atleta. No entanto, a condição contemporânea difere da perspectiva da Antiguidade grega, pois, segundo Rubio (2001), a perspectiva do ser atleta desloca-se da preparação física e atlética, que constituía parte da educação e da formação enquanto cidadão grego, cujo exercício de guardião e “esportista” eram concomitantes, passando para a perspectiva do alto rendimento, na qual o atleta é vinculado ao espetáculo e ao lazer. Helal (1998), por sua vez, salienta que é a presença dos “heróis”, “ídolos” e “estrelas” que ampara os fenômenos de massa, como é o caso do esporte moderno.

Pautamos a introdução deste capítulo nessa correspondência entre os termos destacados por Helal (1998), pois esta é a representação que Coben atribuí aos personagens-atletas que descreve nos enredos da série “Myron Bolitar”. Identificamos que a percepção artística do escritor corrobora a

---

<sup>44</sup> Ver glossário.



perspectiva social contemporânea de atletas como *protagonistas* do fenômeno esportivo moderno, este como um espetáculo de massa, pois, como Coakley (2014) expõe, os atletas no plano contextual atingem a representação de celebridade, algo que podemos identificar nos *intangíveis* descritos por Coben.

[...] a cobertura esportiva geralmente consiste de imagens e narrativas que exageram o espetacular, tais como lesões ou conquistas heroicas. As imagens e as narrativas também são indecorosas e destacam rivalidades, justificando porque os eventos são importantes. Além disso, eles [narrativas midiáticas] se esforçam para criar e manter o *status* de celebridade de atletas e equipes esportivas. (COAKLEY, 2014, p. 411, tradução nossa<sup>45</sup>).

O significado do termo atleta tal qual tempos passados persiste no século XXI, porém o transcorrer antevê o esporte moderno e acrescenta à denominação outro termo, que denota a especialização caracterizada por Guttmann (1978), o profissional<sup>46</sup>. Nos EUA, contexto no qual os livros de Coben se desenvolvem, a perspectiva de atleta amador e atleta profissional não repousa apenas no aspecto da remuneração. O prisma do país é que um atleta amador, em muitos casos localizados no esporte escolar ou universitário, também pode receber pagamentos por sua atuação, como patrocínios ou bolsas de estudo, mas no caso profissional existe o fator contratual como regulamentador da profissão, que determina direitos e deveres das partes envolvidas. Neste caso, podem ser considerados: os atletas, os dirigentes de time, advogados, contadores, agentes esportivos, jornalistas, mídia especializada, instituições jurídicas, políticos, anunciantes,

<sup>45</sup> Tradução do original: “[...] *Sports coverage generally consists of images and narratives that exaggerate the spectacular, such as heroic injuries or achievements. Images and narratives also invent and highlight rivalries and explains why events are important. Furthermore, they strive to create and maintain the celebrity status of athletes and teams*”. (COAKLEY, 2014, p. 411).

<sup>46</sup> Em conceituação oriunda da área de Direito Desportivo, Marcílio Krieger (2007, apud TASSO, 2008) define o atleta como qualquer indivíduo que pratique uma manifestação do desporto (educacional, de participação ou de alto rendimento) e aquele que pode ser qualificado enquanto amador, não-profissional e profissional.

O atleta amador emerge como o sujeito que pratica a modalidade esportiva por lazer. Já os atletas não-profissionais e profissionais, localizados na manifestação de rendimento, são definidos como aqueles que exercem a prática esportiva sem contrato de trabalho, com a permissão de receber incentivos por meio de materiais e patrocínios no primeiro caso, ou aqueles que exercem a prática esportiva com recebimento de remuneração pactuada em contrato de trabalho com entidade de prática desportiva, no segundo caso (BRASIL, Lei nº 9.615/98).

órgãos regulamentadores do esporte, entre outros (ENCYCLOPEDIA OF AMERICAN LAW, 2017).

Na série “Myron Bolitar”, identificamos a estrutura profissional que o escritor atribui às descrições sobre o esporte que constituem os enredos, pois existem nas obras não somente personagens-atletas, mas também personagens que são dirigentes de time, patrocinadores esportivos, agentes esportivos (rivals do protagonista), além da descrição de equipes de futebol americano, beisebol e basquetebol, entre outros. Por exemplo, o trecho a seguir, descrito ao leitor pelo narrador da série:

[...] A proprietária majoritária do *New York Yankees* era Sophie Mayor. Ela e o marido, Gary, tinham surpreendido o mundo do beisebol ao comprarem o time do antigo dono – o sempre impopular Vincent Riverton – fazia menos de um ano. A maioria dos fãs aplaudira. Riverton, um magnata do mercado editorial, tinha um relacionamento de amor e ódio com o público (mais de ódio), e os Mayors, casal techno-novo-rico, que fizera fortuna na área de *softwares*, prometiam uma administração menos intervencionista. Gary Mayor havia crescido no *Bronx*<sup>47</sup> e prometia um retorno aos tempos de Mick e DiMaggio. Os fãs estavam empolgados. (COBEN, 2015, p. 134).

Essa citação esclarece o tipo de representação que Harlan Coben estipula para o campo esportivo na série literária. O escritor, fazendo uso de sua autonomia artística (CANDIDO, 2014), insere elementos cuja base é o plano contextual, como exemplificado pelo time, pelo bairro nova-iorquino e pelos dois atletas citados (Mick e DiMaggio, jogadores de beisebol da década de 1940), em combinação com criações suas, ou seja, os personagens que compraram o time. Nesse sentido, de imbricação entre texto e contexto (CANDIDO, 2014), Coben se apropria de características externas, mas toda a citação deve ser analisada como ficção, produto da internalização textual.

Voltando ao plano contextual, no país, existe a prática da aplicação de um contrato padrão, pela maioria das ligas de esportes profissionais, aplicado comumente em casos de habilidade comprovada dos atletas que estão em processo de contratação. Porém, contratos paralelos podem ser elaborados pelas entidades, na situação dos contratantes julgarem o atleta com menos habilidade, oferecendo direitos e privilégios distintos do contrato padrão e

---

<sup>47</sup> Bairro da cidade de Nova York.

isso configura uma violação legal (ENCYCLOPEDIA OF AMERICAN LAW, 2017).

No entanto, a distinção base entre atletas amadores e profissionais nos EUA, segundo a Enciclopédia da Lei Americana (2017), se refere às gratificações oriundas da participação em competições. No esporte amador, não existem recompensas e, neste caso, o atleta pode ter benefícios oriundos de contratos publicitários ou outras oportunidades empresariais, diferente do esporte profissional, em que o atleta recebe premiações em dinheiro ou outras bonificações (ENCYCLOPEDIA OF AMERICAN LAW, 2017).

É esta caracterização de atleta profissional que Harlan Coben escolhe para o cenário da série “Myron Bolitar”, opção lógica, uma vez que a principal figura dramática é configurada como um agente esportivo, o intermediador entre atleta e clubes ou indústrias patrocinadoras. Portanto, neste capítulo discorreremos acerca da representação de personagens-atletas na série “Myron Bolitar” e as escolhas de caracterização dos mesmos, enfatizando as imbricações entre texto e contexto (CANDIDO, 2014) nas obras analisadas.

Salientamos que, dentre as obras selecionadas para esta pesquisa, sete dispõem de enredos que enfocam a figura do atleta como personagem relevante à introdução ou desfecho das narrativas<sup>48</sup>, porém, as demais obras não deixam de mencionar personagens-atletas, pois são enredos que retratam a empresa do personagem principal, a “MB Representações”, em fase de reestruturação e expõem tais figuras por meio de breves diálogos ou menções das figuras narrativas em questão.

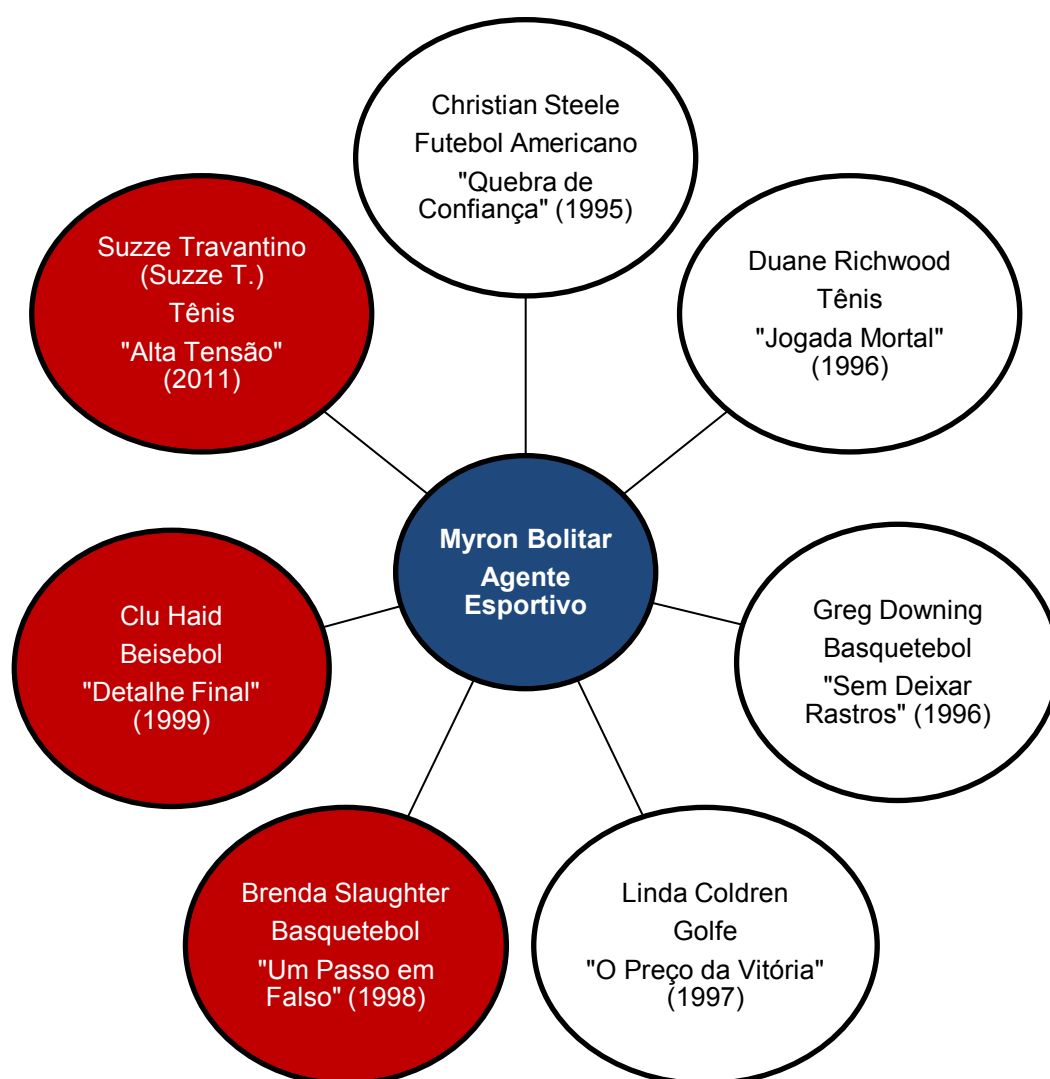
A Figura 1, demonstra os principais personagens-atletas destacados nos enredos, partindo da sua relação com o personagem principal, Myron Bolitar. Nem todos são agenciados por Myron, porém, é em decorrência de uma situação narrativa na qual estão envolvidos (normalmente uma contravenção relacionada ao personagem-atleta), que leva Bolitar a aplicar suas habilidades de detetive. Com relação às cores aplicadas na figura, os personagens cujos nomes se encontram em circunferências brancas indicam

---

<sup>48</sup> Os livros *O Medo Mais Profundo* (2016), *A Promessa* (2017) e *Quando Ela se Foi* (2011), 7º, 8º e 9º da série, respectivamente, são os que não exploram, como os demais livros, os personagens-atletas.

atletas que encerraram sua relação com Myron ao findar das narrativas a eles relacionadas; já os personagens com nomes localizados nas circunferências vermelhas indicam atletas que faleceram no decorrer ou ao final dos enredos. Como critério de localização, abaixo dos nomes dos personagens-atletas estão os livros da série em que são expostos, assim como a data de publicação nos EUA.

FIGURA 1 – PERSONAGENS-ATLETAS DESTACADOS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”



FONTE: A autora (2017).

### 3.1 OS PERSONAGENS-ATLETAS

Christian Steele é personagem do primeiro livro da série, *Quebra de Confiança* (2011). Caracterizado como um atleta de futebol americano recém-formado, a estrela do time universitário, “[...] ‘a grande promessa’. O *quarterback* que ganhara duas vezes o troféu *Heisman*<sup>49</sup>. Que fora eleito melhor jogador pela imprensa três vezes seguidas” (COBEN, 2011a, p. 8). Descrito como o primeiro cliente importante de Myron, dada as possibilidades de bons contratos profissionais e publicitários, o personagem tem destaque na narrativa, uma vez que inconsistências em torno do desaparecimento de sua ex-noiva o colocam como suspeito da polícia. Myron intervém, porém, descobre ao findar do enredo que Christian havia assassinado a moça, deixando de ser agente do rapaz.

Duane Richwood, é personagem do segundo livro da série, *Jogada Mortal* (2012). Configurado como um atleta de tênis, de 21 anos, negro, competidor novato do torneio Aberto de Tênis dos Estados Unidos (*US Open*), “[...] um garoto que havia fugido de casa aos 15 anos e conseguido, de alguma forma, sobreviver sozinho nas ruas. Aprendera a jogar tênis nas quadras públicas” (COBEN, 2012a, p. 13). O personagem tem repercussão no enredo após se tornar suspeito do assassinato de uma ex-atleta da modalidade e, posteriormente às investigações realizadas por Myron, descobre-se que por ações do passado de Duane, a mãe desse havia cometido o homicídio. Myron também deixa de ser agente desse personagem.

Greg Downing é personagem-atleta da modalidade de basquetebol exposto no terceiro e sétimo livro da série, *Sem Deixar Rastros* (2012) e *O Medo Mais Profundo* (2016), respectivamente. Enfatizado na terceira obra, este personagem-atleta não é agenciado por Bolitar, ao contrário, é seu “grande arqui-rival”, do período em que o protagonista era atleta. As descrições da série que revelam sobre o passado de Myron como atleta,

---

<sup>49</sup> No plano contextual, o Troféu *Heisman* é uma premiação anual concedida ao atleta considerado o melhor jogador da temporada de futebol americano universitário. O nome do troféu é uma homenagem a John Heisman, ex-jogador da *Brown University* e posteriormente treinador da modalidade.

normalmente associam seu desempenho individual em comparação com este personagem.

[...] – Greg e eu éramos velhos adversários. E sempre há um laço especial entre os adversários. Como no caso de Magic Johnson e Larry Bird, por exemplo. Um define o outro, sabe? Era assim comigo e o Greg. Nada era dito, mas nós dois tínhamos consciência desse laço. (COBEN, 2012a, p. 78).

O autor utiliza como recurso de ilustração, para exemplificar a intensidade da rivalidade entre os personagens, atletas profissionais reais de basquetebol (modalidade dos personagens em questão). Ídolos da *National Basketball Association* (NBA), na década de 1980, Earvin “Magic” Johnson Jr. era atleta da equipe *Los Angeles Lakers*, enquanto Larry Bird atuava pela equipe *Boston Celtics*. A rivalidade de ambos começou no basquete universitário e seguiu na fase profissional, na NBA, disputando 19 partidas da final do campeonato por seus times (PAIXÃO NBA, 2013)<sup>50</sup>. O mesmo delineamento de rivalidade é posto na obra para Myron e Greg, com a menção, por exemplo, que ambos dividiram duas vezes a capa da revista esportiva *Sports Illustrated*<sup>51</sup>.

O desaparecimento do personagem Downing, ídolo da equipe da NBA, os *Dragons* de Nova Jersey, é o fator que leva outro personagem, dirigente do time de basquetebol em questão, a solicitar que Myron investigue o caso enquanto simula ser um atleta da equipe. Bolitar reluta, mas aceita procurar pelo rival, levando-o ao fim da narrativa a descobrir o paradeiro do adversário, bem como que Greg Downing motivou a lesão que Myron sofreu no início de sua carreira como atleta e que o impossibilitou de seguir profissionalmente o basquetebol. A rivalidade respeitosa mantida até então pelo protagonista, em que reconhecia o potencial do oponente, é posta de lado, modificando a visão do personagem.

Linda Coldren é personagem-atleta de golfe, exposta na quarta obra da série, *O Preço da Vitória* (2013). Descrita como uma mulher próxima aos

<sup>50</sup> Este vídeo, referente à temporada de basquete de 1984, ilustra a rivalidade entre Magic Johnson e Larry Bird: <<https://www.youtube.com/watch?v=GRxznjDPOIE>>. Acesso em: 29 set. 2017.

<sup>51</sup> Novamente, recorre-se a um elemento existente no plano contextual, a revista que noticia assuntos relacionados às modalidades esportivas profissionais nos EUA, assim como o esporte universitário. Disponível em: <<https://www.si.com/>>. Acesso em: 29 set. 2017.

40 anos, cujo potencial profissional a levou a figurar como a golfista número 1 do *ranking* da modalidade feminina, após vencer o Aberto de Golfe dos Estados Unidos (*US Open*). O desaparecimento do filho da golfista é o que inclui Myron na investigação, com a possibilidade de tornar-se agente esportivo de Linda e seu marido, Jack Coldren, também golfista profissional, caso descobrisse o paradeiro do adolescente. No entanto, após localizar o garoto, Myron não consegue o contrato com os atletas, pois Jack está morto e quem o assassinou foi sua esposa, Linda.

Brenda Slaughter é personagem-atleta de basquetebol, apresentada no quinto livro da série, *Um Passo em Falso* (2014), descrita como filha de um antigo treinador de Myron e tida como a provável maior jogadora de todos os tempos na modalidade (COBEN, 2014, p.10). A pedido de Norm Zuckerman<sup>52</sup>, Myron passa a acompanhar a atleta como seu “segurança”, investigando a origem das ameaças que a esportista recebe ao mesmo tempo em que tenta solucionar o desaparecimento do pai de Brenda, objetivando contrato como agente esportivo da moça. Ao fim da narrativa Myron soluciona os problemas a que se propôs, porém Brenda falece.

Clu Haid é personagem-atleta arremessador de beisebol, exposto no sexto enredo da série, *Detalhe Final* (2015). No início da narrativa Clu é assassinado e a principal suspeita de cometer o homicídio é Esperanza, portanto, a maioria das definições do personagem-atleta fundamentam-se em registros memorialísticos de Myron, já que Clu foi o seu primeiro cliente, enquanto as demais descrições são relacionadas à investigação empreendida pelo protagonista. Novamente Myron fica com um cliente a menos, apesar de livrar sua sócia da acusação.

Suzze Travantino, a Suzze T., é personagem-atleta agenciada por Myron, que aparece brevemente no sétimo livro da série, *O Medo Mais Profundo* (2016), em uma passagem que ilustra um contrato publicitário que o protagonista conseguiu para sua cliente. Contudo, a personagem aparece de forma relevante, ou seja, com mais destaque, no décimo livro da série, *Alta Tensão* (2011), no qual é definida como uma ex-estrela do tênis, mas que já

---

<sup>52</sup> Ver glossário.

está aposentada, “[...] mais notória por suas roupas ousadas, *piercings* e tatuagens do que por suas jogadas (COBEN, 2011c, p. 8).

A personagem-atleta é descrita como em processo de gestação e procura Myron para que ele encontre seu marido, assim como o responsável por insinuar, em uma rede social, que o bebê não era do cônjuge de Suzze, Lex Rider<sup>53</sup>, o que leva o homem a desaparecer. Myron localiza Lex e descobre quem postou o comentário na rede social, mas devido a um segredo que Suzze descobre no decorrer da narrativa, a ex-atleta é assassinada, levando Myron a outra investigação. Novamente, o protagonista tem mais um cliente subtraído.

Todos os personagens-atletas expostos anteriormente são ilustrados como potências performáticas em suas respectivas modalidades esportivas, nos enredos em que aparecem. Paralelamente aos traços marcantes dos enredos, destacam-se delineamentos das características configuracionais das figuras dramáticas que parecem estar embasadas em personagens reais do campo esportivo, principalmente os atletas. Essa imbricação entre literatura e prática, por meio da ilustração de temas que circundam esses agentes no plano real, pautará nossa análise adiante.

### 3.2 A REPRESENTAÇÃO DA CARREIRA DE ATLETA

Joseph Campbell (1990), quando se refere à estrutura do mito grego, delineia que o herói, para que atinja de fato este *status*, necessita percorrer uma jornada, na qual o indivíduo, após detectar algo que lhe falta e sair do convívio cotidiano, enfrentará obstáculos cujo grau de dificuldade será relevante, passará por momentos de crise, alcançará os objetivos almejados e retornará ao lar com os louros obtidos, para uma nova vida (CAMPBELL, 1990), esta que será vivida com mais sentido.

A estrutura heroica, então, emana por essa modificação da situação inicial do sujeito, porém, como o autor ressalta, a personificação heroica terá parâmetros distintos entre as diferentes culturas, bem como da perspectiva cronológica, acompanhando as evoluções socioculturais (CAMPBELL, 1990,

---

<sup>53</sup> Ver glossário.



p. 150). É a transposição de um obstáculo, aparentemente intransponível, que favorece a consolidação da estrutura heroica (RUBIO, 2001). A seguinte citação, um diálogo extraído do terceiro livro da série “Myron Bolitar”, *Sem Deixar Rastros* (2012), aloca, contudo, os atletas como heróis que atingem patamar superior na narrativa:

[...] – Você está sugerindo emitir um B. O. [Boletim de Ocorrência] para um herói do esporte, idolatrado no país inteiro. [disse Myron].  
- E você está sugerindo que eu dê tratamento diferenciado a alguém só porque esse alguém é um herói do esporte, idolatrado no país inteiro. [respondeu o policial]. (COBEN, 2012b, p. 100).

Se na Antiguidade o herói devia estar apto física e militarmente, de prontidão para proteger sua cidade, na contemporaneidade, segundo Rubio (2001), dentre os variados campos em que tal figura emerge, o campo esportivo ocupa um dos locais mais destacados, uma vez que as façanhas que os atletas realizam em suas modalidades são consideradas sobre-humanas por parte representativa da população que assiste a esses eventos (RUBIO, 2001, p. 99).

Jay Coakley (2014), ao abordar sobre os temas de sucesso nas narrativas midiáticas, diz que “[...] a cobertura de esportes nos EUA enfatiza o sucesso através do esforço individual, autocontrole, competição, trabalho em equipe, agressividade, adesão às regras e planejamento tático efetivo” (COAKLEY, 2014, p. 411, tradução nossa<sup>54</sup>). Ao analisar a obra, identificamos tal valorização transposta para a construção de um personagem-atleta, como informa o narrador ao leitor:

[...] O jeito de garoto de Christian – algo que Myron achava que iria ajudá-lo a se tornar o rei dos patrocínios – havia subitamente assumido uma dimensão nova. Em vez do rapaz tímido, inteligente e modesto do Kansas, Myron viu a realidade: uma criança apavorada encolhida num canto, uma criança cujos pais estavam mortos, que não tinha família e provavelmente não tinha amigos de verdade, só gente que cultuava o herói ou que queria algo dele. (COBEN, 2011a, p. 18).

---

<sup>54</sup> Tradução do original: “[...] *Media coverage of sports in the United States emphasizes success through individual effort, self-control, competition, teamwork, aggression, adherence to rules, and effective game plans*” (COAKLEY, 2014, p. 411).

A carreira esportiva aparece nos primeiros livros da série como a possibilidade de ascensão social, mas que não pode ser alcançada por todos os personagens-atletas, somente os *intangíveis*. A partir da metade da série, quando personagens-atletas são representados, estes já se encontram com a carreira consolidada, em equipes profissionais de suas modalidades esportivas. Para Greg Downing e Suzze T., por exemplo, esta jornada estava concluída, enquanto que para Clu e Brenda ela foi interrompida, não obtendo sucesso. Tanto Downing quanto Suzze T., dentre os personagens-atletas que têm relevância nos enredos, aparecem em mais de um livro, dos quais a primeira aparição postula ambos como profissionais atuantes, mas a segunda delimita-os como afastados da carreira esportiva. A seguinte citação, um diálogo entre os personagens Greg e Myron, ilustra o que descrevemos:

[...] – Minha carreira no basquete acabou, você já deve saber.  
[disse Greg].  
- Você vai dar a volta por cima. [respondeu Myron].  
- Fácil assim?  
Myron sorriu. [e disse]. – Quem disse que é fácil?  
- É...  
- Mas na vida existem coisas mais importantes que o basquete...  
embora às vezes eu me esqueça disso. (COBEN, 2012b, p. 261).

Linda Coldren, por sua vez, é representada como uma personagem-atleta no patamar elevado de sua modalidade, uma campeã, enquanto que Christian e Duane estão na fase inicial da profissão. No caso de Christian, como ressaltamos através da citação na página anterior, o “garoto” de um estado do centro-oeste dos EUA, está tentando superar os desafios e ser um atleta da NFL<sup>55</sup>, auge para muitos jogadores de futebol americano profissional no plano contextual, salvo os vencedores do *Super Bowl*.

Ao voltarmos nosso olhar para a série “Myron Bolitar”, constatamos que em nenhum dos enredos analisados o escritor descreve personagens-atletas, agenciados por Bolitar, que passam por fases de desempenho ruim, pois a agência de representação de Myron deve figurar entre aquelas que têm os clientes mais importantes, ou seja, de desempenho positivo. O caso destacado de personagem-atleta que não dá certo na carreira é designado ao protagonista, mas sua legitimidade como “estrela e ídolo” do basquetebol não

<sup>55</sup> *National Football League*, é a liga profissional de futebol americano dos EUA.

é retirada de sua configuração, pois, ao longo dos dez enredos analisados, personagens pontuais<sup>56</sup> o reconhecem<sup>57</sup>, como, por exemplo: “[...] eu era um grande fã de basquete, de modo que conhecia a sua história. [...] Você estava a caminho de virar um astro, tudo conspirava a seu favor, só que aí, bum, você machucou o joelho” (COBEN, 2011C, p. 84). Novamente é uma escolha de representação do escritor (CANDIDO, 2014).

No plano não-ficcional, Coakley (2014) define que as narrativas midiáticas sobre o campo esportivo nos EUA enfatizam os resultados obtidos, sempre valorizando a vitória e a superação dos recordes, assim como os próprios campeões. Já Katia Rubio (2001) salienta que, na contemporaneidade, o atleta de alto rendimento tem sua imagem vinculada ao espetáculo, ao lazer e, por consequência, são capazes de mobilizar multidões, pungindo-lhes emoções positivas e negativas. Seja o atleta um sujeito persistente, perseverante e determinado, possuidor de características físicas e intelectuais necessárias à sua atividade profissional, o esporte de alto-rendimento, como alerta Marchi Júnior (2015), possui diferentes níveis e não pode ser tomado como sinônimo do espetáculo. Segundo o autor:

[...] no espetáculo, algumas variáveis devem ser observadas como determinantes estruturais do seu processo. São elas, por exemplo, a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico; a geração e constituição de ofertas e demandas; seu apelo motivacional e emocional; plasticidade e viabilidade midiática; capacidade de comunicação e interferência global; e mobilização populacional, entre outros. (MARCHI JÚNIOR, 2015, p.62-63).

Neste prisma, o esporte profissional pode encerrar distintos níveis de superação, num plano que está restrito ao atleta, mas o esporte-espetáculo engloba outras esferas sociais, principalmente a econômica. Coakley (2014) propõe que os atletas tendem a privilegiar, assim como demais pessoas que acompanham o espetáculo esportivo, uma expressão dramática que enfatiza o heroísmo, com o intuito de impressionar a audiência de massa. Acreditamos, pois, que essa dramaticidade promovida pelo esporte-

<sup>56</sup> Sem relevância para a compreensão do enredo, como, por exemplo, alguém com quem o protagonista cruza em uma rua.

<sup>57</sup> Isso também acontece na perspectiva da narrativa transmídia, quando o personagem é retratado em outra obra de Harlan Coben, de enredo único, *Don't Let Go* (2017).

espetáculo apresentou para Harlan Coben uma alternativa que também atrairia o público leitor, dada a objetividade de descrições das modalidades, como ressaltaremos no capítulo cinco desta dissertação.

Outro personagem-atleta ilustrado dessa maneira é Duane Richwood, o jovem tenista, que na trama participa pela primeira vez de um grande campeonato. Como descrito anteriormente, o atleta já havia superado a condição da pobreza das ruas, onde morava quando adolescente, chegando ao patamar de atletas do plano não-ficcional que são referências do esporte, um recurso utilizado por Coben, como demonstra o seguinte trecho, descrito pelo narrador:

[...] O tênis vinha precisando de sangue novo e Duane Richwood era a bolsa de transfusão mais vigorosa a surgir em anos. Jim Courier e Pete Sampras eram tão empolgantes quanto ração de cachorro. Os atletas suecos davam sono. Andre Agassi já estava deixando as pessoas enjoadas. John McEnroe e Jimmy Connors eram passado. (COBEN, 2012a, p. 17).

Percebemos que o leitor necessita, neste ponto da narrativa, ter familiaridade com atletas de destaque do cenário do tênis nacional dos EUA, pois somente o leitor da obra que acompanha a modalidade em questão (indiferente de espectador ou praticante) compreende quem são os “suecos que dão sono”. Outro fator que o trecho acima suscita é a habilidade do atleta fictício, pois todos os atletas citados foram referências de desempenho na modalidade nas décadas de 1980 e 1990, porque essa publicação data originalmente de 1996, o que faz de Duane (o fictício) contemporâneo de Agassi (o real), por exemplo<sup>58</sup>. Sob o mesmo viés ocorrem as referências ao golfe na série:

[...] você sabe o que os golfistas querem ser? A mesma coisa que queriam desde o alvorecer do *marketing* esportivo: o ídolo Arnold Palmer. É isso que eles querem. Eles queriam ser Palmer, depois Nicklaus, depois Watson... os bons rapazes de sempre. (COBEN, 2013, p. 46).

---

<sup>58</sup> Destacamos as datas de publicação e período histórico representado, pois levamos em conta que o período cronológico descrito na série não se altera, década de 1990 a 2010, mas os leitores de Coben poder ser de diferentes gerações, desconhecendo as especificidades do contexto retratado na literatura.

No caso desta citação, que aborda mais detalhes sobre o golfe, temos outro exemplo de ídolos da modalidade do plano contextual que validam a configuração do atleta fictício, possuidor dos mesmos desejos do contexto que o inspirou. O golfista norte-americano Arnold Palmer é considerado um dos atletas mais conhecidos da modalidade nos EUA e junto com os golfistas Gary Player e Jack Nicklaus, forma o chamado “*The Big Three*”, que popularizou e comercializou o esporte (GOLF TODAY, 2017).

Distante de interferir no mote principal da narrativa, tal descrição enfatiza a necessidade da performance extraordinária do atleta herói, que pretende deixar sua condição inicial, superar desafios e retornar em novo patamar. Tal caracterização da figura dramática por Coben, pode salientar uma característica que Perrone-Moisés (2016) define para a produção literária contemporânea: “[...] a expressão de pensamentos e sentimentos que não são apenas individuais, mas reconhecíveis por outros homens como correspondentes mais exatos aos seus” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.35).

O foco no indivíduo que “trabalha duro”, reforça a ideologia de meritocracia valorizada nos Estados Unidos (COAKLEY, 2014), na qual a falha é tida como sinônimo de inabilidade ou falta de dedicação suficiente. Leda Costa (2010), salienta que a produção da notícia esportiva enfatiza a emoção como elemento estrutural com o intuito de gerar identificações do leitor em relação ao protagonista da notícia, empregando então dramatizações e superativos narrativos. No caso da série, esclarecemos que Harlan Coben pode ser considerado como um apreciador de esportes, pois, através de suas redes sociais (*Twitter* e *Facebook*) e das publicações que realiza, podemos inferir que o escritor assiste a modalidades como futebol americano e hóquei. E, portanto, assim como qualquer outro (tele)espectador norte-americano, está sujeito às influências da construção narrativa midiática que Coakley (2014) descreve, assim como suas publicações.

Coakley (2014, p. 17) ainda explica que “[...] os esportes competitivos nos Estados Unidos têm sido organizados e descritos para inspirar histórias e *slogans* para reafirmar a ideologia [meritocracia] e ajudar a popularidade”<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Tradução do original: “[...] *Competitive sports in the United States have been organized and described to inspire Stories and slogans that reaffirm this ideology and help sustain its popularity*” (COAKLEY, 2014, p. 17).

(COAKLEY, 2014, p. 17, tradução nossa) de atletas, times, ou seja, o campo esportivo de modo geral. Na série literária, identificamos o seguinte trecho, que representa a fala de um personagem dirigente de time:

[...] – Esporte é folclore – disse Clip Arnstein<sup>60</sup> à plateia repleta de jornalistas. – O que povoa nosso imaginário não são apenas as vitórias e as derrotas. São as histórias. Histórias de perseverança. De garra. Da dedicação. De decepções. De milagres. Histórias de triunfos e de tragédias. Histórias de voltas por cima. (COBEN, 2012b, p. 39).

Tanto os personagens-atletas Duane quanto Christian, devido à construção das narrativas em que estão alocados, contam histórias de dramas pessoais, apesar de não atingirem o novo patamar, que supera a condição inicial. Todavia para os personagens-atletas que chegam à aposentadoria do esporte, principalmente Suzze T., todos os obstáculos para o sucesso profissional e pessoal estão vencidos. A personagem, por exemplo, abre sua própria escola de formação de atletas de tênis, cujo negócio é caracterizado como de boa administração, ressaltado por passagens do décimo livro da série.

Contudo, a aposentadoria do esporte muitas vezes não completa o ciclo, pois como Coakley (2014) indica, a aposentadoria no esporte, em muitas ocasiões, acontece de repente ou requer um período de transição, muitas vezes de difícil adaptação para o atleta, que ainda almeja retornar à modalidade (COAKLEY, 2014, p. 61). Na série supracitada, esta característica evidencia-se pela configuração do personagem principal, que abandona o esporte devido a uma lesão articular que o impede de atuar como atleta profissional. Mesmo assim, no terceiro livro da série uma tentativa de retorno às quadras de basquetebol é ilustrada pelo autor. O texto que pontua tal reflexão, contudo, advém da seguinte passagem:

[...] para a maioria dos atletas, as mudanças em suas perspectivas ajudam a baixar a luz gradualmente. O astro da escola vira o esquentar-banco do time da faculdade. A luz diminui. Um jogador consegue ser titular da equipe universitária, mas logo percebe que nunca será seu maior pontuador. A luz diminui. O ídolo da faculdade entende que jamais chegará a competir profissionalmente no esporte. A luz diminui. E há os eleitos, um em

---

<sup>60</sup> Ver glossário.

cada um milhão, os que têm a quase impossível ‘coisa certa’ e se tornam atletas profissionais. (COBEN, 2011a, p. 39).

Utilizando a metáfora do holofote, essa citação demonstra o tipo de atleta que o autor elegeu representar em sua obra e assim, o plano contextual passa a existir na narrativa para legitimar a capacidade atlética dos personagens-atletas, recurso que aparece na obra por meio do nome de grandes atletas dos EUA, dos locais de competição verídicos descritos detalhadamente e de veículos de comunicação voltados à notícia esportiva<sup>61</sup>, estabelecendo conexões de verossimilhança entre texto e contexto (CANDIDO, 2014). Tal esfera encerra aspectos que poucos indivíduos são capazes de atingir ou mesmo de permanecer, pensando a lógica estrutural do esporte-espetáculo e Harlan Coben delinea isso para seus personagens-atletas, ou seja, mesmo o esporte-ficção construído pelo escritor tem especificidades. O seguinte trecho, informado pelo narrador, ilustra:

[...] Clu era encantador e interessante só porque era atleta profissional. [...] Quando alguém tem a habilidade de lançar a bola com um pouco mais de rapidez que o cara ao lado, acaba se transformando num deus, diferente da grande maioria dos mortais. (COBEN, 2015, p. 214).

Dessa construção de histórias manifestam-se para Coben os “intangíveis”, aqueles que o escritor estipula como personagens raros e que seu protagonista deve buscar agenciar, pois atletas intangíveis são escassos dentro a própria comunidade de atletas profissionais, uma vez que são capazes de despertar o interesse assíduo da mídia, ou seja, os patrocinadores com os quais Myron negocia. “[...] Músicos de sucesso tem vários pontos fortes, mas superastros do rock, assim como seus semelhantes no esporte ou no cinema e no teatro, também têm qualidades intangíveis” (COBEN, 2011c, p. 112). Assim, uma das características para a intangibilidade dos personagens-atletas é atribuída pelo escritor como a capacidade de se concentrar na tarefa esportiva, como informa o narrador da série:

---

<sup>61</sup> Por exemplo: o Clube de Golfe *Merion*, na cidade da Filadélfia (Pensilvânia); a quadra de tênis no *Flushing Meadows Corona Park* (na cidade de Nova York); as Revistas *Parade* e *Sports Illustrated*; a rádio de esportes de Nova York WFAN (101.9 FM; 660 AM, Nova York), entre outros.

[...] aquilo, Myron sabia, era Jack Coldren reduzido a sua essência. Ele era um golfista. Um homem que desejava vencer. Precisava vencer. Myron entendia. Ele também já estivera lá – sua zona era uma grande bola laranja e um aro de metal -, e uma parte dele sempre estaria emaranhada com aquele mundo. Era um ótimo lugar para permanecer – em muitos aspectos, o melhor lugar. Win estava errado. Ganhar não era um objetivo desprezível. Era nobre. Jack dera tacadas memoráveis. Ele lutara e batalhara, ficara exausto e dera o sangue. E agora lá estava ele, cabeça erguida, a caminho da redenção. Quantas pessoas eram premiadas com essa oportunidade? Quantas pessoas têm a chance de se sentir tão vivas, de se deter em tal patamar mesmo que por um breve instante, de ter seus corações e sonhos agitados por uma paixão tão insaciável? (COBEN, 2013, p. 114).

Gumbrecht (2007), ao fazer seu *Elogio da Beleza Atlética*, utiliza como argumentação a capacidade que os atletas têm de focarem-se nas suas ações: “[...] a intensidade da *concentração* abrange não apenas a capacidade de eliminar uma miríade de distrações em potencial como também uma abertura concentrada para que algo inesperado aconteça”. (GUMBRECHT, 2007, p. 45, destaque do autor). Justificamos tal relação com as obras de Coben através da seguinte citação, descrita pelo narrador, em que as miríades de distrações são descartadas:

[...] você não vira atleta profissional – mesmo que com uma carreira breve – sem que um milhão de coisas contribuam para isso. [...] O ponto aqui era que Myron tinha trabalhado duro, feito arremessos na cesta sozinho durante quatro a cinco horas por dia, era assustadoramente competitivo, tinha a estrutura mental correta, mas nada disso iria ajudá-lo a chegar onde chegou se não fosse abençoado por dons físicos extraordinários. (COBEN, 2017, p.157).

Os traços de tragédia então, legitimam a persona heroica e dão qualidade dramática à história do atleta, tanto nas narrativas midiáticas, quanto nas narrativas literárias. Esta o qualifica quanto herói social contemporâneo e deve ter a história bem delimitada e de potencial mercadológico, capaz de alçar o esportista ao patamar mais elevado, ressaltando todas as habilidades que possui, sejam elas, por Rubio (2001): esforço, determinação, coragem, preparo físico e psicológico, inteligência, afastamento do mundo comum, participação em uma prática altamente regrada, entre outros.



Em nossa perspectiva, no entanto, tais características só podem ser encontradas combinadas nos personagens-atletas, fictícios, como o caso de Myron na citação acima, pois atletas da perspectiva contextual não apresentam a combinação das características ressaltadas, podendo inclusive, agir contrariamente aos adjetivos elencados anteriormente, como exemplificado pelo caso do goleiro de futebol Bruno, que estava diretamente envolvido com o assassinato de uma ex-companheira ou a nadadora Rebeca Gusmão, que fez uso de substâncias dopantes, assim como atletas russos, cuja delegação foi punida nas Olimpíadas de verão Rio/2016 e de inverno Pyeongchang/2018.

### 3.3 A PUBLICIDADE MANIFESTA

[...] A imagem de um atleta era construída mais por essas campanhas publicitárias do que por qualquer outra coisa, incluindo o quão bem ele jogasse e o que a mídia falasse dele. Os atletas passavam a ser definidos pelos produtos que representavam. Quantas pessoas não conheciam Michael Jordan como *Air Jordan*? A maioria dos torcedores não afirmaria com certeza que Larry Johnson jogava pelo *Charlotte Hornets*, mas saberia tudo sobre a velinha que ele havia interpretado em um anúncio<sup>62</sup>. A campanha certa poderia fazer uma carreira. A campanha errada poderia destruí-la. (COBEN, 2012a, p. 16<sup>63</sup>).

A área de comunicação abrange um conceito que tomaremos emprestado para o desenvolvimento deste tópico, dada sua exposição latente na série literária “Myron Bolitar” quando analisamos a representação de atletas nas obras: a publicidade. Gonzalez (2009) afirma que a publicidade se origina da palavra público e tem por objetivo o “[...] tornar público, divulgar um fato ou uma ideia, já com objetivos comerciais, uma vez que pode despertar o desejo de compra, levando-o à ação” (GONÇALEZ, 2009, p. 7). Para tanto, empregará técnicas de ação coletiva distintas no intuito de promover a atividade comercial e, por essa razão, é mais ampla que a propaganda, configurando-se como uma técnica de comunicação de massa (GONÇALEZ, 2009).

<sup>62</sup> Para ver o anúncio, cf. o link: <[https://www.youtube.com/watch?v=thbUkBW\\_ftM](https://www.youtube.com/watch?v=thbUkBW_ftM)>. Acesso em: 28 set. 2017.

<sup>63</sup> Esta citação é informada aos leitores pelo narrador da série.

Mauro Betti (1997), apesar de não diferenciar a publicidade da propaganda, demonstra que “[...] o esporte pode vender qualquer produto, e não apenas a si próprio” (BETTI, 1997, p. 161), e propõe então uma subdivisão quanto aos tipos de anúncio: aqueles que *vendem o esporte em si*, como peças publicitárias de materiais e eventos esportivos; e aqueles que *tematizam o esporte*, no caso da publicidade de produtos alimentícios, mecânicos, estéticos ou eletrônicos, nas quais figuras do esporte são protagonistas. O caráter comercial da publicidade confere à caracterização dos personagens-atletas analisados outra base contextual imbricada ao texto (CANDIDO, 2014; HILL, 2006).

Na introdução desta dissertação, identificamos que o personagem Myron Bolitar, descrito na série como um agente esportivo que se preocupa com seus clientes e busca os melhores contratos de acordo com o perfil do personagem-atleta, procura trazer patrocínios para seus agenciados. O patrocínio para a participação em competições requer a configuração do atleta como anunciante de seu patrocinador. As seguintes citações, referentes a acordos publicitários que Myron conseguiu para seus clientes, denotam os dois tipos de anúncios expostos por Betti (1997):

[...] O comercial enfim começou. Duane surgiu na tela, usando seus óculos de sol e zunindo de um lado para outro em uma quadra de tênis. Vários planos rápidos, com destaque para seus pés. Muitas cores berrantes. Uma batida forte, misturada com o som de bolas de tênis sendo rebatidas para o outro lado da rede. Bem no estilo MTV. Poderia ser um videoclipe de rock. Então entra a voz de Duane: ‘Venha para a minha quadra...’. (COBEN, 2012a, p. 18).

Na citação acima, assim como na citação a seguir, o leitor obtém as informações através do narrador da série.

[...] mesmo assim, [Suzze T.] tinha vencido um torneio importante e ganhado uma fortuna fazendo anúncios publicitários. Entre outros contratos, era a porta-voz (Myron adorava esse eufemismo) da rede de bares de *topless* La-La-Latte, sucesso entre os universitários por causa do ‘leitinho extra’. Bons tempos aqueles. (COBEN, 2011c, p. 8).

No primeiro exemplo, o autor detalha o comercial de calçados do qual o personagem-atleta, mesmo que secundário, fez parte. Este anúncio fictício

é uma publicidade que vende o esporte em si, mas que recorre a uma indústria de materiais esportivos real, a *Nike, Inc.*<sup>64</sup>, novamente para contextualizar o enredo. No segundo exemplo, é exposto um tipo de publicidade que tematiza o esporte, mas nesse caso a empresa descrita também é fictícia.

Levando-se em conta a autonomia literária de Coben (CANDIDO, 2014), podemos considerar a possibilidade de que o escritor, enquanto uma pessoa formada na área de Ciência Política e que também atuou por um período como agente de viagens (profissional), não tinha conhecimento que explorava dois tipos específicos de anúncios publicitários em seus livros. Assim, como no caso das representações do esporte, concebemos que o autor, baseado em observações, apenas transpõe para o texto elementos que considera comuns ao seu cotidiano.

Betti (1997), detalha que algumas peças publicitárias associam as características dos esportes aos produtos, tais como, velocidade, tecnologia, energia, entre outros (BETTI, 1997, p. 163) e percebemos tal caracterização do trecho em que o personagem-atleta Duane protagoniza um comercial. González (2014) relata que existem dois tipos de garoto-propaganda: um que é personagem criado como identificador da marca ou produto<sup>65</sup>; outro que empresta sua imagem e reputação ao produto, criando valor, como o caso de atletas que anunciam um produto esportivo, por exemplo (GONÇALEZ, 2009, p.65). O atleta então, uma manifestação do segundo tipo, é localizado como o porta-voz do esporte, a conexão entre o produto ou a marca a ser consumida e os consumidores.

---

<sup>64</sup> Essa empresa estadunidense, fundada em 1964, é citada em outras passagens da série, quando o tênis *Air Jordan*, é mencionado por exemplo. Este calçado, lançado em 1985, cujo garoto-propaganda foi o jogador de basquetebol Michael Jordan, gerou polêmica pois o calçado teve o uso proibido pela NBA e o atleta ainda não havia atingido seu potencial na modalidade (como viria a fazer mais tarde). Mesmo assim, Michael usou o calçado e a Nike pagou as multas referentes a cada jogo, pois haviam assinado um contrato de cinco anos no valor de U\$2,5 milhões mais *royalties*. Atualmente este calçado possui outras edições, fato que mobiliza pessoas a colecionarem o tênis (FOOT LOCKER, 2017). Curiosamente, Gumbrecht (2007) indica que muitos fãs, ao pensarem em Michael Jordan, podem associá-lo mais facilmente à marca *Nike* do que com o termo “norte-americano”.

<sup>65</sup> Como por exemplo, no caso brasileiro, em 2017, o ator que realiza o anúncio da rede de postos de combustível Ipiranga, ou alguns anos atrás, o ator que realizava anúncios para a esponja de aço Bombril.

João (2006) propõe as seguintes características para um garoto-propaganda: 1) celebridade, pois a pessoa célebre empresta sua notoriedade ao produto; 2) credibilidade, que delimita o nível de confiança no anúncio; 3) estética, como significante da beleza e da jovialidade, reprodutoras de fatores do imaginário social; 4) seriedade, fator que isenta o anunciante e o produto ou marca de dissimulações; 5) formalidade, ligada à característica anterior e que está sujeita às regras, demonstrando tons de solenidade; 6) autoridade, denotadora do conhecimento de causa; e 7) fidelização, que refere-se à permanência de um mesmo garoto-propaganda no decorrer da campanha publicitária (JOÃO, 2006).

Segundo o pesquisador, a sexta e a sétima característica ocorrem em menor grau em relação às demais (JOÃO, 2006) e no caso dos atletas, podemos constatar que a autoridade se manifesta quando esses realizam peças publicitárias que vendem o esporte em si, mas isso não ocorre diretamente quando se trata de anúncios que tematizam o esporte. O mesmo vale para a fidelização, pois a preferência por atletas como promotores de marcas e produtos está diretamente relacionada ao seu desempenho profissional, ou seja, em períodos de baixo rendimento na modalidade o atleta pode ser preterido em relação à atores, por exemplo. Também neste aspecto, há a tentativa de Harlan Coben de estabelecer verossimilhança entre os tipos possíveis (COMPAGNON, 2014), possibilitando a identificação dos leitores com o texto da série através dos elementos de caracterização.

Na série “Myron Bolitar”, o termo publicidade é constantemente utilizado pelo escritor, na maioria dos casos associado à profissão de Myron, enquanto negociante de contratos com patrocinadores de seus clientes. O seguinte trecho, um diálogo entre o protagonista e um possível cliente, demonstra a relação entre o tipo de publicidade e a trama do romance policial, não se desvincilhando do gênero literário que se inscreve:

[...] queremos uma publicidade cuidadosamente planejada – corrigiu Myron. – Este caso é muito importante, e a última coisa que queremos é gerar mais interesse. Quero que você se mostre reservado, Tad<sup>66</sup>. Pensativo. Temos que manter um equilíbrio, está entendendo? Se fizermos alarde, vai parecer que queremos

---

<sup>66</sup> Ver glossário.

impressionar. Se dermos um monte de entrevistas, vai parecer que estamos tirando vantagem do assassinato de um homem. (COBEN, 2013, p. 2017).

Henry Jenkins (2009) discorre acerca da economia afetiva, a qual, segundo o autor, “[...] procura entender os fundamentos emocionais da tomada de decisão do consumidor como uma força motriz por trás das decisões de audiência e compra” (JENKINS, 2009, p. 96). Nesse sentido, os conglomerados de mídia aplicam novos tipos de investimentos para atingir seu público-alvo, modulando as escolhas de aquisição. Levar em conta as características denotadas por João (2006) para garotos-propaganda bem-sucedidos é uma alternativa nesta perspectiva.

Betti (1997), por sua vez, pondera que as peças publicitárias, enquanto sínteses pragmáticas de produtos a serem comercializados, são capazes de reproduzir a emoção que envolve o esporte; a economia afetiva esclarece, neste caso em particular, que a ação da indústria esportiva se dá por meio de incitar no consumidor emoções, a qual Elias (1995) define como a capacidade de gerar excitação, cujo limiar máximo, é a contraposição ao cotidiano e podemos pensar isso também em relação aos romances policiais.

Uma última característica da publicidade associada ao esporte-espetáculo que identificamos no enredo, refere-se a um tipo específico de peça publicitária: “[...] – Você é um *outdoor*, Tad. Você aparece na televisão. É visto por muitos fãs. Seu boné, sua camisa, seu saco de golfe... em todos os lugares é possível anunciar” (COBEN, 2012b, p. 59). Esse trecho ilustra as possibilidades de um atleta como garoto-propaganda, adquiridas pelo autor para a configuração do personagem-atleta, promotor de produtos relacionados ao esporte, que assume a função de um cartaz de alta proporção e objetivo, assim como a função cognitiva das imagens transmitidas pela televisão.

### 3.4 CONTRAVENÇÕES

[...] você foi manipulador e calculista – disse Myron. Cobriu todas as bases, até quando me contratou. Eu era um empresário pequeno. Poderia ser controlado. Você conhecia meu passado, sabia que eu era um investigador experiente. Achava que, se surgisse algum problema, eu guardaria tudo em segredo. Que iria

mantê-lo informado. Você me fez de otário. (COBEN, 2011a, p. 270).

A citação acima, que introduz este subcapítulo, representa um diálogo entre o protagonista Myron Bolitar e seu cliente Christian Steele, quando o primeiro descobre a respeito da qualidade criminoso do segundo. Identificamos o findar da narrativa do primeiro livro da série, *Quebra de Confiança* (2011), assim como percebemos o encontro entre detetive e criminoso, ápice do romance policial, pois, como Massi (2015) deixa claro, ao final do romance o detetive deve ser capaz de localizar o criminoso e destiná-lo ao julgamento merecido, caso contrário deixa de cumprir sua função e perde o sentido enquanto personagem.

Neste tópico, vamos explorar as contravenções relacionadas aos personagens-atletas que identificamos nos livros. Entendemos por contravenção as transgressões de normativas sociais expostas nas narrativas analisadas, pois a natureza criminoso, constitui característica da estrutura de um romance policial (MASSI, 2011; REIMÃO, 1983.; VAN DINE 2001) e como esclarece Massi (2015), “[...] quando os crimes são realizados, a ordem social fica abalada e somente a captura do assassino é capaz de restabelecê-la, restituindo a paz à sociedade” (MASSI, 2015, p.23).

No plano real (COMPAGNON, 2014), Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford (2014), ao discorrerem sobre pessoas formadoras de opinião, salientam que a influência destes indivíduos é contextual e temporal, bem como efêmera, pois os formadores de opinião podem mudar a qualquer instante (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 115). Isso ocorre com os atletas, como já discurremos anteriormente, devido ao seu potencial representativo (LIPPMANN, 2008), porém, quando se trata de rendimento na carreira, a influência pode ter uma transição gradual, tanto quando o esportista passa a ser formador de opinião, quanto quando deixa de ser formador. No entanto, em algumas situações, tais como afastamento por lesão, problemas pessoais, transgressões, etc., há o rompimento abrupto dessa condição formadora.

Llosa (2013) aponta que, atualmente, no século XXI, a sociedade vive sob a égide da valorização das imagens sobre as ideias. Nessa perspectiva,

a representação do esporte na mídia, que está focado em suscitar emoções nos consumidores, leitores e (tele)espectadores, privilegia narrativas noticiosas que recorrem a polêmicas e criam suspense (COSTA, 2010). Assim, as transgressões são fontes fecundas de situações polêmicas, capazes de gerar discussões na esfera não-ficcional e, portanto, podem ser consideradas como elementos de verossimilhança, integrando enredos ficcionais, como verificado no romance policial:

[...] O suspense em torno da verdade é o que mantém o leitor preso ao texto, que não se satisfaz enquanto não a conhece. A busca da solução de um enigma é o que dá sentido ao texto policial e quando o leitor chega a verdade, sente uma satisfação intelectual imensa. (MASSI, 2015, p. 35).

Harlan Coben é conhecido em sua comunidade de fãs/leitores e também no meio editorial como o “mestre das noites em claro”. Isso se deve à habilidade atribuída ao escritor de “prender” o leitor na narrativa do romance policial, até que esse descubra o que acontece no final da obra. Característica essa, que podemos considerar comercial, dada a produção de rápida absorção pelos leitores, incentivando a circulação de exemplares de autoria de Coben. Portanto, o escritor deve surpreender o leitor através da verdadeira identidade do criminoso, uma vez que o potencial de fidelização do público está em jogo. Baseado na análise realizada, afirmamos que Coben entrelaça o enredo de forma a deixar o leitor com vários suspeitos em sua lista. O que nos interessa aqui, é destacar a possibilidade que o autor delega a seus personagens-atletas de também serem os criminosos que Myron busca.

Brevemente, acerca da estrutura do romance policial, nota-se que Myron é o protagonista/detetive bem delimitado, adquirindo características que o fazem priorizar a ética acima de seu cliente. Sobre a prevalência, Piglia (2006) explicita:

[...] Se o romance policial clássico se organiza a partir do fetiche da inteligência pura e valoriza acima de tudo a onipotência do pensamento e da lógica abstrata, mas imbatível dos personagens encarregados de proteger a vida burguesa, nos *hard-boiled* americanos essa função se transforma e o valor ideal passa a ser a honestidade, a “decência”, a incorruptibilidade. Quanto ao resto,

trata-se de uma honestidade ligada exclusivamente a questões de dinheiro. O detetive não vacila em ser impiedoso e brutal, mas seu código moral é invariável em um único aspecto: ninguém poderá corrompê-lo. (PIGLIA, 2006, p.93).

Jay Coakley (2014), ao escrever sobre o “Grande Mito do Esporte”, postula que diariamente é possível localizar histórias que contradizem a visão do esporte como puro e bom em sua essência. A série analisada pode ser categorizada como um desses exemplos, porém, novamente, esclarecemos que nesta, a descrição de um esporte-ficção essencialmente positivo ou negativo, não era a intenção inicial de Harlan Coben, de modo que este pode desconhecer a capacidade ilustrativa que sua série literária carrega.

Gumbrecht (2007), ao escrever sobre as motivações de uma torcida para acompanhar eventos esportivos, contextualmente, descreve que esta realizou investimentos, se não financeiros, emocionais e, portanto, assumiu o risco de ser decepcionada, apenas pela tentativa de apreciar desempenhos dramáticos. Em nossa perspectiva, isso também acontece com o leitor, especialmente aquele que acompanha no decorrer do livro a investigação do detetive, correndo o risco de seu investimento não valer a pena.

David Le Breton (2009), ao discorrer, da perspectiva antropológica, sobre as condutas de risco, salienta que “[...] o risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra” (LE BRETON, 2009, p. 11). Isso posto, cada comunidade desenvolverá percepções particulares do que teme, do que lhe fragiliza. Acreditamos, pois, que as transgressões expostas no decorrer da narrativa de Coben refletem perspectivas de risco da sociedade dos Estados Unidos, entre as décadas de 1990 e 2010, período de publicação das obras e com relação ao esporte, o autor expõe os benefícios da carreira de personagens-atletas profissionais, mas também demonstra aspectos negativos associados a esses indivíduos.

[...] Para Suzze, a quadra havia se tornado ao mesmo tempo sua câmara de tortura e seu único refúgio, duas coisas difíceis de conciliar. Depois de algum tempo, como era praticamente inevitável, o resultado foram as drogas e um comportamento autodestrutivo, até que finalmente ela mesma, que poderia, com certa razão, ter se entregado ao jogo da culpa, se olhou no espelho e encontrou a resposta. (COBEN, 2011c, p. 51).



A citação acima, descrita pelo narrador, reflete o primeiro tipo de contravenção que identificamos na narrativa de Coben, associado aos personagens-atletas. Não somente a personagem Suzze T., mas também o personagem Clu Haid, são descritos como os agenciados por Bolitar que têm problemas com o uso de drogas. Dentro desta representação, contudo, existem dois tipos de direcionamentos que podem ser encontrados na obra, o primeiro relacionado ao uso de entorpecentes (caso de Suzze e Clu) e o segundo referente a utilização de substâncias amplificadoras de desempenho atlético.

A critério de ilustração, nos EUA, segundo o *Drug Enforcement Administration Museum* (s.d.), o uso de substâncias entorpecentes tem sido um problema social desde o século XIX, devido à descoberta da cocaína, da heroína e da morfina. Outras demarcações históricas sobre o abuso de drogas no país destacam a década de 1960, com o uso de LSD<sup>67</sup>, maconha e anfetaminas<sup>68</sup> e com o aumento do uso de drogas o governo norte-americano iniciou o desenvolvimento de leis antidroga e de agências de tratamento; em 1970, há novo crescimento do uso de heroína e cocaína, mantendo a maconha e acrescentando os antidepressivos; na década de 1980, as drogas mais utilizadas eram cocaína, heroína, maconha e crack; em 1990, o uso de LSD e outros tipos de alucinógenos aumenta, enquanto o uso de maconha diminui. No entanto, a substância mais preocupante no período foi a heroína, que devido à modificação na forma de sintetizar a droga, teve o número de dependentes em crescimento; nos anos 2000 a 2010, o abuso de álcool teve aumento significativo no país<sup>69</sup>, assim como o uso de maconha e estimulantes, no caso, as anfetaminas (DEA MUSEUM, s.d.; SERENITY NOW, 2016).

---

<sup>67</sup> Sigla para a substância dietilamida do ácido lisérgico, oriunda do termo alemão *Lysergsäurediethylamid*, é uma droga com elevado potencial alucinógeno.

<sup>68</sup> Drogas sintéticas que estimulam o sistema nervoso central, provocando melhora no desempenho de atividades físicas e cognitivas.

<sup>69</sup> O oitavo livro da série “Myron Bolitar”, *A Promessa* (2017), originalmente publicado em 2006, tematiza o abuso de álcool, pois a situação que engatilha a investigação desenvolvida pelo personagem principal, é uma promessa que ele solicita que jovens lhe façam, na qual assumem o compromisso de não entrarem em carros cujo os motoristas estejam alcoolizados. Esta situação aconteceu realmente com o autor, Harlan Coben, fato que ele declarou ser a inspiração para o desenvolvimento da narrativa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ASgwwu7hocQ>>. Acesso em: 29 set. 2017.

Na primeira situação identificada na série, não há especificações do tipo de drogas utilizados pelos personagens-atletas em todos os casos expostos, apenas indícios, por meio do termo “drogas”. Em nossa perspectiva, isto pode significar uma generalização por parte do escritor – possivelmente motivada pela intenção de não estimular o uso de um tipo específico de substâncias ilícitas – ou apenas um desconhecimento sobre drogas e suas particularidades. No caso de Suzze T., uma breve passagem do texto, após a morte da personagem por overdose de heroína<sup>70</sup>, nos permite inferir que a atleta fazia uso de drogas injetáveis, leia-se: “[...] – As pessoas se picam em diferentes lugares – disse Muse<sup>71</sup>. – Dizem que, no auge da carreira, por causa das roupas de tênis, Suzze se picava em, ahn, em lugares menos visíveis” (COBEN, 2011c, p. 138).

O segundo tipo de referência a drogas relacionadas ao esporte foi localizado no primeiro e no sexto livro da série, *Quebra de Confiança* (2011) e *Detalhe Final* (2015), respectivamente.

[...] você [Danny Clarke<sup>72</sup>] deixou o Horty<sup>73</sup> ficar enquanto ele bombava seus garotos com substâncias que eram perigosas mas aumentavam a capacidade deles de jogar. Quando ele pegou mais pesado e partiu para coisas que tinham impacto negativo no campo, de repente você virou um legítimo militante da luta contra as drogas. (COBEN, 2011a, p. 111).

Tanto a citação acima, quanto a abaixo, representam descrições de diálogos entre o personagem principal e dirigentes de times de futebol americano e beisebol, respectivamente. As passagens ilustram substâncias amplificadoras de desempenho e a recorrência de exames *antidoping* realizados em atletas profissionais transpostos para a construção da narrativa como elementos que constituem o campo esportivo fictício:

[...] – Me fale sobre o antidoping de Clu. [...] com que frequência você o submetia aos testes?  
[...] – No mínimo uma vez por semana – [Sophie Mayor<sup>74</sup>] disse.  
- Exame de urina? – perguntou Myron.

<sup>70</sup> Único caso em que a droga utilizada foi mencionada no enredo.

<sup>71</sup> Ver glossário.

<sup>72</sup> Ver Glossário.

<sup>73</sup> Ver Glossário.

<sup>74</sup> Ver Glossário.

- Sim – respondeu Jared<sup>75</sup>.
- E todos deram negativo? Exceto o último, quero dizer.
- Sim. (COBEN, 2015, p. 138).

Nos EUA, os testes de detecção de *doping* podem ser feitos através de coleta de urina ou de amostra de sangue do atleta examinado, mas este deve autorizar sua participação no procedimento devido salvaguardas constitucionais (quarta e quinta emenda da constituição norte-americana), o que leva as ligas privadas do esporte profissional a determinarem a realização de testes via cláusula contratual com o atleta<sup>76</sup> (SPORTS LAW, 2017). Essa configuração se torna um elemento contextual ficcionalizado para a série, como exemplificado pela citação anterior. Como consequência, não há consenso acerca das substâncias proibidas entre as modalidades, variando conforme o esporte.

Assim, a sociedade estadunidense regida pelo contrato e apaixonada pelas regras (TOTA, 2009) encontra meios de, no esporte, outra prática altamente regrada, tentar manter os sujeitos dentro das normas. Os atletas profissionais estão sujeitos a ter de realizar exame constantemente, no intuito de garantir a integridade do esporte, assim como do clube, e esta característica incide sobre o texto das obras literárias analisadas.

Contudo, a preferência por retratar tal tipo de contravenção relacionada ao esporte pode ser associada ao período histórico em que a série está alocada, pois em 1990 o congresso americano aprovou o “Ato de Controle de Esteroides Anabolizantes” (PROCON.ORG, 2013). A seguinte citação da série analisada, informada pelo narrador, menciona tipos de contravenções praticadas:

[...] todos trapaceavam. As pessoas acham que essas coisas só acontecem hoje em dia, com anabolizantes. Mas os jogadores do *New York Giants* da década de 1950 decifraram os códigos que os *Dodgers* usavam em suas jogadas e previam cada movimento do adversário. Alguns lançadores desgastavam a bola para ela ganhar efeito. Aquele cara que administrava os *Celtics*, o que escolheu

---

<sup>75</sup> Ver Glossário.

<sup>76</sup> De acordo com a seção sobre drogas e testes da Lei do Esporte dos Estados Unidos (2017), o *doping* pode ser realizado por meio da ingestão de suplementos de reconstrução muscular sem indicação médica, fármacos que estimulam a recuperação do sistema muscular e nervoso ou *doping* sanguíneo, para melhorar a resistência muscular e aeróbia. Disponível em: <<https://sportslaw.uslegal.com/drugs-and-testing/>>. Acesso em: 29 set. 2017.

você para o time, deixava o vestiário do time visitante ficar uma sauna. Talvez isso não seja roubar. Talvez seja só tentar obter vantagem. (COBEN, 2011c, p. 88).

Apesar de se referir na citação principalmente a times de beisebol dos EUA, notamos, através da transposição para o texto, que os casos de *doping* começaram a ser pautados após a década de 1960 (PROCON.ORG, 2013), isso não significa que os outros tipos de modelos de trapaça que o autor delineia na ficção, não ocorram, uma vez que, por exemplo, na temporada de 2014/2015 da NFL, o time *New England Patriots* foi acusado de utilizar bolas murchas<sup>77</sup> no primeiro tempo de jogo contra o *Indianapolis Colts*. O *Patriots* venceu a partida e avançou para disputar a final do campeonato, o *Super Bowl*, o qual também venceu. A investigação, todavia, detectou a infração e a equipe, assim como o *quarterback*, Tom Brady, foram punidos, porque a investigação realizada pela liga concluiu que todos estavam envolvidos na adulteração. Porém, Brady foi liberado de sua suspensão e pode iniciar como titular a temporada seguinte (GLOBOESPORTE.COM, 2015a; GLOBOESPORTE.COM, 2015b).

Outra contravenção que identificamos no enredo foi a caracterização de alguns personagens-atletas como os criminosos das narrativas, aqueles cujo detetive deve localizar, sejam eles Christian Steele (diretamente), Duane Richwood e Linda Coldren (indiretamente). Lembramos que Harlan Coben declarou em entrevistas que antes de iniciar o processo de escrita de seus livros<sup>78</sup> sabe o início e o fim das tramas<sup>79</sup>, o que nos permite deduzir que configurá-los como atletas não era impeditivo à vilania.

O bom e o mal estruturam o romance policial (MASSI, 2011), pois o detetive (bom) deve ser capaz de sobrepujar os desafios e enigmas que aparecem no enredo, descobrindo o autor do crime (mal). Segundo Julio Jeha (2007), o mal não possui definição específica, devido sua secularidade e diferentes representações sociais, mas encontra na literatura,

<sup>77</sup> No futebol americano cada equipe é responsável por levar para a partida 12 bolas para serem utilizadas.

<sup>78</sup> Todos os livros do autor estão inseridos no gênero romance policial.

<sup>79</sup> Por exemplo, nas entrevistas disponíveis nos seguintes links: <<https://www.youtube.com/watch?v=xzwFZmQjudQ>>. Acesso em: 29 set. 2017; <<https://www.youtube.com/watch?v=aogFgT8dJAg>>. Acesso em: 29 set. 2017; e <<https://www.youtube.com/watch?v=eLwqQzAlZPs>>. Acesso em: 29 set. 2017.

principalmente na narrativa, um meio capaz de retratar suas vastas representações. O que identificamos na série analisada, é uma manifestação do que Jeha (2007) chama de “mal moral”, um mal ‘melhor definido’, que consiste nos desvios da ordem humana, como por exemplo, pecados, vícios e crimes; “[...] para que esse tipo de mal possa ocorrer, o agente tem de se decidir a abandonar sua integridade moral; assim, ele afeta tanto a vítima quanto o agente” (JEHA, 2007, p. 16).

Consideramos Christian Steele como um tipo de criminoso direto, pois ele é o principal agente do mal na narrativa em que aparece, já que assassina a ex-noiva e a investigação principal do enredo consistia em descobrir o que havia acontecido com a moça. Duane Richwood e Linda Coldren são considerados por nós como criminosos indiretos, porque, apesar de não serem os responsáveis pelo crime principal da narrativa, ambos cometeram transgressões paralelas que levam o personagem principal a deixar de ou não os agenciar. Os crimes retratados nestes casos não tinham correlação motivacional com o campo esportivo, somente os agentes em si.

Nos EUA, contextualmente, um dos casos mais emblemáticos conexos à atletas que se envolveram em crimes não relacionados ao esporte, é o de Orenthal James Simpson (O.J. Simpson), jogador de futebol americano (*running back*<sup>80</sup>), ídolo que chegou a atuar em filmes de Hollywood<sup>81</sup>, que em 1995 foi acusado de assassinar sua ex-mulher, Nicole Brown, e o amigo dela, Ronald Goldman, em junho de 1994. Preso após perseguição policial televisionada, o julgamento de O.J. durou de janeiro a outubro de 1995 e teve cobertura midiática constante pela celebridade que o atleta era. Segundo o jornal *O Globo* (2017), nenhum julgamento por crime de morte teve tanto público no EUA e o atleta foi absolvido das acusações pelo júri<sup>82</sup>. Em sua

---

<sup>80</sup> Posição de jogo no futebol americano cujo principal objetivo é correr para completar a descida (*down*) ou ultrapassar a linha final (*touchdown*) ao mesmo tempo em que está preparado para receber o passe realizado pelo *quarterback*.

<sup>81</sup> “Corra que a polícia vem aí” (1988, 1991, 1994); “Capricórnio um” (1977).

<sup>82</sup> O.J. voltou a ser preso, acusado de assalto à mão armada, formação de quadrilha e sequestro, porque roubou peças de colecionadores de itens esportivos e os manteve presos em um quarto de hotel de *Las Vegas* (Nevada, EUA). Dessa vez o ex-atleta foi condenado a 33 anos de prisão, porém, em julho de 2017, aos 70 anos, recebeu liberdade condicional (O GLOBO, 2017). Em 2017, o filme baseado na vida de O.J., “*O.J.: Made in America*”, com 7 horas e 47 minutos de duração, produzido pela *ESPN Films*, venceu o Óscar na categoria melhor documentário de longa-metragem.

liberdade criativa, Coben transpõe esse caso para o enredo da série analisada, de modo a legitimar seu personagem criminoso através da comparação com acontecimentos da não-ficção, como demonstra o trecho a seguir:

[...] não estou sugerindo absolutamente nada. Estou dizendo o que a polícia suspeita: que Linda matou Jack. E o motivo de haver tantos policiais em volta desta casa é garantir que não retiremos nada antes da concessão do mandado de busca. Eles deixaram bem claro que não vão admitir nenhum Kardashian nesta história.

Kardashian, o advogado de O. J. Simpson que retirou as provas da casa dele. E mudou a terminologia jurídica para sempre. (COBEN, 2013, p. 177).

Inferimos, deste modo, que Coben realiza escolhas narrativas a todo momento da construção de seu texto (CANDIDO, 2014), selecionando aspectos que representam pontos de compreensão para o leitor, tanto estadunidense como estrangeiro. Sua representação sobre o esporte, portanto, não é exceção e as inspirações contextuais são transpostas para o texto conforme o autor julga necessário.

Notamos, destarte, que uma das preferências de Coben é representar níveis de contravenção para os personagens-atletas, em maior ou menor grau de impacto na relação dos mesmos com os personagens principais. A citação sobre o uso de drogas por Suzze T. representa bem este ponto de transposição textual, porque induz que ‘em algum momento’ no plano real (COMPAGNON, 2014), é esperado que a rotina extenuante de treinamentos e a exposição pessoal do atleta profissional o abale a ponto de recorrer ao uso de drogas. Sobre a característica moral do personagem principal discorreremos um pouco mais no capítulo a seguir.

#### 4 O PERSONAGEM MYRON BOLITAR NAS FACETAS DE DETETIVE E AGENTE ESPORTIVO

[...] fui um astro do basquete durante toda a juventude, destinado a uma carreira de sucesso na NBA, jogando pelo *Boston Celtics*. Mas, logo nas eliminatórias da primeira temporada, fui atropelado pelo gigante Burt Wesson, que destruiu meu joelho. Eu lutei, tentei voltar, mas, nesse caso, querer não é poder. Minha carreira acabou quase antes de começar. (COBEN, 2011b, p. 32).

Dez anos depois da lesão. É quando tem início a narrativa de Harlan Coben acerca das aventuras do agente esportivo/detetive Myron Bolitar. Uma grande promessa do basquetebol nos EUA que teve a carreira interrompida, “antes de começar”, de modo que após dez anos, decide iniciar como agente esportivo e gerenciar a carreira de atletas. Mesmo assim, o desempenho esportivo “extraordinário” do protagonista é constantemente mencionado por personagens pontuais<sup>83</sup>, quando, por exemplo, o narrador detalha a reflexão de Bolitar: “[...] Myron sempre se surpreendia com a memória do público. Depois daqueles anos todos, as pessoas ainda se lembravam dos seus jogos importantes, dos lances, às vezes com mais clareza do que ele próprio” (COBEN, 2016, p. 43).

Ao longo dos vinte anos em que a série se passa, com publicações entre 1995 e 2016<sup>84</sup>, o agente esportivo, assim como sua empresa, são desenvolvidos no texto de Coben, do mesmo modo como o desempenho do protagonista nas investigações que realiza. Neste capítulo delinearemos as características que assentam o personagem principal como detetive, dada a inserção da obra no gênero romance policial, bem como enquanto agente esportivo. Como apontamos na metodologia, os romances policiais de Coben podem ser compreendidos como de suspense (TODOROV, 2003) e por este motivo, acreditamos que o período contextual retratado, assim como os intervalos de publicação, permitiram ao autor modificar características de seu

<sup>83</sup> Que são incorporados aos enredos apenas para completar uma cena descrita, como por exemplo, vizinhos, donos de lojas em que o personagem vai, entre outros. Consideramos estes personagens pontuais, pois não interferem diretamente na trama dos livros.

<sup>84</sup> A última obra da série, *Home*, foi lançada em setembro de 2016 nos EUA e até dezembro de 2017 não havia sido traduzida para o português. Contudo, a obra não se encaixa em nosso escopo de análise, dada a supressão da temática esportiva na série a partir dessa publicação.

detetive, tal como passar a combater fisicamente os inimigos ou dedicar-se exclusivamente às investigações, pois nos dez primeiros livros o protagonista reforça: “[...] Sou empresário esportivo, e não detetive” (COBEN, 2016, p. 21).

#### 4.1 O PACOTE COMPLETO: MYRON ENQUANTO DETETIVE

[...] novamente me lembrei da promessa que tinha feito a Ali<sup>85</sup>. Devia haver alguma forma legalmente plausível de quebra-la. Depois que uma lesão dera fim à minha carreira no basquete, precisei provar ao mundo que minha vida ia muito bem, obrigado. Então fui estudar direito – em Harvard. Myron Bolitar era o pacote completo: advogado e atleta, um homem instruído e atraente. Pois bem: eu tinha um diploma de direito. Portanto, devia ser capaz de encontrar uma brecha legal a meu favor. (COBEN, 2011b, p. 27).

De acordo com Todorov (2003), os romances policiais normalmente apresentam como narrador uma pessoa que não o detetive, capaz de demonstrar ao leitor o percurso realizado na investigação, mas sem deixar brechas para que a identidade do criminoso seja descoberta antes do devido momento, ou seja, antes dos capítulos finais. E por isso, o autor admite a possibilidade de personagens amigos dos protagonistas serem declarados como os narradores nos romances policiais clássicos (TODOROV, 2003), como é o caso do Dr. Watson como voz narrativa das histórias de Sherlock Holmes (Conan Doyle) ou Hastings nas histórias de Hercule Poirot (Christie). Mas isso não se aplica a série “Myron Bolitar”, denotando modificação no romance policial contemporâneo, uma vez que o narrador é um agente velado, terceira pessoa, que acreditamos possa ser o autor Harlan Coben, mas que não constitui personagem da série<sup>86</sup>.

Myron Bolitar, o protagonista da série analisada, é caracterizado na primeira obra da série como um homem de cerca de 30 anos de idade, que está em processo de desenvolvimento inicial de sua empresa de agenciamento de atletas profissionais. Tentando conseguir clientes promissores, assim como bons contratos para seus agenciados, tanto com

---

<sup>85</sup> Ver Glossário.

<sup>86</sup> Verificamos, no entanto, que no nono livro da série, “Quando Ela se Foi” (2011), que há mudança na voz narrativa, pois este é o único volume da série narrado em primeira pessoa do singular, pelo protagonista. Os demais enredos são configurados como narrativas em terceira pessoa, de um observador da ação textual. Acreditamos que, como os livros foram publicados no Brasil em ordem não sequencial, seja uma opção editorial.



clubes como com indústrias oriundas do mercado norte-americano (*Nike* e *Reebok*<sup>87</sup>, por exemplo), Bolitar tem de aplicar suas habilidades pessoais para solucionar casos de crimes em que seus clientes se envolvem direta ou indiretamente.

A série literária, portanto, acompanha o aperfeiçoamento pessoal e profissional do protagonista, retratando os altos e baixos da MB Representações Esportivas, pois nos momentos em que o personagem principal é representado como feliz e satisfeito pessoalmente, a empresa tem sucesso e é bem administrada, reconhecida no mercado esportivo; ao passo que, quando o personagem é descrito em momentos de crises individuais, a empresa corre o risco de falir. A passagem a seguir, que descreve um diálogo entre Myron e Esperanza, sua assistente e depois sócia, demonstra:

[...] nossos clientes não merecem isso. Demos nossa palavra de que trabalharíamos em defesa dos interesses deles. Mas não é isso que estamos fazendo aqui. [...] você é o melhor agente do mundo – prosseguiu ela [Esperanza]. Também sou boa no que faço. Muito boa. Deixo você no chinelo em uma mesa de negociações e sou muito mais capaz de fazer nossos clientes ganharem dinheiro. Mas eles nos procuram porque confiam em você, porque querem alguém que cuide bem deles. E nisso você é excelente. [...]

- É eu entendo – falei [Myron]. Geralmente entro nessas confusões para proteger os clientes. Mas desta vez a coisa é maior. Bem maior. Você quer que eu dedique mais tempo aos nossos interesses pessoais. Eu entendo. Mas preciso ir até o fim dessa história.

[Esperanza] – Você tem complexo de herói – disse ela.

[Myron] - Tenho, é? Mentira. (COBEN, 2011b, p. 189-190).

Através da última citação percebemos como a personagem Esperanza é importante na manutenção da empresa, fator que justifica seu consequente desenvolvimento para sócia do protagonista, pois, para que Myron mantenha sua personalidade baseada no “complexo de herói” ativa, desejoso de elucidar as investigações nas quais se envolve, outro personagem deve ser capaz de assegurar seu negócio. Myron seria, supostamente, aquilo que Massi (2009a; 2011) descreve como o *detetive de ocasião*, pois sua intenção na série é manter a empresa de representações em paralelo aos casos que

---

<sup>87</sup> Empresa estadunidense de equipamentos esportivos, assim como a *Nike*.

desvenda, ou seja, possui outra profissão. O seguinte trecho, descrito pelo narrador, justifica as habilidades de Myron enquanto investigador:

[...] Myron e Win haviam trabalhado em casos de uma natureza especial e quase contraditória: casos de grande evidência, mas que exigiam total sigilo. A dupla era perfeita para tais ocasiões. Afinal, quem suspeitaria de um ex-jogador de basquete e um ricoço almofadinha como agentes secretos? Eles podiam se infiltrar em qualquer círculo sem levantar nenhuma suspeita. Não precisavam inventar qualquer tipo de identidade falsa; a identidade real de ambos era o melhor disfarce que a agência [FBI] já tivera. No entanto, Myron jamais se dedicara em tempo integral ao trabalho com os federais. Win, sim, era o garoto de ouro deles; Myron não passava do ajudante de campo que Win convocava sempre que necessário. (COBEN, 2012b, p. 143).

Contudo, a autora (MASSI, 2009a; 2011) também determina que os *detetives de ocasião* não possuem a competência necessária que o personagem que é *detetive profissional* detém e assim, não seriam tão qualificados. O personagem Myron, por sua vez, é caracterizado como um agente esportivo que é capaz de empregar táticas de investigação adequadas porque trabalhou para o FBI por um período de cinco anos, do mesmo modo que tem formação em direito, pela Universidade de Harvard<sup>88</sup>, o que lhe permite ter conhecimento das ilegalidades que presencia ou comete, como analisamos pela citação inicial deste subcapítulo.

Não obstante, Bolitar assume essa característica um tanto quanto inconsequente com o decorrer da série, uma vez que nas primeiras obras o personagem evitava conflitos, especialmente em passagens textuais nas quais brigas eram descritas. Nesses trechos, o personagem de Windsor Horne Lockwood III (Win), “[...] vegetariano, mestre de várias artes marciais, praticante de meditação transcendental, sempre tão à vontade e em sintonia com o meio” (COBEN, 2013, p. 77) era ‘invocado’, solucionando os embates por Myron.

Consideramos Win o contraponto de Myron, termo explorado pelo autor Harlan Coben, pois os personagens possuem características complementares na estrutura da narrativa: “[...] então você é amigo do Win –

---

<sup>88</sup> Voltada ao ensino superior a Escola de Direito de Harvard, vinculada à Universidade de Harvard, é referência nos EUA na área de direito, pois foi fundada em 1817 e é a mais antiga escola de direito ativa no país (HARVARD LAW SCHOOL, 2017).

disse Cingle. – Sou [Myron respondeu] [...] você não parece psicótico. – Gosto de pensar em mim como um contraponto” (COBEN, 2017, p. 147). Por exemplo, enquanto Myron é preocupado com valores morais e relacionamentos pessoais, Win ignora estes aspectos, mas por outro lado, Win dedica-se à empresa de sua família e baseia suas ações em raciocínios calculistas, fatores de menor relevância em Myron. A citação que segue foi extraída do livro *Detalhe Final* (2015), sexto da série e que retrata uma fala da personagem Esperanza a Myron, demonstrando a dicotomia Myron *versus* Win.

[...] E talvez vocês sejam mais parecidos do que gostariam. Não quero me aprofundar muito nisso, mas Win o vê [Myron] como seu lado humano. É como se pensasse: se você gosta dele, é porque não deve ser tão mau assim. Você, por outro lado, o vê como uma dose fria de realidade. A lógica de Win é assustadora, mas fascinante. Existe uma pequena parte em todos nós que gosta do que ele faz, o mesmo lado que pensa que há alguma razão quando os iranianos cortam a mão de um ladrão. Você cresceu ouvindo todo aquele lixo liberal de classe média sobre os menos favorecidos. Mas agora a experiência da vida real está ensinando que algumas pessoas são más mesmo. Isso aproxima você de Win. (COBEN, 2015, p. 129).

Inferimos, portanto, baseado na proposição de Massi (2009a; 2011) acerca dos tipos de detetives contemporâneos, que Myron se configura mais como um *detetive profissional* do que como um *detetive de ocasião* ou um *detetive amador* (aquele que almeja ser profissional), devido à sua articulação com o FBI como descrevemos anteriormente e à descentralização do detetive no enredo, pelo fato de formar uma equipe junto com Win e Esperanza<sup>89</sup>. Outro aspecto que embasa nossa constatação é que, ao findar do décimo enredo da série, a empresa MB Representações é vendida e o personagem passa a ser somente detetive, como evidenciado no 11º livro da série, não alocado no escopo desta pesquisa.

Massi (2009) declara que “[...] algumas vezes o trabalho de investigação é realizado por duplas [...] e outras vezes é realizado por equipes de investigação [...] especializados em diferentes áreas” (MASSI, 2009a, p. 84) e na série analisada temos as duas circunstâncias, Myron e

---

<sup>89</sup> E, em menor grau, Big Cindy, secretária, que em algumas situações acompanha Myron na busca de pistas – ver glossário.

Win (dupla) ou Myron, Win e Esperanza (equipe). Neste segundo aspecto, verificamos que os níveis de participação dos personagens na narrativa ocorrem em diferentes situações: Myron manifesta-se pelas deduções lógicas e é o enunciador do desfecho dos casos; Win auxilia nos conflitos corpo a corpo, deduções lógicas e aspectos financeiros; e Esperanza obtém informações pontuais dos casos. Mesmo assim, constatamos que a ação da dupla se sobressai no enredo.

Para James (2012), “[...] dada a crescente importância do realismo para autores e leitores, surgida em parte do relativo realismo das séries de televisão, o detetive profissional tomou, em grande medida, o lugar do amador” (JAMES, 2012, p.158-159). Notamos a influência cultural que Coben transfere para seu texto, através do trecho: “[...] não se meta onde não deve. Você não é o *Batman* e Win não é uma versão psicótica do *Robin*” (COBEN, 2017, p. 21). No caso de Myron e Win, a dupla é descrita nas obras (COBEN 2011a; 2012a; 2013; 2015) como *Batman* e *Robin*, em referência à dupla de super-heróis dos quadrinhos da *DC Comics* salientando Win como *auxiliar do saber* (MARTINS, 2000) de Myron, capaz de estimular subjetivamente o detetive principal, intuindo sobre as circunstâncias do crime e sobre possíveis suspeitos. Novamente, a aproximação dos personagens apesar de suas diferenças, são mencionadas na série pelo narrador:

[...] Win tinha uma maneira estranha de ver o mundo em preto e branco. Nos últimos tempos, Myron percebeu que suas próprias áreas cinzentas se tornavam cada vez mais negras. E não gostava nada daquilo. Ele não gostava da mudança que a experiência – ver a crueldade entre os homens – estava lhe impondo. Tentava preservar seus antigos valores, mas a corda ia ficando cada vez mais escorregadia. Por que ele ainda os preservava? Porque realmente acreditava neles ou porque gostava mais de si mesmo como alguém que acreditava neles? (COBEN, 2013, p. 103).

Acerca da alteração da personalidade do protagonista consideramos o quinto livro da série, *Um Passo em Falso* (2014), um ponto de modificação, onde a “[...] crença fundamental no ser humano” (COBEN, 2011b, p. 103), característica de Myron, foi modificada pelo autor, motivado na trama pelo falecimento da personagem Brenda Slaughter. Acreditamos que uma possível justificativa está relacionada à percepção do autor sobre a

necessidade de retirar um pouco da vulnerabilidade do protagonista, devido à série já ter cinco livros em quatro anos (1995 a 1999) e o personagem acompanhar a cronologia contextual. A partir da quinta obra então, Myron passa a atuar ativamente em combates corpo a corpo quando esses são descritos, mas diferentemente de Win, sempre há para Myron a dificuldade inicial e a recuperação no fim, ou seja, ele começa os combates perdendo. Por exemplo, nesta passagem o personagem já havia apanhado de seu adversário, como o narrador conta, mas: “[...] Myron juntou o indicador e o dedo médio da mesma mão que havia mudado a trajetória do soco e, num movimento rápido, cravou-os na base da garganta do adversário, bem na parte macia e oca. O golpe foi perfeito.” (COBEN, 2011c, p. 33). Outro exemplo segue na citação, esta narrada por Myron:

[...] Parte do meu cérebro se recriminava pela estupidez de partir para uma briga sem ter uma arma ou Win como garantia. No entanto, outra parte, bem maior, já havia entrado no modo “sobrevivência”. Mesmo em brigas aparentemente mais bobas, seja em um bar ou em um jogo de futebol, nossa adrenalina vai às alturas, porque o corpo tem consciência daquilo que a cabeça talvez se recuse a aceitar: trata-se de uma questão de sobrevivência. Podemos muito bem morrer ali. (COBEN, 2011b, p. 122).

Harlan Coben então, estrutura seu romance policial de modo a acompanhar as modificações do personagem, logo escolhe configurá-lo de acordo com o percurso cronológico da publicação dos livros e isto rompe por exemplo, com clássicos do gênero, uma vez que as narrativas de Sherlock Holmes (de *Sir* Arthur Conan Doyle) e C. Auguste Dupin (de Edgar Allan Poe) têm seus personagens organizados ao redor dos casos por eles investigados, mesmo que as publicações tenham anos de intervalo entre si, ou seja, os personagens custam a envelhecer. Um exemplo verificado na série analisada é quando, no primeiro hiato da série, entre a sétima e oitava publicação, seis anos se passaram. Até 2000 as publicações seguiam anualmente, com duas em 1996, e, portanto, as menções cronológicas utilizavam referências como “ano passado” ou “alguns anos atrás” quando aludiam a acontecimentos de enredos prévios, mas não imediatamente anteriores.

Contudo, a fenda temporal entre 2000 e 2006 é exposta no oitavo livro, *A Promessa* (2017<sup>90</sup>), elucidando a passagem cronológica e inserindo referências a elementos contextuais, como o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001<sup>91</sup> e, como consequência, a Guerra ao Terror. No plano textual esses eventos ficam elucidados por meio de dois personagens: Ali Wilder, viúva do atentado terrorista de 11 de setembro, com quem Myron tem um relacionamento entre o oitavo e o nono livro da série; e o filho de Myron, Jeremy Downing<sup>92</sup>, que passa a atuar como militar na Guerra ao Terror, transposta para o livro, enviando notícias ao pai ocasionalmente.

Também percebemos esse evento na narrativa pelo seguinte trecho, uma fala de Win: “[...] não seja ingênuo. O próprio Bush admitiu a existência deles [locais de tortura]. Mas esses lugares não surgiram com o 11 de setembro, nem desapareceram depois das ações do Congresso” (COBEN, 2011b, p.166-167); e na seguinte passagem, um diálogo entre Myron e um detetive francês, que transpõe como personagem para o enredo o terrorista Khalid Sheikh Mohammed, identificado no plano contextual como o planejador principal dos ataques do 11 de setembro (COMMISSION REPORT, 2002):

[...] Até hoje, apesar de todos os rumores, o governo americano só admitiu a existência de três casos em que o prisioneiro foi torturado com simulação de afogamento, e todos anteriores a 2003. Você acredita nisso? No caso de Khalid, o mundo inteiro estava de olho. Foi isso que seu governo aprendeu com os erros de Guantánamo. Não se pode fazer uma coisa dessas na cara de todo mundo. (COBEN, 2011b, p. 168).

---

<sup>90</sup> Publicado nos EUA em 2006.

<sup>91</sup> Neste atentado terrorista, a organização islâmica al-Qaeda, através de 19 terroristas, sequestrou quatro aviões de passageiros e os colidiu intencionalmente contra as Torres Gêmeas, do complexo empresarial *World Trade Center*, em Nova Iorque (dois deles); um contra o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos EUA, na Virgínia; e um contra um campo aberto na Pensilvânia, pois neste caso os passageiros interviram e mudaram o curso da aeronave (COMMISSION REPORT, 2002). Foram contabilizadas 2.996 mortes e o país, como consequência, lançou a denominada “Guerra ao Terror”, autorizada pelo então presidente George W. Bush, uma iniciativa militar que invadiu e ocupou o Afeganistão e o Iraque.

<sup>92</sup> Ver glossário.

O nono livro por sua vez, traz referências ao Mossad, o serviço secreto israelense, por meio da personagem Zorra<sup>93</sup> e de agentes secretos que seguem Myron, reforçando a perspectiva de ataques terroristas contra os EUA e também os países do Oriente Médio como os vilões em relação ao povo norte-americano, pois, no enredo, a organização investiga suspeitos israelenses que atuam na América (EUA) e na Europa. O seguinte trecho, uma fala do personagem Win para Myron, esclarece o estereótipo cultural (LIPPMANN, 2008) na série “[...] Bons em espionagem, bons em luta, falam hebraico e vão embora sem matar você. É, tudo indica o Mossad.” (COBEN, 2011b, p. 126).

Para além das manifestações localizadas nas fontes, Eduard Said (1990), ao exemplificar como os árabes são retratados em algumas mídias (literatura, jornais, filmes, televisão, entre outros), estas contextuais, salienta que as escolhas de representação modificam-se conforme o período histórico e que, no período em que escreve (década de 1990), o “[...] ‘árabe’, no sentido generalizado, parece acomodar-se prontamente às transformações e reduções – todas de um tipo simplesmente tendencioso – que lhe são continuamente expostas” (SAID, 1990, p. 290).

Walter Lippmann (2008), sugere que, no que diz respeito às questões sociais (culturais), os estereótipos significam a defesa dos interesses dos indivíduos, para que a projeção de realidade destes seja mantida e assim, os estereótipos vão-se tornando fixos. Por sua vez, na perspectiva de grupo, o autor salienta que, mesmo que uma pessoa aja de forma contrária ao estereótipo pré-concebido em sua sociedade, está será uma exceção, dificilmente rompendo com os padrões já estabelecidos – salvo situações em que o indivíduo tem alto potencial de influência ou haja a disponibilidade de informação que contradiga, impossível de ser ignorada (LIPPMANN, 2008).

No romance policial, o vilão é tão importante quanto o herói/detetive (MASSI, 2015), pois ambos os personagens estão imbricados na essência narrativa, ou seja, um não existe sem o outro. O ensaísta e referência nos estudos relativos à cultura oriental – sobretudo, do oriente médio – Edward Said, acentua que “[...] devemos situar a arte no contexto mundial concreto”

---

<sup>93</sup> Ver Glossário. Esta personagem torna-se recorrente, uma vez que aparece em todos os livros a partir do sexto da série, *Detalhe Final* (2015).

(SAID, 2011, p. 37) e, ao ponderar acerca da proposição de T.S. Eliot sobre o entrelaçamento entre passado e presente na elaboração criativa dos poetas/escritores, ressalta que as formulações relacionadas ao passado estão interligadas à compreensão e percepção do presente (SAID, 2011). Na citação a seguir, extraída da série “Myron Bolitar”, o narrador configura características estereotipadas para o árabe:

[...] O homem tinha sotaque do Oriente Médio. Espiei sem me levantar. A noite avançava rapidamente e eu já não conseguia enxergar com nitidez, mas pude ver que pelo menos dois dos homens tinham pele morena, cabelos castanhos e barbas compridas. Outros usavam lenços verdes no pescoço, de modo que pudessem puxá-los para cobrir o rosto se fosse preciso. Gritavam uns com os outros em uma língua que eu não compreendia, mas que só podia ser árabe. (COBEN, 2011b, p. 238).

Na série “Myron Bolitar”, notamos que o autor realiza generalizações sobre os árabes, porém, tal fator não é restrito a esse povo, sendo também identificado em relação às representações do esporte. Deste modo, as generalizações constituem liberdade de escolha do autor a respeito do que vai ou não compor os elementos textuais (CANDIDO, 2014). Isso também pode ser verificado pelo uso constante de metáforas pelo escritor, como pautaremos no capítulo cinco.

Perrone-Moisés (2016) desenvolve argumentação esquemática em torno da diversidade da literatura impressa, bem como da consequente valorização dos subgêneros literários como nichos de mercado. Segundo a autora, há espaço para a literatura “séria”, para a literatura “difícil”, para a literatura de autoajuda, para a literatura de entretenimento e esses subgêneros podem homogeneizar-se<sup>94</sup> (PERRONE-MOISÉS, 2016). Isso ocorre no caso da série de Coben que, apesar de estar consolidada como

---

<sup>94</sup> Para a autora, as categorizações que estabelece são consideradas de acordo com o nicho mercadológico e compreendem: a literatura “séria” como aquela que recebe prêmios; a literatura dita “difícil”, que circunscreve um público restrito; a literatura de entretenimento, focada nos *best-sellers* que tematizam ficções científicas e fantásticas, erotismo e mesmo os romances policiais que seguem à risca o modelo clássico; e a literatura de autoajuda, que pode estar alocada em diferentes gêneros, tais como ficção, romances históricos ou biografias. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 47).



literatura de entretenimento, detém aspectos históricos em sua organização estrutural.

No caso da série analisada, a emergência de conflitos políticos e ideológicos entre EUA e Oriente Médio apresentou-se para o autor Harlan Coben como artifício criativo, considerando o período em que escreve, não somente refletindo aspectos referentes ao ataque do 11 de setembro e suas consequências, mas também à Guerra do Golfo<sup>95</sup>, na qual, segundo o ensaísta Said (2011), a visão dos EUA era de uma intervenção justiceira, com a missão de curar o mal do mundo, “[...] combatendo a tirania, defendendo a liberdade a qualquer custo e em qualquer lugar” (SAID, 1995, p. 35).

Outras caracterizações da série que refletem a inter-relação entre os elementos internos e externos presentes nas obras analisadas (CANDIDO, 2014), denotando o avanço dos enredos e personagens cronologicamente são: o abuso de álcool abordado no capítulo três desta dissertação e o avanço tecnológico, capazes de datar as obras, exemplificado pela aquisição de um aparelho telefônico *blackberry* pelo protagonista e o celular *iPhone* de Esperanza ou o uso de redes sociais, como o *Facebook* e *Skype*, expostos nos últimos livros da série, publicados após 2010<sup>96</sup>. A citação que segue, descrita pelo narrador da série, demonstra a admissão do protagonista sobre o desenvolvimento tecnológico e como afetou as ações investigativas dos personagens ao longo dos livros:

[...] Na década de 1990, quando os celulares estavam começando a se tornar onipresentes, Myron e Win tinham desenvolvido seu próprio método de comunicação tecnológica, capaz de lhes salvar a vida: quando um deles estava em apuros (leia-se: Myron), chamava o primeiro número de discagem rápida do celular e o outro (leia-se:

---

<sup>95</sup> A Guerra do Golfo Pérsico foi um conflito militar entre o Iraque e as forças de coalizão internacional (liderada pelos EUA e patrocinada pela Organização das Nações Unidas) que ocorreu entre 02 de agosto de 1990 e 28 de fevereiro de 1991. O intuito era libertar o Kuwait, invadido pelo Iraque sob alegação de super-exploração de petróleo, o que prejudicava a economia iraquiana. Ambos os países eram provedores de petróleo para os EUA, o que também os prejudicava. Assim, após tentativas de negociação de paz, não aceitas, a ONU autorizou o ataque ao Iraque. Um ataque aéreo destruiu o país e muitos dos combates tiveram cobertura televisiva (INFOESCOLA, s.d.).

<sup>96</sup> A critério de informação, mesmo que os personagens acompanhem as evoluções tecnológicas presentes no contexto, seja o caso dos aparelhos celulares, quando se trata de automóveis, estes se mantêm os mesmos utilizados pelo protagonista e também o personagem secundário Win, um Ford Taurus (verde) e um Jaguar, respectivamente.

Win) atendia, colocava o próprio aparelho em MUDO, ficava escutando e, se possível, ia socorrer ou pelo menos tentar ajudar o amigo. Na época, 15 anos antes, isso era um truque de última geração. Hoje em dia, era mais ou menos tão moderno quanto o videocassete. (COBEN, 2011c, p. 36, destaque do autor).

A série passou por modificações, assim como o próprio gênero romance policial e, apesar de manter a estrutura, criminoso-vítima-detetive (REIMÃO, 1983; MASSI, 2009b), há a presença da mudança de foco narrativo dos romances policiais contemporâneos (MASSI, 2011). Reimão (1983) pontua, no entanto, que cada personagem detetive possui características diversificadas e modos de realizar a investigação distintos, exemplificando por meio do personagem Sherlock Holmes, pois para ela Holmes era delineado como mais ‘humano’ em relação à Dupin:

[...] essas características [hábitos pouco aceitos socialmente, como o uso de cocaína ou tocar violino enquanto medita] não se relacionam diretamente às atividades de Holmes enquanto detetive, e creio que elas são uma das causas da popularização e grande aceitação desse personagem. Através dessa “humanização”, parece-me que o detetive se torna mais próximo e, portanto, mais assimilável para o leitor. (REIMÃO, 1983, p. 39).

Myron Bolitar se distingue dos detetives clássicos, uma vez que não é perito científico, possui uma equipe para lhe auxiliar (especificada na série) e enquanto personagem tem modificações na sua estrutura de detetive com o decorrer da série, compreendidas na medida em que os livros são lidos na sequência correta, apesar de não ser necessário para compreender as tramas. Reiteramos que os leitores acompanham os casos investigados por Bolitar, recebendo informações por meio de um narrador em terceira pessoa, oculta, ao contrário do leitor dos romances policiais de Agatha Christie e Arthur Conan Doyle, que acompanham a história através da narração de personagens coadjuvantes, os *auxiliares do saber* (MARTINS, 2000), Arthur Hastings e John Watson, respectivamente. Podemos localizar na série “Myron Bolitar” menções ao personagem de Holmes em referência a sua capacidade de dedução em comparação com a habilidade de Myron, como o narrador descreve, na citação exposta na sequência.

[...] ela então o conduziu por uma porta como qualquer outra, exceto pelo grande C de bronze. Em questão de segundos, Myron conseguiu deduzir que aquela era a sala de reuniões C. As aventuras de Sherlock Bolitar. (COBEN, 2012a, p. 119).

A ironia, que podemos atribuir como uma característica humana do personagem analisado, assim como Reimão (1983) ao falar de Holmes, vem às páginas pelas comparações de desempenho com o personagem clássico dos romances policiais ou ainda através de referências culturais, descritas pelo narrador: “[...] Sherlock Holmes provavelmente **poderia ter usado aquilo** para descobrir com exatidão aonde Suzze tinha ido, mas Myron não” (COBEN, 2011c, p.157, destaque nosso); “[...] e viu uma lista de endereços que Suzze havia consultado. **Sherlock Holmes, morra de inveja**” (COBEN, 2011c, p. 157, destaque nosso); “[...] Myron tentou resolver **esse importantíssimo dilema**, tão difícil de entender quanto os paradoxos cronológicos da série *De volta para o futuro*<sup>97</sup>... Acabou se dando por vencido” (COBEN, 2012b, p. 57, destaque nosso); “[...] Myron assentiu. **Como diria Dorothy**<sup>98</sup>: ‘Totó, não estamos mais no Kansas’” (COBEN, 2011a, p. 187, destaque nosso).

Neste caso, Harlan Coben declarou em entrevista que: “[...] escrevi sete livros do Myron Bolitar em cinco anos e eu não queria um personagem como Sherlock Holmes ou Hercule Poirot que resolvem os crimes, mas não mudam” (HIGH, s.d., tradução nossa)<sup>99</sup>. Em outra entrevista, transposta na citação a seguir, o autor declarou que o personagem Myron Bolitar é parecido com suas características pessoais e ao descrever o personagem como bem-humorado e irônico, o protagonista “diz coisas” que o autor gostaria de ter dito.

<sup>97</sup> Trilogia de longas-metragens dos anos 1980, produzidos pela *Universal Studios* e pela *Amblin Entertainment*, composta pelos filmes *De volta para o futuro*, *De volta para o futuro 2* e *De volta para o futuro 3*.

<sup>98</sup> Em referência a história de “O mágico de Oz”, escrito por L. Frank Baum. O livro já foi fonte de adaptações realizadas pela indústria de cinema norte-americana.

<sup>99</sup> Tradução do original: “[...] *I’d written seven Myron Bolitar books in five years and I did not want a character like Sherlock Holmes or Hercules Poirot who solves the crimes but doesn’t really change*” (HIGH, s.d.). Disponível em: <[http://www.shotsmag.co.uk/interview\\_view.aspx?interview\\_id=93](http://www.shotsmag.co.uk/interview_view.aspx?interview_id=93)>. Acesso em: 27 out. 2017.

[...] quando eu criei Myron Bolitar, e muitos escritores não gostam de admitir isso, eu queria que ele fosse como eu, mas com a realização de desejos. Eu joguei basquete universitário, mas não era tão bom quanto Myron. Sou grande e Myron é um pouco maior. Ele é mais forte, ele é mais engraçado porque ele pensa em coisas que eu gostaria de ter dito. Ele é provavelmente um amigo melhor, é mais leal. Mas, o que eu não percebi foi que quando criei Myron, eu dei uma tensão maravilhosa que funciona bem nos livros, que é: Myron tem o que eu quero na vida e eu tenho o que Myron quer na vida. O sonho de Myron é casar-se e viver nos subúrbios, ter filhos e esse tipo de vida que tenho e não posso deixá-lo ter isso. Por outro lado, perdi meus pais quando era jovem e ele ainda tem seus pais e mantêm um relacionamento realmente caloroso e maravilhoso com eles. Então, tenho ciúmes disso. E com o tempo Myron Bolitar passou por coisas que nunca vou passar. No fim, em vez de ser um alter ego ele acaba sendo um amigo e alguém que conheço bem. Nós somos muito diferentes agora. Nós não começamos tão diferentes, mas agora, somos muito diferentes. (YOUTUBE, 2009<sup>100</sup>, tradução nossa)<sup>101</sup>.

Tomando a ficcionalidade como um mundo possível (COMPAGNON, 2014), ou seja, uma representação (LIPPMANN, 2008), consideramos que o recurso de similaridade contextual que Coben utiliza para suas construções narrativas – e isso não se aplica apenas à série “Myron Bolitar”, mas também aos livros de histórias independentes que o autor escreveu – são um meio para atrair o leitor para as tramas, mantendo-o atento às pistas que se apresentam ao longo dos romances policiais. Compagnon (2014) postula que:

[...] nos mundos possíveis, para que proposições sejam válidas, não é necessário que tratem do mesmo repertório de indivíduos que no mundo real; basta pedir aos indivíduos dos mundos possíveis que sejam compatíveis com o mundo real. (COMPAGNON, 2014, p. 132).

<sup>100</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r8tLRxZuki8>>. Acesso em 25 out. 2017.

<sup>101</sup> Tradução do original: “*When I created Myron Bolitar, and a lot of writers don’t like to admit this, but I wanted him to sort of be me but with wish fulfillment. I played college basketball, but I wasn’t nearly as good as Myron. I’m big and Myron’s a little bigger. He’s stronger, he’s funnier because he thinks in a line that I wish I had said. He’s a probably better friend, he’s more loyal. But I didn’t realize when I created Myron was I gave us a wonderful tension that works well in the books and, that is Myron has what I want in life and I have what Myron wants in life. Myron’s dream is to get married and live in the suburbs and have kids and that sort of life I have and, I can’t let him have that. On the other hand, I lost my parents at a young age [and] he still has his parents and he has a warm wonderful relationship with them. So, I’m jealous of that. And as time has gone on as Myron Bolitar goes through things I will never go through we’ve ended up instead of being an alter ego he’s end up being a friend and someone I know well. We’re pretty different now, we didn’t star off so different but, now we pretty different.*” (YOUTUBE, 2009).

Nessa perspectiva, Myron é um indivíduo possível, fictício, que se assemelha e, ao mesmo tempo, distancia-se daquele que lhe conferiu legitimidade, o escritor Harlan Coben. Este aspecto tangencia toda a narrativa da série, uma vez que não apenas Bolitar, mas os personagens secundários, as localizações nas quais as histórias são desenvolvidas e mesmo os aspectos do campo esportivo, por meio de atletas e locais de competição, aderem à dimensão ficcional, adentrando o 'mundo possível'. Compagnon (2014) infere que a literatura apresenta sucessivamente a homogeneidade entre o mundo real e o mundo possível, pois se interessa pelos personagens e fatos do mundo real e assim, as personagens de ficção admitem características de indivíduos que poderiam existir no mundo real (COMPAGNON, 2014, p. 133).

O fato de Coben utilizar o tempo presente na voz narrativa da série estabelece compatibilidade identificada pelo leitor que pode ler o livro assim que são publicados. A voz narrativa, portanto, é mais um elemento de identificação entre o mundo não-ficcional e o mundo possível, na perspectiva da analogia necessária entre ambos. No entanto, apesar da verossimilhança, são caracterizações que permanecem restritas ao *mundo possível* e que podem não ser completamente compatíveis com as percepções de leitores deslocados<sup>102</sup>. Um exemplo na série pode ser verificado pela seguinte descrição, pelo narrador:

[...] A velha vizinhança nada tinha de espetacular. Existiam milhares como aquela em Nova Jersey, centenas de milhares em todos os Estados Unidos da América. Aquele era o subúrbio, espinha dorsal do país, campo de batalha do lendário Sonho Americano. Podia ser piegas, mas Myron amava aquilo ali. Claro, havia infelicidade, insatisfação, brigas e tudo o mais, mas mesmo assim achava que aquele era o lugar “mais real” em que já estivera. Adorava a cesta de basquete sobre a porta da garagem, as rodinhas da bicicleta nova, a rotina, a caminhada até a escola e o cuidado excessivo com a grama. Isso era viver. Era isso que importava. (COBEN, 2015, p.106).

---

<sup>102</sup> Nomeamos de leitores deslocados aqueles que tiveram ou terão acesso à série “Myron Bolitar” muito tempo depois de sua publicação ou leitores estrangeiros, assim como gerações de leitores que não acompanharam o desenvolvimento da série ainda na década de 1990.

Coben declarou em entrevista<sup>103</sup> que, o estado norte-americano de Nova Jersey, também chamado de “estado jardim” devido à quantidade de parques e áreas verdes na região, está muito presente em suas obras não somente pelo fato de ser o estado em que ele nasceu, mas também por representar bem, na visão do autor, o *American dream* (YOUTUBE, 2016a). Esse último refere-se ao *ethos* da sociedade estadunidense, que prioriza ideias baseadas na liberdade de mobilidade e busca pelo sucesso pessoal, material e profissional, pautado em trabalho duro e numa sociedade cujos obstáculos são subtraídos (LIBRARY OF CONGRESS, s.d; TOTA, 2009).

Ex-atleta, ex-agente do FBI, advogado habilitado a atuar, negócio próprio, complexo de herói, faixa preta com segundo *dan* em *taekwondo*, detetive eficaz, capaz de solucionar casos em poucos dias de investigação. Este é o delineamento que Harlan Coben dá para o protagonista e, portanto, acreditamos que o entrelaçamento entre texto e contexto (CANDIDO, 2014), ou seja, as observações do autor efetivamente internalizadas à obra, repousam na personalidade elencada para o personagem, alguém íntegro, apreciador de música, esportes e filmes, adepto do sonho americano, pois, quando observamos as demais características combinadas, citadas acima, podemos inferir como representantes de um mundo somente possível (COMPAGNON, 2014).

## 4.2 O AGENTE ESPORTIVO

[...] – Os empresários são um mal necessário – continuou Myron. – Sem eles, os atletas seriam explorados. [...] os empresários têm de fazer muitas coisas diferentes. Somos negociadores, contadores, consultores financeiros, babás, agentes de viagem, conselheiros familiares, conselheiros matrimoniais, moleques de recado, lacaios, o que for necessário para fazer negócio. (COBEN, 2011a, p. 59).

Empresário esportivo ou agente esportivo? Esse foi um dos problemas que identificamos ao analisarmos a profissão que o autor Harlan Coben designou para seu protagonista, Myron Bolitar. Os dois termos são tratados como sinônimos nas obras, com exceção da seguinte citação, localizada na

<sup>103</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eLwqQzAIZPs>>. Acesso em: 27 out. 2017.

décima obra da série, *Alta Tensão* (2011), que induz acerca de diferenças terminológicas: “[...] Mas o senhor agora é empresário de Lex Rider? – [Myron responde:] Agente. É um pouco diferente. Mas, sim, eu trabalho com ele” (COBEN, 2011c, p.109). Diante disso, acreditamos que as terminologias não recaem sobre falha de tradução, dado que utilizamos as obras em português. Logo, ao investigarmos a temática, concluímos que há distinção entre as aplicações nominais e as esboçaremos adiante, mas iremos designar o personagem analisado como agente esportivo.

Nos EUA, a atuação profissional dos empresários esportivos, denominados *sports manager*, dependem de para qual esfera eles trabalham, se para atletas ou clubes. Quando trabalham com atletas, os empresários esportivos são porta-vozes dos mesmos, com a obrigação de garantir que seus clientes permaneçam em alto nível de desempenho, físico e mental e promovem, através de parcerias com as mídias, a imagem pública, de preferência positiva, do atleta (MANAGER SKILLS<sup>104</sup>, 2017). Já quando atuam nos clubes, o serviço consiste em gerenciamento de equipes por meio da supervisão de conflitos e como contato entre atletas e dirigentes, além de auxiliar se necessário, na coordenação do setor de *marketing* do clube (MANAGER SKILLS, 2017).

Na série “Myron Bolitar”, as funções estabelecidas para o personagem caracterizado como agente esportivo, assim como personagens de agências concorrentes, são descritas pelo narrador como:

[...] O agenciamento de atletas era, para usar a terminologia da informática, um ambiente multitarefas capaz de prestar um[a] ampla gama de serviços com o mero clicar de um botão. Ia muito além das negociações. Os clientes esperavam que seus agentes cuidassem de sua contabilidade, planejassem suas finanças, comprassem ou vendessem seus imóveis, segurassem sua mão nos momentos difíceis, arbitrassem conflitos com os pais, fizessem as vezes de consultores de estilo, agentes de viagem, conselheiros familiares, conselheiros sentimentais, motoristas, *office boys*, lacaios, puxa-sacos, o escambau... O agente que não fizesse tudo isso (o que era chamado de “pacote completo” pelo mercado) veria sua clientela correr de braços abertos para a concorrência. (COBEN 2012b, p. 33).

---

<sup>104</sup> Disponível em: <<https://www.managerskills.org/sports/manager-vs-agent/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

Os agentes esportivos, por sua vez, denominados *sports agent*, são comumente responsáveis pelas assinaturas e pela negociação dos termos do contrato de seus agenciados, despendendo muito tempo na valorização da imagem pública de seus clientes (MANAGER SKILLS, 2017). Segundo o portal *Manager Skills* (2017), não é incomum que os agentes esportivos sejam formados na área de Direito – caso que se reflete no personagem principal analisado –, mesmo que não seja necessária formação específica para atuar nesse ramo. Contudo, ainda de acordo com o portal, a maioria dos estados norte-americanos exige o registro ou licenciamento dos profissionais que exercem o agenciamento esportivo, assim como as habilidades de comunicação são valorizadas (MANAGER SKILLS, 2017)<sup>105</sup>.

Enquanto os agentes podem manter um catálogo com muitos agenciados e competem com outros agentes para conseguir contratos com atletas, os empresários possuem número restrito de clientes, o que lhes possibilita dedicar mais tempo e atenção a cada um (MAGLOFF, 2017). Os empresários também necessitam de formação na área esportiva ou em área correlata, mas uma das opções é a obtenção de certificação através de pós-graduação relacionada (SPORT MANAGEMENT COLLEGES, 2011; MANAGER SKILLS, 2017).

Caracterizado o personagem como agente esportivo, detectamos que nos primeiros livros da série havia maior preocupação do autor com expor situações em que o protagonista estivesse agenciando não somente os personagens-atletas abordados no capítulo três desta dissertação, mas também personagens cujas aparições são pontuais, reforçando a escolha profissional de Myron: “[...] O contrato de um cliente, um jogador de beisebol chamado Sandy Repo. Arremessador. [...] Myron logo percebeu um novo parágrafo. Acrescentado de forma sorrateira na penúltima página” (COBEN, 2012a, p. 70); “[...] O contrato de Milner [atleta]. Eles não querem negociar”

---

<sup>105</sup> À guisa de informação, no Brasil também há distinção entre as funções desempenhadas pelos agentes e empresários, fator esse mais organizado no futebol profissional. Segundo Chiminazzo (2010), o agente esportivo atua registrado à modalidade, atestando sua habilidade para intermediar contratos e negociações externas ao esporte, enquanto que o empresário esportivo não necessita de licença para atuar, exercendo ilegalmente a função, o que o caracteriza como uma terceira pessoa (pois, no país, ainda é considerado o Procurador nesse ramo, que tem procuração legal para realizar atividades pelo atleta, mas não interfere nas suas decisões de carreira).



(COBEN, 2014, p. 46); “[...] Lamar Richardson, jogador extraordinário, chegou na hora e sozinho. [...] Myron despejou sua lenga-lenga de sempre, que era muito boa. Excelente, na verdade. Todos os empresários têm a sua” (COBEN, 2016, p. 240).

As definições acerca das obrigações de um agente esportivo, quando transpostas por Coben para o plano literário, ou seja, o texto (CANDIDO, 2014), adquirem perspectivas dualistas, esboçadas pelo bem e mal, por meio das boas atitudes e das ações ‘repugnantes’ dos personagens. Jeha (2007) propõe que, “[...] quando o mal é transposto para a esfera legal, atribuímos-lhe o caráter de transgressão das leis sociais” (JEHA, 2007, p.19), e esse é o tipo de ‘maldade’ exposto nas obras de Coben. A personalidade de Myron, então, baseada na moral e nos bons costumes, no *American way of life*, não é de todo boa, pois conflita com as atitudes que o personagem expõe quando se trata do agenciamento de seus clientes.

[...] os empresários são um mal necessário – continuou Myron. – Sem eles os atletas seriam explorados. – Por quem? – Pelos donos dos times, pelos dirigentes. Os empresários fizeram bem para a carreira dos atletas. Ajudaram a aumentar os salários, a garantir que o atleta escolheria em que equipe ficar, conseguiram patrocínios em dinheiro. (COBEN, 2011a, p. 58).

A citação acima, uma fala do personagem, assim como a citação a seguir, exposta pelo narrador da série, demonstram passagens que ilustram o conflito moral que o agente fictício passa nos momentos de negociação com clientes.

[...] Myron sentiu-se um canalha. Distorcer os fatos: mais uma função que o agente esportivo se vê obrigado a exercer. Ser um agente esportivo nem sempre é algo lá muito bonito. Às vezes você tem que fazer sujeiras. Myron não gostava muito daquilo, mas, quando era preciso, ele ia fundo. (COBEN, 2013, p. 217).

Inferimos que as ‘sujeiras’ são uma manifestação de mal que podemos atribuir à autonomia literária de Coben (CANDIDO, 2014), pois, na estrutura do romance policial as postulações negativas recaem sobre o criminoso. Sobre o assunto, Reimão (1983) destaca que a “[...] falha está nos sentimentos éticos e morais que, nele, estão deteriorados. Daí encontrarmos,

às vezes, na narrativa policial, a ideia de “gênio do crime”, em oposição ao “gênio da justiça” (REIMÃO, 1983, p. 14). Se para Massi (2011) o detetive detém a função de reestabelecer a ordem abalada pelo crime, “[...] lutando pelos valores da coletividade” (MASSI, 2011, p. 23-24), no caso de Coben, há nuances de quebra de conduta em relação à postura do detetive, autenticando Perrone-Moisés (2016), quando esta afirma que o romancista contemporâneo tem base nos romances tradicionais, mas renova-os com respeito tanto em relação às descrições, como aos diálogos. As atitudes escusas do protagonista, então, são justificadas no enredo como um “mal necessário”, inerente à atuação dos agentes esportivos, como o narrador estabelece:

[...] Eric Kramer, estudante do último ano da Universidade da Califórnia e que provavelmente entraria na segunda lista de contratações da liga nacional, estava na cidade. Myron conseguira marcar um jantar com ele. Isso significava que Myron era um finalista – ele e um zilhão de outros empresários. A concorrência era acirrada. Exemplo: existem 1200 empresários credenciados pela liga nacional disputando os 200 jogadores universitários que são convocados em abril. Algo tem de ser posto de lado. Geralmente é a ética. (COBEN, 2011a, p. 54).

A transgressão do personagem legitima a característica contextual da concorrência do ambiente em que está inserido o agente esportivo, porém, as descrições sobre a capacidade de realizar atitudes escusas para atingir os objetivos, demonstram escolha de construção narrativa do autor. Na perspectiva do contexto, Davis (2006), ao discorrer sobre as consequências previstas e inesperadas do agenciamento esportivo, exemplifica situações de crimes envolvendo esses profissionais, como o caso do atleta de basquetebol Jason Caffey, que em 2005 abriu processo contra seu agente acusando-o de desvio de dinheiro de uma conta conjunta com o atleta e de realizar investimentos não-autorizados.

Segundo Davis (2006), as irregularidades nas quais os agentes esportivos se envolvem comumente são elencadas em duas categorias: 1) questões que envolvem competência e ética profissional, representadas por má gestão financeira, não cumprimento de prazos de contrato e conflitos de interesses com os clientes; e 2) questões que envolvem a concorrência

excessiva no ramo, representadas pelo recrutamento irregular de atletas (DAVIS, 2006, p. 782).

A citação anterior de Coben, exposta no primeiro livro da série, *Quebra de Confiança* (2011), demonstra que o autor materializa na obra, de modo artístico, as duas categorias descritas por Davis (2006), mas o personagem principal, apesar de assumir “deixar a ética de lado”, não se enquadra na primeira definição de Davis (2006), pois, mesmo que negligenciasse a empresa em passagens do livro, tanto Myron como sua sócia, Esperanza, não coadunam com fraudes financeiras, de modo que repassam o controle financeiro dos clientes para Win:

[...] como seu pai ressaltou, eu não tenho MBA. Mas meu sócio, sim. O nome dele é Win Lockwood. É considerado um dos melhores consultores financeiros do país. O método de Win é parecido com o meu: ele quer que você entenda e aprove cada investimento que ele faz. Vou insistir que você se reúna com ele pelo menos cinco vezes por ano, de preferência mais que isso, para que possa fazer um planejamento financeiro e tributário sólido, de longo prazo. Quero que saiba o que está acontecendo com seu dinheiro o tempo todo. Muitos atletas acabam caindo nas mãos de aproveitadores e fazendo maus investimentos, confiando nas pessoas erradas, esse tipo de coisa. Isso não vai acontecer aqui porque você, não só eu, não só Win, não só seus pais, mas *você* não vai deixar. (COBEN, 2012a, p. 79, *italico do autor*).

Desse modo, a atitude escusa do personagem recai sobre a segunda categoria de Davis (2006), acerca da concorrência profissional e dos recursos empregados pelos recrutadores e agentes para poder garantir atletas de alto desempenho no seu catálogo de agenciados. Daí a aparição, no enredo, de agências de representação esportiva rivais à do personagem: IMG, TruPro e Felder Inc, a última citada apenas no terceiro livro da série. A primeira, IMG, empresa verídica, foi fundada em 1960 com o intuito de investir em *marketing* esportivo e atualmente (2017), atua em mais de 30 países, representando esportistas e ícones da moda, desenvolvendo ações de treinamento esportivo e promoção de marcas, mídias, competições e instituições ligadas ao esporte (IMG, 2017). A repercussão da empresa no limiar externo foi para Harlan Coben expressiva a ponto de incorporá-la ao enredo, delimitando uma cópia no plano ficcional (CANDIDO, 2014).

Já a segunda e a terceira agência citada nas obras são completamente fictícias. Assim, a IMG, como componente literário, empresta ao texto sua credibilidade enquanto contexto, ilustrando o patamar em que as demais empresas, assim como a empresa de Myron, se encontram no mercado do agenciamento esportivo da ficção.

A segunda agência que citamos, a TruPro, criada para o enredo, é exposta na série como a principal rival da MB Representações, sendo liderada pelos personagens Frank e Herman Ache, irmãos, descritos como capazes de tomar atitudes lícitas e ilícitas para angariar clientes, como o narrador descreve ao leitor: “[...] [a TruPro era] administrada pelos irmãos Ache, de Nova York, que estavam envolvidos em todos os negócios ilegais possíveis: drogas, fraudes contábeis, prostituição, extorsão, jogatina” (COBEN, 2012a, p. 38).

[...] Os Aches dirigiam a TruPro, uma firma de representação esportiva bastante grande. A TruPro sempre fora completamente desprovida de qualquer coisa que se assemelhasse a escrúpulos, recrutando atletas jovens com o mesmo comedimento moral de um político ao arrecadar recursos de campanha. Depois, o dono começara a acumular dívidas. Grandes. Do tipo que atrai a espécie errada de fungos. Os irmãos Aches, que eram os fungos em questão, entraram em cena e, como entidades parasitárias que eram, corroeram todos os sinais vitais da empresa e agora se dedicavam a consumir a carcaça. (COBEN, 2015, p. 40).

Assim, podemos constatar duas esferas de resolução para o protagonista, estabelecido como herói da narrativa: primeiro na qualidade de detetive que tem de desvendar o criminoso do enredo, depois como sujeito que tem de sublimar as contravenções do ambiente para o qual foi designado pelo autor, o agenciamento esportivo. Isso demonstra que, apesar de o personagem tentar alçar sua empresa ao nível de popularidade das demais apresentadas nas obras e de admitir o uso de certas atitudes escusas, suas ações não chegavam ao nível de ilegalidade da concorrente direta, a TruPro. Esta designação de crime que Coben elencou para a série tem vínculo com a estrutura do romance policial, tal qual explicado por Reimão (1983):

[...] Se até a Idade Média (com exceção, talvez, do direito Romano), o crime era considerado como um delito entre indivíduos, que podia ser negociado e sanado entre as partes lesadas, depois

do surgimento do Poder Judiciário, e da figura do procurador, aos poucos vão-se criando, solidificando e divulgando a ideia de crime como uma infração às leis do Estado e a ideia de criminosos com[o] um inimigo público, que pode prejudicar não só os indivíduos diretamente lesados por ele, mas também a sociedade como um todo. (REIMÃO, 1983, p. 13-14).

A agência pequena de Bolitar, do início da série, é aprimorada e ampliada com a sequência das obras, mas tem que disputar clientes constantemente com as agências concorrentes, como demonstra a seguinte fala de Lex Rider para Myron: “[...] aí você foi estudar direito em Harvard e depois apareceu nos treinamentos de tênis do Nick para recrutar atletas. Não tinha a menor chance contra empresas como a IMG e a TruPro” (COBEN, 2011c, p. 84).

Inferimos, deste modo, dentre as escolhas narrativas que Coben insere na obra, que assim como a experiência de Bolitar como investigador do FBI o qualifica para ser um *detetive profissional*, a experiência como ex-atleta, que continua a ser reconhecido por sua habilidade de jogador apesar de fazer mais de dez anos que encerrou a carreira, certifica-lhe para ser um agente de prestígio e confiável para os personagens-atletas expostos nas obras. Este trecho, uma fala de Win a um cliente em negociação com o agente esportivo, ilustra: “[...] ele sabe o que acontece com os atletas. Como são passados para trás. Como esbanjam dinheiro e nunca se conformam que suas carreiras possam acabar num piscar de olhos” (COBEN, 2013, p. 56). O aspecto da formação em direito é outro fator que legitima o personagem, como já abordamos anteriormente, porém, salientamos que se trata da figura dramática.

Em relação ao protagonista e o reflexo de sua condição na descrição da empresa por ele gerida, podemos notar a modificação pelo seguinte trecho do oitavo livro, *A Promessa* (2017), que delineia a passagem cronológica da MB Representações, de ascensão, estabelecida no mercado em relação aos clientes que possui e que retrata a personagem Esperanza já como sócia de Myron:

[...] originalmente, quando eles [Myron e Esperanza] só trabalhavam na área dos esportes, a empresa se chamava MB Representações Esportivas. Nos últimos cinco anos, porém, a

empresa havia se diversificado, representando também atores, escritores e vários tipos de celebridades. Daí a inteligente redução do nome. Livrar-se do excesso, cortar a gordura. É, assim era a MB Reps, até no nome. (COBEN, 2017, p. 23).

Contudo, mesmo com a empresa bem estabelecida nas narrativas, os atos de detetive do personagem principal acabam por afetar os negócios, pois, toda vez que ele sai em investigação o número de clientes da agência reduz, Esperanza tem que assumir as responsabilidades e são descritos trechos em que o protagonista tem de fazer ligações para reestabelecer o contato com os agenciados: “[...] você sabe quantos clientes a MB Representações Esportivas perdeu nas últimas semanas? [...] Eu diria que um quarto da lista” (COBEN, 2015, p. 41); “[...] os negócios haviam descarrilado um pouco desde meu sumiço. Havia muitas ligações a fazer. [...] Conseguimos manter a grande maioria dos clientes, mas alguns acabaram nos deixando” (COBEN, 2011b, p. 158); “[...] Myron passou o resto do dia ao telefone, andando de um lado para outro. Conversou com treinadores de times universitários, garimpando atletas” (COBEN, 2016, p. 83).

Assim sendo, compreende-se a opção do autor ao final do décimo livro da série, *Alta Tensão* (2011), em que os personagens Myron e Esperanza decidem vender a agência: “[...] No final, após longas conversas, eles decidiram pela venda da empresa, que foi comprada por uma mega-agência e, na fusão, deixou de se chamar MB” (COBEN, 2011c, p.267). O personagem passa, então, a ser caracterizado exclusivamente como *detetive profissional* (MASSI, 2009a; 2011), agora com dedicação integral a investigação, deixando restrito aos dez livros analisados a representação de atletas, assim como o enfoque no campo esportivo.

## 5 ESPORTE-FICÇÃO: AS MODALIDADES ESPORTIVAS REPRESENTADAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”

[...] O basquete era seu esporte preferido, e o que mais gostava de ver na TV era o futebol americano. O tênis era o jogo dos príncipes, e o golfe, o dos reis. O beisebol, entretanto, era mágico. (COBEN, 2015, p.133).

Como apontado na metodologia, o romance policial é baseado na tríade criminoso, vítima e detetive (REIMÃO, 1983; MASSI, 2011), uma vez que, desde os contos de mistério de Edgar Allan Poe, só há vítima a partir da existência do criminoso, o qual é desconhecido, no sentido de validar a presença do detetive – figura incumbida de descobrir a identidade do contraventor na narrativa. Harlan Coben, na qualidade de escritor contemporâneo, mantém a aplicação da tríade tradicional na elaboração de suas narrativas e, como já discutimos em capítulos anteriores, esboça em seus personagens e cenários elementos do campo esportivo. Assim, personagens-atletas são dispostos como vítimas ou criminosos, enquanto o detetive também exerce a profissão de agente esportivo, geralmente em ambientes relacionados ao esporte.

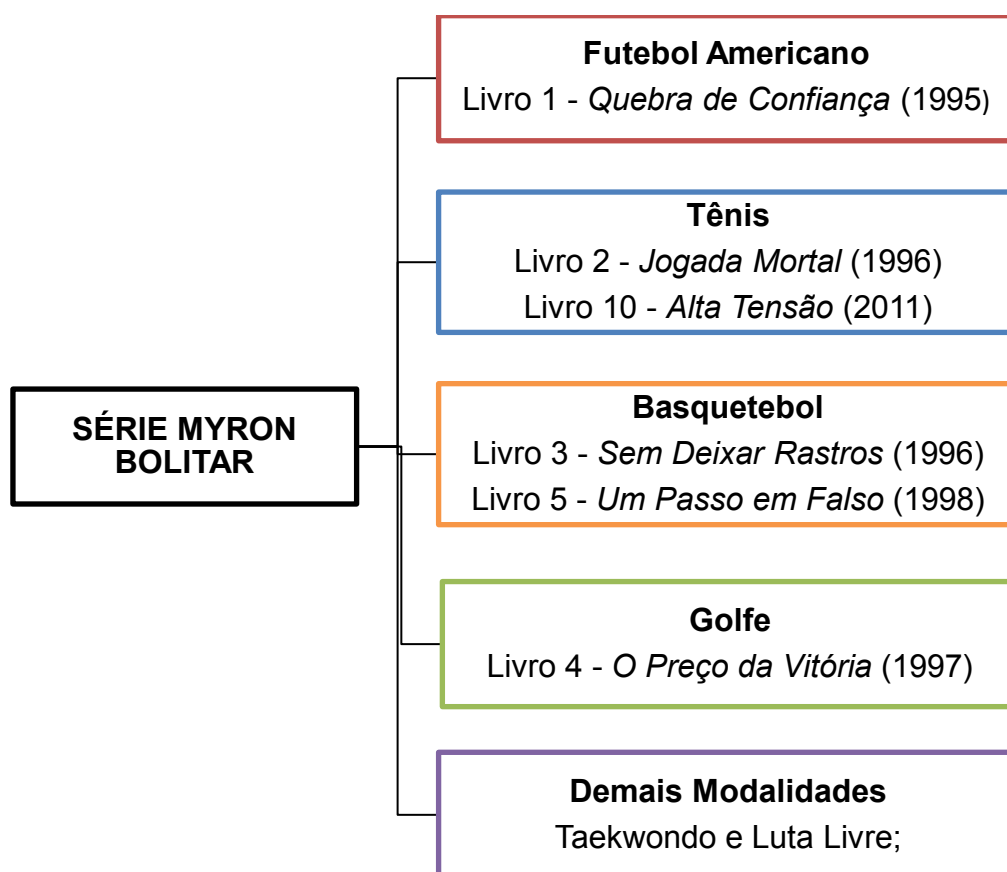
A citação introdutória deste capítulo sintetiza os estereótipos dos esportes populares nos EUA, por meio da opinião do personagem Myron Bolitar, delineada pelo narrador (velado). Deste modo, basquetebol, tênis, futebol americano e golfe são as modalidades mais destacadas nos enredos, como exposto na Figura 2 (na página seguinte), mas não se restringem às obras em que estão alocadas, contando com referências pontuais em outros enredos. Por exemplo, como vemos na Figura 2, a modalidade esportiva golfe é enfatizada no decorrer do quarto livro da série, *O Preço da Vitória* (2013), no entanto, algumas passagens de outros enredos utilizam de aspectos da prática para descrever o personagem Win, como demonstra o seguinte trecho do primeiro livro da série, *Quebra de Confiança* (2011), informado pelo narrador:

[...] Win era sinistro no golfe. Sua família era sócia do tradicionalíssimo *Merion Golf Club*, na Filadélfia, fazia cinco gerações e do *Pine Valley*, no sul de Nova Jersey, há três. Tinha um eterno bronzado de golfe, daqueles que formam um V no

pescoço por causa da gola polo aberta e dão cor aos braços onde termina a manga da camisa – se bem que a pele branco-lírio de Win nunca se bronzeasse, ela ficava vermelha. (COBEN, 2011a, p. 25).

As modalidades que destacamos na Figura 2, portanto, têm evidência em alguns livros da narrativa e estão diluídas nos demais enredos<sup>106</sup>.

FIGURA 2 – MODALIDADES ESPORTIVAS EXPOSTAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”



FONTE: A autora (2017).

<sup>106</sup> Da série analisada o livro 6, *Detalhe Final* (2015), aborda a investigação relacionada à personagem-atleta agenciado por Myron, um jogador de beisebol, porém, as descrições sobre a modalidade, quando aparecem, estão relacionadas à infância de Myron e ao relacionamento entre o protagonista e seu irmão; o livro 7, *O Medo Mais Profundo* (2016), trata de câncer infantil, pois, quando o filho de Myron é diagnosticado com a doença, Myron empreende uma investigação para encontrar o doador de medula, que desapareceu; o livro 8, *A Promessa* (2017), aborda o desaparecimento de uma adolescente filha de conhecidos de Myron, após a noite em que o personagem principal lhe deu uma carona, o que faz de Myron um suspeito da polícia; e o livro 9, *Quando Ela se Foi* (2011), é sobre células terroristas que atuam nos EUA e na Europa, com as quais o detetive se envolve após investigar o paradeiro de uma “suposta” filha de Terese, com quem Myron tem um relacionamento. Sobre Terese, ver glossário.



Antonio Candido (2014) acentua que os elementos externos, ou seja, sociais e circundantes à produção literária, influenciam o desenvolvimento estrutural das obras, constituindo características internas a esta. Neste capítulo, iremos analisar como são representadas as modalidades esportivas na série literária Myron Bolitar, inferindo quais aspectos contextuais foram significantes a ponto de integrar a estrutura do romance policial. Salientamos que o capítulo estará pautado na organização categórica da Figura 2.

## 5.1 O POPULAR FUTEBOL AMERICANO

[...] Treinadores sopravam apitos. *Running backs* davam piques de corrida. *Kickers* mandavam a bola para as traves do gol do lado oposto. *Punters* chutavam a bola alto, em arcos lentos e preguiçosos. (COBEN, 2011a, p. 67).

O futebol americano é enfatizado na primeira obra da série “Myron Bolitar”, *Quebra de Confiança* (2011), por meio da relação com o personagem-atleta Christian Steele, cliente de Myron que é retratado na obra em período de negociação com a equipe *Titans*, uma equipe da liga profissional de futebol americano, a NFL.

No plano contextual, em pesquisa conduzida pela *Harris Poll* (HP), publicada em janeiro de 2016, o esporte da bola oval, masculino e profissional é o mais popular nos EUA e o mesmo esporte, universitário, é o terceiro mais popular no país (HARRIS POLL, 2016). A pesquisa da HP, iniciada em 1985, já apontava o esporte como o mais apreciado pelos norte-americanos, porém, naquele período, o beisebol ficava ligeiramente atrás em questão de favoritismo (23% em relação aos 24% do futebol americano) – fator alterado quando analisamos os dados de dezembro de 2015, momento em que o beisebol permanecia em segundo lugar com 15% e o futebol americano em primeiro com 33%, demonstrando crescimento da diferença percentual de apreciadores, que passou de 1% em 1985 para 18% em 2015.

Deduzimos, pois, que a popularidade do futebol americano nos EUA demonstrou-se para Coben como um bom cenário para um crime que envolvia um atleta, pois, como descrevemos no capítulo três desta dissertação, Christian era o criminoso que Myron procurava ao findar do

primeiro enredo. Do mesmo modo, considerando que este livro introduz o personagem de Bolitar no cenário literário do país<sup>107</sup>, como agente esportivo em início de carreira, recorrer ao esporte mais popular seria uma opção lógica, visando à comercialização de obras e a consolidação de Coben como escritor. Em 1994, ano que precedeu o lançamento do livro *Quebra de Confiança*, segundo a Harris Poll (2016), a média de pessoas cujo esporte favorito era o futebol americano, nos EUA, era de 24%.

Em nossa análise, portanto, consideramos que uma possível motivação para a escolha de elementos do campo esportivo para a série em questão reside no estilo de escrita de Harlan Coben, que é objetivo, de modo a preferir descrever personagens e cenários em parágrafos<sup>108</sup>, se utilizando de metáforas ou verossimilhanças. Então, recorrer a elementos que o público leitor já conhece pouparia a demanda de caracterizações, voltando a atenção do escritor para expor os detalhes relacionados à investigação das tramas. Entendemos tal aspecto como uma opção artística do escritor (CANDIDO, 2014). Pautamos a afirmação de que o público leitor dos EUA<sup>109</sup> compreenderia informações conexas aos esportes, por meio da afirmação de Jay Coakley (2014, p. 14), uma vez que, para este, uma das abordagens dos estudos sobre esportes reside na relação entre a prática e as ideologias culturais:

[...] os relacionamentos costumam girar em torno do esporte. As pessoas se identificam com equipes e atletas com tanta atenção que os resultados dos jogos influenciam seu humor, identidade e sensação de bem-estar. Em um sentido geral, os esportes criam oportunidades para conversas que permitem que as pessoas formem e mantenham relacionamentos e até melhorem seu *status* pessoal conforme descrevem e criticam atletas, jogos, equipes, decisões de *coaching* e comentários de mídia<sup>110</sup>. (COAKLEY, 2014, p. 14, tradução nossa).

<sup>107</sup> Podemos realizar essa afirmação somente em relação aos EUA, pois as publicações da série respeitaram a sequência, de acordo com o processo de escrita de Harlan Coben, mas tomando as edições brasileiras como exemplo, essas foram publicadas fora de ordem, começando pelos livros finais da série. O livro 8, *A Promessa*, que faltava para fechar a série em português, foi publicado em fevereiro de 2017.

<sup>108</sup> Diferente, por exemplo, de escritores de ficções fantásticas, como J. R. R. Tolkien, que chega a despendar páginas de descrição na trilogia *O Senhor dos Anéis*.

<sup>109</sup> E dos demais países para os quais a série foi traduzida.

<sup>110</sup> Tradução do original: “[...] *Relationships often revolve around sports. People identify with teams and athletes so closely that the outcomes of games influence their moods, identities, and sense of well-being. In a general sense, sports create opportunities for conversations that enable people to form and nurture relationships and even enhance their personal status as*

Nesse sentido, apesar de as características do campo esportivo não serem o objetivo principal do autor Harlan Coben em sua escrita, entendemos que a presença desses elementos nas obras chama a atenção do público para a leitura, motivando-o a comprar ou emprestar os livros, assim como tornando-se tópico para discussão em círculos sociais, exemplificado pela existência de páginas de discussão em redes sociais relacionadas à série<sup>111</sup>.

Através da citação que introduz este subcapítulo, percebe-se as particularidades da modalidade esportiva transpostas para a obra, pois o esporte poderia ter sido representado de modo diferente, por exemplo, sem descrições das funções específicas exercidas por jogadores em campo. Porém, através da leitura analítica, nota-se aquilo que Compagnon (2014) descreve como a necessidade de compatibilidade entre o possível e o real, ou seja, entre ficção e realidade. Assim, ao analisar a representação da modalidade em questão nas obras, as posições de habilidade (*quarterbacks* – função do personagem-atleta Christian no esporte-ficção – e *running backs*) e de especialistas (*punters* e *kickers*), necessárias ao desenvolvimento da partida de futebol americano, integram o enredo.

A mesma tendência de aproximação entre possível e real (COMPAGNON, 2014) na série, pode ser verificada pelos locais relacionados à prática do futebol americano, expostos nas obras para legitimar o ambiente em que os personagens se encontravam e criar familiaridade para o leitor, como demonstrado pela seguinte passagem:

[...] O Complexo Esportivo de *Meadowlands* fora erguido em *East Rutherford*, uma região pantanosa sem utilidade perto de *New Jersey Turnpike*. Ali ficavam a pista de atletismo de *Meadowlands*, o estádio do *Titans* a arena Brendan Byrne. (COBEN, 2011a, p. 66).

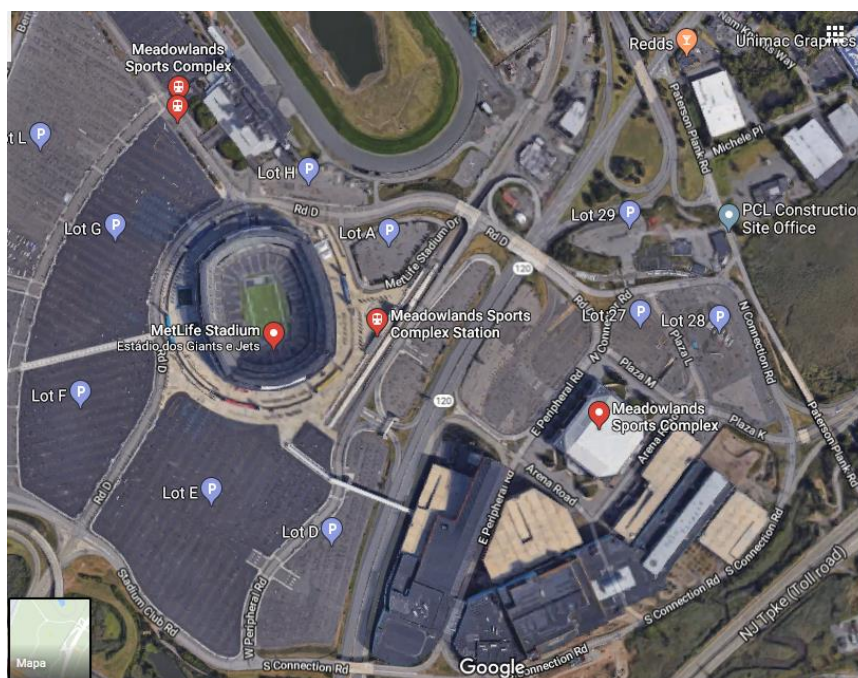
---

*they describe and critique athletes, games, teams, coaching decisions, and media commentaries*” (COAKLEY, 2014, p. 14).

<sup>111</sup> Cf. Facebook: Série Myron Bolitar – Harlan Coben. Disponível em: <[https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/?ref=br_rs)>. Acesso em: 18 de nov. 2017. Facebook: *Fans of Myron Bolitar, Windsor Horne Lockwood III, and Harlan Coben*. Disponível em: <[https://www.facebook.com/groups/481399641882635/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/groups/481399641882635/?ref=br_rs)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

A Figura 3 demonstra a localização do complexo esportivo, denotando a verossimilhança entre o mundo do possível e o mundo do real (COMPAGNON, 2014):

FIGURA 3 – COMPLEXO ESPORTIVO DE MEADOWLANDS, NOVA JERSEY, EUA



FONTE: Google Maps (2017).

Como informado pelo narrador da obra, o time fictício *Titans*, equipe destacada nas negociações realizadas pelo personagem de Bolitar, figura entre as principais equipes de futebol americano no país. Porém, o estádio que se situa no complexo esportivo de *Meadowlands*, no estado de Nova Jersey, pertence, no plano contextual aos times da NFL *New York Giants* e *New York Jets*, devido à área ser considerada região metropolitana de Nova York. A Figura 3 demonstra a compatibilidade de cenário entre a realidade e a obra, de modo a legitimar a equipe *Titans*, uma vez que, no complexo, há um estádio de futebol americano, assim como a localização é próxima à rodovia *New Jersey Turnpike*.

Outros dois aspectos em relação ao futebol americano identificados na obra referem-se à representação do NFL *Combine* e do *Draft* da NFL, ambos realizados entre o término da última temporada e o início da próxima

temporada da liga profissional de futebol americano nos EUA. O primeiro, o NFL *Combine*, consiste na demonstração de habilidades físicas e mentais dos jogadores universitários aos olheiros, técnicos e gerentes de times da NFL e é realizado sempre antes do *Draft*. Já o segundo, o próprio *Draft*, é o processo de escolha de jogadores universitários, realizado pelos 32 times da NFL em sete rodadas, baseado na classificação final do campeonato do ano anterior, em ordem inversa, ou seja, o último colocado inicia escolhendo seu jogador<sup>112</sup> (TPFA, 2017).

[...] estamos falando do cara que talvez venha a ser o maior *quarterback* da história – respondeu [Myron] com firmeza. – Você fez três trocas e abriu mão de seis jogadores para ficar com ele. Não teria feito isso se não acreditasse que ele valia a pena. (COBEN, 2011a, p. 9).

Na obra, as representações literárias dos eventos são expostas pela citação acima e também pelo trecho que segue abaixo. Na primeira citação há a representação de um diálogo entre o protagonista e outro personagem, gerente do time *Titans*, numa situação na qual a escolha de jogador já foi realizada; no segundo caso, a citação é informada ao leitor pelo narrador (autor) e expõe uma situação de demonstração de habilidades.

[...] entraram em campo. Jogadores se chocavam com força contra os bonecos de treino. Com muita força. Ninguém embromava. Era uma seletiva. A maioria dos atletas brigava por um lugar no time. Tinham sido as estrelas da escola e da faculdade, todos acostumados à pura grandeza do campo de jogo. A maior parte não seria selecionada. A maior parte não permitiria que o sonho terminasse aí, procuraria outros times, esperaria, tentaria incessantemente, morrendo devagar a cada minuto. (COBEN 2011a, p. 67).

Neste ensejo, ambos os procedimentos são extremamente organizados quando verificados no plano contextual, por meio da ocorrência de um para facilitação de outro, porém, verifica-se que os eventos são confusos quando transpostos para o textual, pois mesmo que não sejam o

---

<sup>112</sup> Trocas entre a ordem dos times para a escolha podem acontecer, variando inclusive conforme as rodadas, mas isso depende de negociação exclusiva entre as equipes (TPFA, 2017).

foco do escritor, expõe elementos do esporte mais popular do país fora da organização em que se encontra.

Assim, identificamos na obra a existência de uma contravenção “oculta”, além daquelas que mencionamos no capítulo três, mais relacionada à representação esportiva contida na obra do que à estrutura dos romances policiais e se refere à contratação de Christian pelos *Titans*, antes do processo de apresentação das habilidades dos atletas universitários, candidatos à seleção para o ingresso no esporte profissional. Considerando que as obras do autor já foram traduzidas para mais de quarenta países, alguns leitores podem desconhecer características relacionadas à organização da modalidade do esporte no qual a representação esta pautada e o esporte-ficção torna-se a fonte de informações de “pormenores” do futebol americano, assim como as parábolas de cenários, por exemplo.

Este vínculo entre obra e ambiente (CANDIDO, 2014), entre esporte-contexto e esporte-ficção, reforça a preferência de Coben pela região nordeste do país, a ponto de escrever referências geográficas que o leitor pode localizar, caso esteja fisicamente na cidade mencionada no enredo. Isto é justificado pelo fato de o escritor nascer, crescer e ainda adulto, viver na região que descreve na série. E quando passam para o plano ficcional, tais fatores salientam o impacto, ou seja, a preponderância para a série, dos elementos que são somente textuais, como o caso da equipe *Titans* como time da NFL, a qual, nos livros, também assume caráter de ficção.

## 5.2 O TRADICIONAL TÊNIS

[...] na quadra, os jogadores trocavam de lado. O cliente de Myron, Duane Richwood, vencia de lavada o cabeça de chave número 15, Ivan Sei-lá-o-kov, ganhando o terceiro set por 5-0 depois de levar os dois primeiros por 6-0 e 6-2. Uma estreia impressionante no Aberto dos Estados Unidos para um jogador de 21 anos que não encabeçava qualquer chave e acabara de surgir das ruas de Nova York (literalmente). (COBEN, 2012a, p. 7).

O tênis é a modalidade esportiva enfatizada no segundo e décimo livros da série, *Jogada Mortal* (2012) e *Alta Tensão* (2011), respectivamente. Em ambos os casos, a modalidade emerge nos enredos relacionada a um personagem-atleta agenciado pelo protagonista Myron Bolitar: no segundo

enredo é destacado o personagem-atleta Duane Richwood, como vemos pela citação que inicia este subcapítulo; e no décimo livro, a personagem-atleta Suzze T.<sup>113</sup>, já aposentada, coordena sua escola de treinamento de tênis.

Semelhante à escolha de representação do futebol americano, Harlan Coben expõe o esporte tênis em sua série de modo a caracterizar a habilidade de seus personagens, assim como localizações geográficas em que a modalidade se desenvolve no país. Contudo, diferentemente do futebol americano, o tênis, nos EUA, de acordo com a *Harris Poll* (2016) não figura entre as modalidades esportivas de maior predileção entre os estadunidenses, tanto nas categorias masculina quanto feminina. Mesmo assim, o país se destaca na modalidade a nível mundial por meio de atletas e como sede de um dos torneios do *Grand Slam*<sup>114</sup>, o *US Open* (Aberto dos Estados Unidos).

Nesse sentido, tanto as competições quanto os atletas do plano real tornam-se, nas narrativas de Coben, personagens fictícios que integram e corroboram o cenário que o autor intenta descrever, tornando-se o esporte-ficção que pretendemos demonstrar neste capítulo. Por exemplo, a competição *US Open*, assim como o atleta Andre Agassi, enquanto subsídios narrativos, são citados no excerto anterior, que faz parte do enredo de *Jogada Mortal* (2012).

Percebemos na análise que a primeira imprecisão de Coben ao descrever os elementos do tênis ocorre na caracterização do esporte de alto rendimento, notada na citação inicial deste subcapítulo, informada ao leitor pelo narrador (autor) e localizada na primeira página do primeiro capítulo de *Jogada Mortal* (2012). No plano contextual, considera-se o *US Open* como

---

<sup>113</sup> Como exposto no capítulo três desta dissertação, a personagem Suzze T. aparece na série pela primeira vez na sexta publicação, *Detalhe Final* (2015), ainda como jogadora ativa de tênis, enquanto Myron providencia um contrato de publicidade para a personagem-atleta.

<sup>114</sup> Termo utilizado para referenciar os quatro principais torneios de tênis a nível mundial de competição da modalidade, realizados anualmente. Os torneios são: *Australia Open*, realizado em Melbourne, desde 1905, ocorrendo sempre em janeiro, em quadras de piso duro; *Roland Garros*, realizado em Paris, desde 1891, ocorrendo sempre entre os meses de maio a junho, em quadras de saibro; *Wimbledon*, realizado em Londres, desde 1877, ocorrendo entre os meses de junho e julho, em quadras de grama; e *US Open*, realizado em Nova Iorque, desde 1881, ocorrendo entre os meses de agosto e setembro em piso duro (ATP, 2017).

um dos cinco principais torneios anuais da modalidade<sup>115</sup>, no qual os atletas de maior destaque têm de participar e é uma das competições de pontuação mais significativa no *ranking* da modalidade, realizada no segundo semestre do ano (TENIS BRASIL, 2015). Desse modo, Coben utiliza de sua autonomia literária ao caracterizar o personagem-atleta Duane como um jogador desconhecido, pois, ao considerar a referência contextual da modalidade, o jogador deveria ter participado de outras competições, mesmo que de menor pontuação.

Outro aspecto relacionado à representação do tênis na série, assim como no caso do futebol americano, são as localizações geográficas utilizadas por Coben para aproximar o leitor dos cenários esportivos que se pretende descrever, recorrendo à caracterização de locais em que o tênis se desenvolve nos Estados Unidos, como exemplificado pelas seguintes citações: “[...] Myron pegou um táxi para o oeste, em direção ao rio Hudson. A academia de Tênis de Suzze T. ficava perto de *Chelsea Piers*, dentro do que parecia – e talvez fosse mesmo – uma gigantesca bola branca” (COBEN, 2011c, p. 50). Outro exemplo, descrito na série pelo narrador:

[...] O centro Nacional da Associação Norte-Americana de Tênis fica aninhado bem no coração de algumas das maiores atrações do Queens. O *Shea Stadium* (famoso por ser o estádio do time de beisebol *New York Mets*), o *Flushing Meadows Park* (famoso por ter abrigado a Feira Mundial de 1964-65) e o aeroporto *La Guardia* (famoso por... hã... seus atrasos). (COBEN, 2012a, p. 35).

As duas passagens, descrevem localizações contextuais da cidade de Nova York, pois *Chelsea Piers*, *Shea Stadium*, *Flushing Meadows Park*<sup>116</sup> e o aeroporto *La Guardia*, podem ter suas localizações corroboradas em mapas da cidade quando consultados, mas, assim como os esportes, passam a constituir a estrutura interna da obra (CANDIDO, 2014). Concluímos, assim, que Harlan Coben se utiliza de sua autonomia criativa para criar ou suprimir informações relacionadas ao campo esportivo, que hipotetizamos ser justificado pelas modalidades esportivas com as quais o escritor tem

<sup>115</sup> Além dos torneios do *Grand Slam*, há o *ATP Finals*, disputado ao final da temporada anual, cujos competidores são os oito melhores jogadores de acordo com o *ranking* mundial da modalidade pela Associação de Tenistas Profissionais (ATP, 2017).

<sup>116</sup> Agora nomeado de *Flushing Meadows Corona Park*.



aproximação, porém, não o faz quando se trata de modificar elementos relacionados à cidade de seu contexto.

Em relação ao ambiente em que o esporte se desenvolve, Coben cria descrições voltadas a elementos que circundam a organização do tênis, como o caso das quadras, exemplificado através da seguinte citação, descrita pelo narrador: “[...] é um lugar bem grã-fino: comida extravagante, quadras abertas e fechadas, de cimento, de saibro, com luz artificial, sem luz artificial, o pacote completo. Tem até quadra de grama” (COBEN, 2012a, p. 64). Em outra passagem, as especificidades de movimentos da modalidade esportiva são destacadas, demonstrando a ficcionalização de elementos esportivos contextuais (CANDIDO, 2014), exigindo do leitor atento conhecimento sobre o esporte em questão, mas não criando obstáculos para compreensão do enredo principal, pois *forehands*<sup>117</sup> e *backhands*<sup>118</sup> são movimentos específicos de uma partida de tênis.

[...] eram quatro quadras ao todo, todas cheias de jovens mulheres/adolescentes/meninas jogando tênis com instrutores. Suzze estava na quadra um, grávida de oito meses e tudo, dando instruções sobre como se aproximar da rede a duas adolescentes loiras, bronzeadas e de rabo de cavalo. Na quadra dois, alunas treinavam *forehands*, na quadra três, *backhands* e na quadra, saques. Bambolês no canto da linha de serviço serviam de alvos. (COBEN, 2015c, p. 50).

A seguir, discorreremos a respeito do basquetebol e a representação na série “Myron Bolitar”.

### 5.3 O PROTAGONISTA BASQUETEBOL

[...] A música agora retumbava no estádio, e os jogadores apertaram o passo até começarem a trotar. Os aplausos eram estrondosos. Automaticamente, os jogadores improvisaram duas filas na quadra para o aquecimento. Myron havia feito aquilo um milhão de vezes no passado, mas pela primeira vez realmente pensou no que estava fazendo. Os verdadeiros astros do basquete, ou os iniciantes, se aqueciam de modo tranquilo e informal, sem nenhuma pressa. Não viam motivo para grandes pirotécnicas; tinham o jogo inteiro para mostrar seu talento à multidão. Já os perebas, algo que Myron nunca havia sido, se aqueciam de duas

<sup>117</sup> Movimento realizado na raquete com a palma da mão virada para frente. A bola deve tocar o lado direito da raquete, para destros, e o lado esquerdo, para canhotos.

<sup>118</sup> Movimento realizado no fundo de quadra do lado contrário ao qual o jogador segura a raquete.

maneiras. Alguns iam logo tirando todos os coelhos da cartola, fazendo enterradas de costas ou com duplo giro do braço, isto é, exibindo-se. Outros ficavam em torno dos grandes astros, jogando a bola para eles ou simulando defesas, como *sparrings* de um pugilista. (COBEN, 2012b, p. 49).

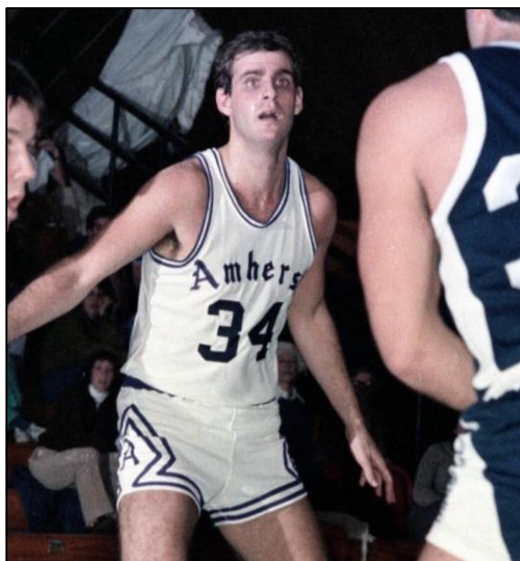
O basquetebol é a modalidade destacada nos enredos de *Sem Deixar Rastros* (2012) e *Um Passo em Falso* (2014), terceira e quinta obras da série, respectivamente. Contudo, esta é a principal modalidade destacada nas obras, pois é a modalidade praticada pelo personagem principal, Myron Bolitar, representando para o protagonista, antes da lesão articular, a possibilidade de atuação profissional e depois da lesão, prática de lazer. Então, apesar de na maioria das passagens este esporte-ficção reproduzir características da modalidade na categoria masculina, no quinto livro o autor descreve elementos da categoria feminina. No caso das obras, essa representação das modalidades abrangendo as duas categorias ocorre somente para os casos do basquete, como acabamos de descrever, e para o tênis.

Como apontamos anteriormente nesta dissertação, o autor Harlan Coben declarou em entrevista as similaridades entre a sua personalidade e as caracterizações que atribuiu ao seu personagem principal, Myron Bolitar (YOUTUBE, 2009<sup>119</sup>). Uma das similaridades perceptíveis é a configuração do protagonista como atleta de basquete, uma vez que o autor jogou basquete universitário (na *Amherst College*), obtendo reconhecimento como membro do *hall* da fama do *New England Basketball* (COBEN, 2017). Assim, o personagem assume como identificação de atleta o número 34, mesmo número que o autor utilizava na época em que jogava partidas oficiais, como é possível perceber pela Figura 4, retirada da página da rede social do autor, com a seguinte legenda: “#Tbt Senior year @AmherstCollege” (TWITTER, 17 de mar. 2017), referindo-se ao último ano de universidade.

---

<sup>119</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r8tLRxZuki8>>. Acesso em 25 de out. 2017.

FIGURA 4 – HARLAN COBEN COMO JOGADOR DE BASQUETE DA ARMHERST COLLEGE



FONTE: Twitter (mar. 2017).

Acreditamos que Coben é um apreciador das práticas esportivas, dada sua aproximação com o basquete quando jovem e as publicações em redes sociais que demonstram comentários sobre futebol, futebol americano, hóquei, golfe e automobilismo, entre outros esportes, demonstrando domínio para descrever na literatura sobre as modalidades escolhidas para os enredos. Perrone-Moisés (2016) argumenta que a literatura de ficção é uma corrente da historiografia contemporânea que se interessa pela história da vida cotidiana, mas diferentemente desta, tem a liberdade de atribuir pensamentos e emoções para os personagens que cria. Por isso o personagem Myron, essencialmente fictício, apesar de estar originalmente baseado na vida de seu autor, atinge o ponto que diverge deste.

E, quando analisamos como o basquetebol é exposto nas obras, o esporte apresenta mais detalhes em relação às demais modalidades representadas, demonstrando a maior aproximação do escritor com a prática, como exemplificado pelo seguinte trecho, exposto ao leitor pelo narrador (autor), acerca de exercícios de treinamento do basquetebol, perspectiva não abordada quando da descrição de outras modalidades:

[...] O técnico fez os jogadores correrem mais um pouco e depois os perfilou na linha de fundo. Eles terminaram o treinamento com os exercícios conhecidos como “suicídios”, que consistiam basicamente numa série de corridas de curta distância, interrompidas por curvas e toques no chão, em diferentes linhas da quadra. Myron sentia saudade de muitas coisas relacionadas ao basquete, mas não dos “suicídios”. (COBEN, 2016, p. 267).

No contexto, o basquete masculino representa, de acordo com pesquisa da *Harris Poll* (2016), o quinto esporte favorito da população estadunidense, posição que permanece inalterada entre 1985 e 1994, ano que antecede o ano de lançamento da obra *Quebra de Confiança* (primeira da série “Myron Bolitar”), 12% da população declarou acompanhar a modalidade em questão, sendo que 8% afirmou acompanhar a modalidade a nível universitário representando a oitava modalidade predileta da população pesquisada, situação que se mantém até 2015.

Nesse sentido, Gumbrecht (2007) esclarece que a popularidade dos esportes universitários nos EUA pode ser considerada uma exceção se comparada a outros países e ainda ressalta que a ideia consiste na perspectiva de que “[...] os melhores jogadores universitários de futebol [americano] ou basquete serão as estrelas profissionais do futuro” (GUMBRECHT, 2007, p. 59). Por esse motivo, passagens que descrevem o personagem principal com grandes habilidades para o basquetebol reconhecidas no período universitário, podem ser compreendidas pela organização que o basquetebol possui nos EUA, com alta especialização nos níveis educacionais.

Contudo, quando a categoria feminina é retratada, emerge na narrativa a restrição ao nível profissional da modalidade e lembra aquilo que Coakley (2014) denominou como trivialização do esporte feminino, cujas habilidades esportivas são postuladas em comparação com as habilidades masculinas nas mesmas modalidades: “[...] Elas jogam basquete, mas não fazem uma enterrada como os homens [...] Elas fazem esportes, mas não como os homens fazem” (COAKLEY, 2014, p. 211). Assim,

[...] Escute, Myron, é como falei: o basquete feminino é difícil de vender. Eu [Norm Zuckerman] o estou promovendo para públicos muito diversificados: fanáticos por esportes, mulheres entre 18 e 35 anos, famílias que desejam algo mais diversificado, fãs que querem

atletas mais acessíveis. Mas, no fim das contas, há um problema que essa liga nunca vai superar. [...] elas não são tão boas quanto os homens. Não digo isso por machismo. É a realidade. Os homens são melhores. A melhor jogadora da equipe não poderia competir com o pior jogador da NBA. Quando as pessoas assistem a esporte profissional, querem o melhor. Não estou dizendo que esse problema vai nos arruinar. Acho que podemos construir uma boa base de fãs. (COBEN, 2014, p. 60).

Da mesma maneira que a representação dos árabes que discutimos no capítulo anterior, acreditamos que a subvalorização de representações do esporte feminino está associada a escolhas artísticas de Harlan Coben, uma vez que poucas personagens mulheres têm relevância ao longo das dez obras analisadas. No contexto, porém, Coakley (2014) esclarece que o trivial como adjetivo nos esportes femininos é caracterizado pelo enfoque nas habilidades e comparação de desempenho em competições, entre mulheres e homens, especialmente no alto nível. Portanto, não podemos estipular o personagem feminino como trivial, porém a parábola de esporte feminino que está exposta na obra sim.

O trecho a seguir, demonstra a relação que o autor estabelece entre o esporte supracitado e a estrutura do romance policial, que exige um detetive apto e concentrado na resolução do crime. Nesse trecho, o protagonista retorna para a oitava publicação da série após um período de seis anos sem realizar investigações, mas, quando o faz, expõe a necessidade de concentração em comparação com a prática esportiva:

[...] fazia um tempo que não investigava, mas a memória muscular saltou e assumiu o comando. Estar no quarto da garota trouxe tudo de volta. No basquete você precisa estar na zona para fazer o melhor possível. Nesse tipo de coisa havia uma sensação semelhante. Estar aqui, no quarto da vítima, provocava isso. Colocava-o na zona. (COBEN, 2017, p. 132).

Portanto, Coben relaciona, através do personagem Myron Bolitar, elementos do campo esportivo à estrutura do romance policial, através de uma relação de desempenho (resultados). No esporte, a necessidade de estar preparado para a superação de grandes façanhas – aqui numa perspectiva de alto-rendimento, voltada ao sujeito da prática (MARCHI JÚNIOR, 2015) –, exigindo a mais alta concentração e avaliando a performance, ou seja, a “zona” como o narrador nomeia, semelhante à

perspectiva de Gumbrecht (2007) acerca da *intensidade da concentração*, capaz de eliminar distrações. No romance policial, por sua vez, evidencia-se aquilo que Massi (2015, p. 23) postula como argumento em relação à atuação do detetive nas investigações, “[...] A *performance* do detetive, [é] representada pela resolução do crime e pela identificação do culpado”. Outro exemplo pode ser verificado na descrição de uma briga em que o protagonista se envolve, contada pelo narrador:

[...] Então Myron foi para o diafragma. Quando o golpe acertou logo abaixo do esterno, o ar foi expulso do grandalhão. Myron puxou o braço de Rochester [com quem brigava] e o jogou num desajeitado golpe de judô. A verdade é que, nas brigas da vida real, todos os golpes parecem bem desajeitados. A zona. Agora ele estava nela. Como na quadra de basquete. Tudo ficou lento. (COBEN, 2017, p. 155-156).

A concepção de esporte-espetáculo, no entanto, é altamente explorada na narrativa de Coben para descrever os esportes, colocando a concepção de esporte-rendimento em passagens pontuais do texto, como caracterização de personagem, como exploramos na citação acima. Debord (1997) estabelece a proposição de que o espetáculo representa uma relação interpessoal baseada em imagens; ao passo que o esporte-espetáculo, segundo Proni (1998), com base na lógica de mercado, organiza o esporte numa perspectiva voltada à comunicação de massa, que se estabelece ao redor da produção e veiculação de imagens. Para o autor, “[...] embora não sejam regras universais, a espetacularização e a mercantilização têm sido percebidas como traços dominantes na organização do esporte de alto nível” (PRONI, 1998, p. 96). Quanto ao espetáculo e ao basquete, Kellner (1996) postula que o esporte pode ser considerado o melhor jogo na perspectiva do entretenimento, devido a sua expansão a nível global nos anos 1990, bem como aos efeitos técnicos fulgurantes que dispõe, marcado pela predileção dos norte-americanos. Abaixo, elencamos um exemplo da espetacularização esportiva transposta para as obras da série, descrito pelo narrador:

[...] aquela seria sua noite [de Brenda Slaughter], sua chance de brilhar na quadra dos profissionais. Myron pensava ter entendido o motivo da insistência de Brenda para disputar o jogo de abertura da temporada, mas na verdade não tinha. Aquilo era mais do que um

jogo. Mais que seu amor por basquete. Mais que um tributo. Aquilo era história. Brenda entendera isso. Naquela época de superastros desgastados, ela se comprazia com a chance de ser um modelo para outras pessoas e moldar crianças impressionáveis. Piegas, mas era isso mesmo. Myron parou por um instante e olhou para a imensa tela eletrônica acima de sua cabeça: a Brenda ampliada digitalmente avançava para a cesta, um rosto que era a própria imagem da determinação, o corpo e os movimentos ferozmente esplêndidos, graciosos e resolutos. (COBEN, 2014, p. 233).

Coben conta, portanto, com a capacidade de identificação do leitor, já apropriado dos elementos da prática esportiva vinculados pela mídia, pois, como já abordamos, sua escrita é objetiva, rápida, recorrendo muitas vezes a generalizações para descrever personagens secundários, como por exemplo: “[...] Um dos homens – o outro, não o professor de artes maneiro, escorregou [...] mas era o professor de artes hippie que estava causando mais problema” (COBEN, 2017, p. 157). O protagonista nomeia o personagem secundário de “professor de artes” em quase toda a oitava publicação, estereotipando-o até descobrir seu nome.

Com o esporte, o mesmo ocorre, não havendo descrições sobre as modalidades e apenas informando o leitor sobre o que ocorre nas cenas descritas, como exemplifica o seguinte excerto da obra, exposto pelo narrador: “[...] na quadra, Brenda pegou a bola e avançou para a linha de fundo. Uma jogadora pulou para interceptar o lançamento. Brenda fingiu que ia saltar, deslizou para baixo da cesta e fez a conversão. Um balé improvisado” (COBEN, 2014, p. 60). Assim, uma compreensão parcial de constructos narrativos pode ser atribuída a leitores que desconhecem o movimento da bandeja no basquete, por exemplo.

#### 5.4 O ELITISTA GOLFE

[...] nenhum atleta fica tanto tempo longe de casa como o golfista. Nem jogadores de basquete, futebol americano, beisebol, hóquei. Os únicos que chegavam perto eram os tenistas. Nos dois esportes, os torneios acontecem durante quase todo o ano e não existe isso de jogar em casa. Com sorte, você tem uma partida em sua cidade uma vez por ano. (COBEN, 2013, p. 76).

O golfe é a modalidade esportiva destacada no quarto livro da série, *O Preço da Vitória* (2013), e assim como o basquetebol, é uma das

modalidades mais exposta nos demais livros, devido à exposição sempre relacionada ao personagem de Windsor Horne Lockwood III (Win) e à predileção deste pela prática esportiva em questão. Porém, esta é a modalidade que apresenta mais descrições no livro em que é pautada, informando ao leitor minúcias relacionadas ao *ethos* do esporte, como movimentos realizados, organização de campeonatos, estratégias táticas de atletas, comportamento da torcida e também localizações geográficas.

No contexto dos EUA, o golfe masculino é o nono esporte predileto da população, de acordo com a Harris Poll (2016), porém, o índice de pessoas que declara acompanhar a modalidade, entre 1985 e 2015, oscila entre 3% a 6% – percentual baixo se comparado aos resultados do basquetebol e do futebol americano a nível profissional e universitário (HARRIS POLL, 2016). Coakley (2014), aponta para a restrição que ocorre em torno da organização da modalidade no país, cuja prática é fechada a clubes privados, voltados à elite econômica.

Outra motivação seria a inconveniência de se transmitir televisivamente as partidas de golfe, pois os eventos ocorrem em espaços amplos, de modo que muitas câmeras teriam de ser dispostas para cobertura adequada, assim como é um esporte que desperta pouca emoção dos telespectadores (COAKLEY, 2014) – o que não significa que algumas emissoras não transmitam a modalidade, apenas o interesse é menor. Em contrapartida, Coakley (2014) afirma que: o “[...] golfe é popular entre os homens ricos e poderosos, que são importantes patrocinadores e anunciantes, pois realizam escolhas de consumo para si, suas famílias e suas empresas” <sup>120</sup> (COAKLEY, 2014, p. 354, tradução nossa), o que leva a modalidade a ser um esporte atrativo para corporações industriais. Nos livros de Coben, a seguinte descrição pelo narrador, sobre as áreas restritas em um campeonato que o protagonista assiste, demonstra a elitização do golfe transposta para o plano textual:

[...] você tinha que possuir um cartão colorido para entrar na Ala dos Patrocinadores. Ou então um cartão dourado se quisesse

<sup>120</sup> Tradução do original: “[...] *golf is popular among wealthy and powerful men, who are important to sponsor and advertisers because they make consumption decisions for themselves, their families, their businesses*”. (COAKLEY, 2014, p. 354).



entrar numa das tendas exclusivas, instaladas estrategicamente sobre as colinas, como quartéis-generais num filme de guerra antigo.

A Ala dos Patrocinadores era apenas uma fileira de tendas, cada uma delas patrocinada por uma empresa gigantesca. O pretexto para gastar ao menos cem mil dólares pelo aluguel de uma tenda por quatro dias era impressionar os clientes e ganhar visibilidade. A verdade, porém, é que as tendas eram uma maneira de os figurões da empresa assistirem ao torneio de graça. Sim, uns poucos clientes importantes eram convidados, mas Myron notou que o alto escalão das empresas sempre dava um jeito de comparecer. E a taxa de cem mil era só o começo. Não estavam incluídos a comida, as bebidas, os empregados – para não falar dos voos de primeira classe, nas suítes de luxo de hotéis, nas amplas limusines, etc., para os peixes graúdos e seus convidados. (COBEN, 2013, p. 115).

A possibilidade de participação em clubes restritos de golfe é possível ao personagem Win dada sua caracterização na obra como membro de uma família da elite norte-americana, aristocrata, reconhecida socialmente através das gerações – como o “III” no nome do personagem sugere. Assim, Coben transpõe para o esporte-ficção características da modalidade real, como a descrição da competição do Aberto de Golfe dos EUA (*US Open*<sup>121</sup>) que pode ser realizada em vários locais do país.

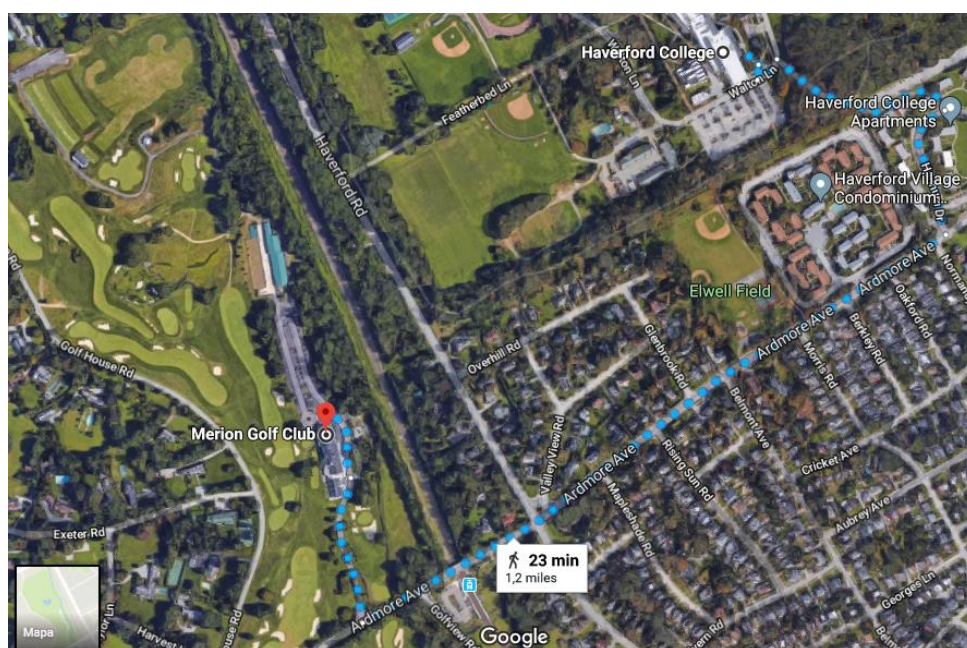
[...] O último jogo do Aberto [de golfe dos EUA] tinha se encerrado havia pouco tempo, e quase toda a multidão já se fora. O *Merion* comportava apenas 17 mil espectadores num torneio – menos da metade da capacidade da maioria dos campos –, mas ainda assim era um horror para estacionar. A maior parte do público era obrigada a parar no *Haverford College*, ali perto. Ônibus circulares faziam continuamente o trajeto entre o *Merion* e o *Haverford*. (COBEN, 2013, p. 33).

Notamos que Harlan Coben descreve locais para a prática da modalidade que são reais e cuja localização é exposta no enredo, baseada no local verídico do clube, como é possível observar pela Figura 5 acerca do Clube de Golfe *Merion* (MERION, 2017), o que sugere que em algum momento o próprio autor esteve no local, transpondo características para delimitação de seu texto: “[...] Bucky entrou numa via adjacente ao campo de

<sup>121</sup> O Aberto de Golfe dos Estados Unidos (*US Open*) é uma das quatro competições anuais mais importantes da modalidade. Semelhante a organização do *Grand Slam*, no tênis, no golfe há o *Major Championships*, composto pelos torneios: *Masters* de Golfe, realizado no clube *Augusta National*, no estado da Geórgia (EUA), em abril; *US Open*, que ocorre em vários locais dos EUA, em junho; Aberto Britânico de Golfe, disputado no reino Unido no mês de julho; e o Campeonato PGA (pois é organizado pela Associação de Golfistas Profissionais dos EUA), ocorrendo em vários locais do país no mês de agosto (GOLFE.ESP, 2017).

golfe, a *Golfe House Road* [à esquerda na Figura 5]. Os golfistas são muito criativos. O campo ficava à direita, as mansões imponentes à esquerda” (COBEN, 2013, p. 11). Compagnon (2014) estabelece que tanto na ficção quanto na realidade ocorrem atos de linguagem, que não deixam de ser fictícios, mas que são combinados e concebidos pelo escritor para montagem de uma “linguagem real” (COMPAGNON, 2014). Sendo assim, Tanto *Pine Valley* quanto o *Merion* – segundo e oitavo melhores campos de golfe dos EUA (contexto), respectivamente (GOLFE. ESP, 2015) –, se tornam composições estruturais do esporte-ficção de Coben, mesmo que o leitor seja capaz de identificar pontos de reconhecimento, ou seja, representações (LIPPMANN, 2008) do contexto social..

FIGURA 5 – LOCALIZAÇÃO DO MERION GOLFE CLUB, PENSILVÂNIA, EUA



FONTE: Google Maps (2017).

Como já abordamos, o personagem Win é essencial quando este esporte-ficção é tratado nas obras, pois muito das relações desse esporte, quando não expostas aos leitores pelo narrador, são inseridas nas passagens do coadjuvante: “[...] eu sou um bom golfista. Ou melhor: eu sou um golfista muito bom. Treinei bastante quando era jovem. Cheguei até a

ganhar minha cota de torneios. Mas nunca desejei o bastante para passar para o nível seguinte” (COBEN, 2013, p. 79). Essa característica do personagem é mencionada em todas as publicações da série, de modo a legitimar na ficção a elite social à qual pertence. Porém, o *ethos* golfista não é aderido ao personagem de Myron, que questiona sobre o comportamento do amigo:

[...] Win entrou na sala sem bater. Foi direto para o armário e abriu a porta que sustentava um espelho de tamanho natural. Mirando-se nele, ajeitou os cabelos com as mãos, meticulosamente, embora não houvesse um único fio fora do lugar. Em seguida afastou as pernas e estirou os braços para baixo como se estivesse segurando um taco de golfe. Sem tirar os olhos do espelho, ergueu o taco imaginário para fazer um *backswing*, certificando-se de que o braço dianteiro permanecia rígido, e o punho, relaxado. Fazia isso o tempo todo, às vezes até na calçada, diante da vitrine de uma loja qualquer. Para Myron isso era o equivalente, no golfe, àqueles marombeiros que começam a contrair os músculos sempre que se veem refletidos em algum lugar. Irritante, muito irritante. (COBEN, 2012b, p. 2013).

Essa divergência entre as modalidades esportivas de cada personagem, e mesmo o comportamento de cada um de acordo com as “comunidades” dos esportes, alimentam discussões nas páginas de fãs da obra, como a publicada na rede social *Facebook* em novembro de 2017, nas quais os moderadores da página estimulavam os seguidores a declarar qual era o posicionamento preferido, se o “time Myron/basquetebol” ou “time Win/Golfe”: “[...] Golfe vs basquete. #HarlanLovers, vocês são #teamWin ou #teamMyron?” (FACEBOOK, 8 de nov. 2017)<sup>122</sup>. A Figura 6 ilustra a imagem publicada junto a essa legenda.

<sup>122</sup>Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/photos/a.386302768108292.87716.382310058507563/1682866248451931/?type=3&theater>>. Acesso em: 19 de nov. 2017.

FIGURA 6 – PUBLICAÇÃO DE FÃS DA SÉRIE “MYRON BOLITAR”



FONTE: *Facebook* (nov. 2017).

Baseados nas publicações em redes sociais do escritor analisado, estabelecemos que Harlan Coben é um entusiasta do golfe, como uma postagem na rede social de Harlan demonstra, na qual o autor aparece segurando uma bola de golfe personalizada, em referência a MB Representações, agência do personagem Myron Bolitar, com a seguinte legenda: “Minha bola de golfe. Para ter a sua basta procurar no fundo do lago perto de qualquer local em que eu esteja jogando” <sup>123</sup> (TWITTER, 20 de mai. 2016). Mesmo esta postagem tendo relação direta com a temática desta pesquisa, ela não é a única, pois sempre que o autor joga golfe há postagens relacionadas.

Para finalizar a abordagem sobre o golfe na série analisada, discutiremos um último ponto, presente nas outras modalidades representadas no romance policial: a presença de especificidades da modalidade contextual que são transpostas para o esporte-ficção, possibilitando dois tipos de compreensão dos leitores. A primeira, na qual acreditamos que o leitor conhece o esporte contextual em que o autor se baseou para escrever e compreende as particularidades descritas no enredo, como movimentos específicos e termos próprios da modalidade. A segunda, por sua vez, na qual os leitores ignoram os termos específicos, considerando

<sup>123</sup> Tradução do original: “[...] *My golf ball. To get your own, check the bottom of the lake at any course where I may be playing*” (TWITTER, 20 de mai. 2016).

o esporte como mais um elemento da narrativa, sob ótica somente fictícia. No caso do golfe, prática esportiva que explicamos ser elitizada e restrita ao cenário estadunidense, pois 45% dos campos de golfe do mundo estão no país (GOLFE. ESP, 2015), leitores estrangeiros podem ser atribuídos, em sua maioria, ao segundo caso.

[...] Jack arremessou a bola no *green*<sup>124</sup>, mas, como Win previra, ela ficou a mais de seis metros do objetivo. Crispin deu sua terceira tacada, uma bela tacada curta, efetuada com um movimento do pulso, e a bola foi parar a pouco mais de quinze centímetros do buraco. Ele iria completar o percurso com o número de tacadas certo. O que queria dizer que Jack não tinha chance alguma de vencer. O melhor que podia fazer era forçar o empate. Se conseguisse meter a bola no buraco. (COBEN, 2013, p. 152).

## 5.5 OS FUNCIONAIS LUTA LIVRE E TAEKWONDO

A luta livre e o taekwondo são duas modalidades de luta, retratadas ao longo da série e diluídas nos enredos dos dez livros, associadas às habilidades dos personagens que compõem o núcleo principal de investigação do romance policial. No caso da luta livre, a modalidade está relacionada às personagens Esperanza e Big Cindy. Já no que concerne ao taekwondo, Myron e Win são os personagens a ela conexos. Em todos os casos, porém, a atribuição da habilidade de desenvolver tais práticas esportivas supre a necessidade de os personagens estarem preparados para conflitos corpo a corpo que possam ocorrer com personagens secundários, pois o confronto com o criminoso, personagem que inicia a desestabilidade no enredo (REIMÃO, 1983; MASSI, 2011), deve estar exposto na narrativa do romance policial.

[...] já estou sabendo da sua demonstração de tae kwon do no estacionamento. Mas aquele cara era um musculoso idiota. Eu, não. Lutei boxe profissionalmente. Sou faixa preta em jiu-jítsu e grande mestre em aikido. Eu já matei [fala do capanga Aaron com quem Myron luta]. (COBEN, 2011a, p. 81).

Assim como as demais modalidades, a luta livre e o taekwondo adquirem no romance policial o delineamento objetivo de descrição. Cremos

---

<sup>124</sup> Termo que designa a área onde fica o buraco, com grama fina e rente ao solo.

que sua representação nos enredos se deve mais à popularidade dessas práticas na década de 1980 e 1990, do que por se apresentarem como os melhores esportes de combate a serem praticados pelo núcleo principal do romance policial, pois, por exemplo, quando cenas de combate e enfrentamentos são descritas pelo narrador (autor), nenhum golpe é atribuído especificamente ao taekwondo<sup>125</sup>.

[...] nos velhos tempos, Big Cindy era a lutadora profissional e encarnava a vilã. Tinha a aparência certa para o papel. Para quem nunca assistiu a lutas livres profissionais, o negócio não passa de uma peça teatral que coloca o bem contra o mal. Durante anos Big Cindy havia sido a “senhora guerreira” do mal, chamada de Vulcão Humano. Até que uma noite, depois de uma luta particularmente medonha em que Big Cindy “feriu” a adorável e esguia Esperanza Dias, a “Pequena Pocahontas”, com uma cadeira – “feriu” tanto que a ambulância falsa entrou e colocou o protetor de pescoço e coisa e tal -, uma turba de fãs furiosos esperou do lado de fora do ginásio. Quando Big Cindy saiu, a turba atacou. Podiam tê-la matado. [...] vendo o tumulto, Esperanza tentou intervir. A multidão não aceitou. [...] [Esperanza] Pulou num carro e “revelou” que Big Cindy só estava fingindo ser má para conseguir informações. A multidão quase parou. Além disso, Esperanza anunciou que Big Cindy era na verdade a Grande Chefe-Mãe, um apelido ruinzinho, mas, ei, ela estava improvisando tudo aquilo – a irmã de Pequena Pocahontas, desaparecida muito tempo atrás. Pequena Pocahontas e sua irmã estavam se reencontrando e iriam ser parceiras nas lutas. [...] rapidamente Grande Chefe-Mãe e Pequena Pocahontas viraram a dupla de luta livre mais popular. A mesma história se repetia toda semana. (COBEN, 2011b, p. 262).

Tal descrição baseia-se contextualmente na organização do *World Wrestling Entertainment, Inc.* (WWE), uma empresa estadunidense que organiza os eventos de luta livre profissional. A apresentação mescla movimentos cênicos, pré-determinados, com golpes de luta e é encenado várias vezes para diferentes públicos (BBC, 2006). Jenkins, Green e Ford (2014) expõem que a organização da luta livre profissional nos EUA “[...] era regionalizada, com promotores ‘possuindo’ uma área compreendida por algumas cidades-chave. Os fãs locais viam apenas a trupe de sua área e um programa de televisão semanal promovia eventos ao vivo.” (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 142). Assim, Coben configura uma história

---

<sup>125</sup> Esperanza e Big Cindy não têm nenhuma cena de luta propriamente dita. Suas referências são de um tempo passado ao início da série, em que trabalhavam na luta livre como *show*, uma verossimilhança com o *World Wrestling Entertainment* (WWE).

particular para esta modalidade na ficção e não recorre a demais elementos da mesma no contexto para descrever a modalidade, como o uso de lutadores reconhecidos que também se tornam personagens – o que ocorre na representação de outras modalidades.

Sobre o taekwondo nas obras, a citação a seguir ilustra, pois, a modalidade, que é mencionada somente nos momentos em que Win e Myron treinam na academia, e mesmo tais passagens tem mais enfoque nos primeiros livros da série, sendo deixadas de lado pelo autor com o desenvolvimento das obras.

[...] Win e Myron trocaram suas roupas por *doboks* brancos. Os dois amarraram suas faixas na cintura. Win era faixa preta de sexto *dan*, praticamente o *ranking* mais alto de qualquer pessoa nos Estados Unidos. Lutava tae kwon do desde os 7 anos. Myron tinha começado na época da faculdade, o que lhe dava 12 anos de prática e uma faixa preta de terceiro *dan*. (COBEN, 2011a, p. 50).

O taekwondo era uma modalidade de destaque no período em que as obras foram escritas, pois, em 1988, foi a primeira aparição da modalidade nos Jogos Olímpicos de Verão, em Seul (Coréia do Sul), como esporte-demonstração. Como uma arte marcial oriental que aos poucos adere ao processo de esportivização e ocidentalização (RIOS, 2005), podemos inferir que a repercussão da modalidade a nível mundial influenciou a escolha de Coben por atribuir tal habilidade a seus personagens já no primeiro livro da série, como a citação acima expõe. Mas, ao mesmo tempo, o autor abandona descrições referentes ao taekwondo com o transcorrer da série, sem que a modalidade apareça em todas as obras, como o caso da luta livre.

Portanto, concluímos que as duas modalidades têm seu apelo literário, enquanto esporte-ficção pautados pelo autor como recurso de configuração de personagens, embora suas descrições sejam marcadas por oscilações, possivelmente relacionadas à pouca proximidade do autor a essas práticas – se comparadas às demais modalidades analisadas neste capítulo.

## 5.6 A EVIDÊNCIA DA METÁFORA

Ao discorrermos sobre as modalidades esportivas que o autor Harlan Coben elege para composição de sua organização narrativa, na série “Myron Bolitar”, procuramos evidenciar uma noção de estilo que corrobora com o que Compagnon (2014) aponta, na qual o estilo compreende noções de individualidade, composta por procedimentos expressivos, recursos escolhidos, gênero, escola literária, período histórico, entre outros. Deste modo, Coben adere à perspectiva clássica de romance policial, baseando seus enredos na tríade criminoso-vítima-detetive (REIMÃO, 1983; MASSI, 2011), mas também aborda temáticas contemporâneas nas obras, assim como mescla as características do romance de suspense (TODOROV, 2003; MASSI, 2015). Outras modificações são postuladas de acordo com o público leitor, como a configuração de uma equipe de auxílio ao detetive, com maior ênfase no crime e criminoso ou através da inserção de mudanças de contexto, incorporadas no texto das obras (por exemplo, o uso das tecnologias).

Em decorrência, as duas opções de ação para os leitores em relação à abordagem do campo esportivo na série, expostas no subcapítulo 5.4 desta dissertação, que consideram um leitor que compreende as práticas esportivas transpostas para o esporte-ficção – com base na sua experiência anterior em relação às modalidades – ou o leitor que ignora as especificidades das modalidades esportivas representadas na obra. Essas duas ações são acrescidas de uma terceira opção, o leitor pesquisador, que se interessa pelo esporte representado e busca mais informações sobre o mesmo, partindo do esporte-ficção para o esporte-contexto. Essa última opção é uma possibilidade para os leitores, mas acreditamos que ocorra em menor grau em relação às demais, dada a perspectiva secundária que os esportes possuem na obra e a própria escolha do autor em presumir que os leitores conhecem a referência que menciona no texto, seja esportiva ou da indústria cultural (filmes e livros).

Inferimos que esta terceira opção de ação do leitor pode ser impelida pelo estilo de Coben, pois quando se trata de descrever vestimentas, moradias, ruas, entre outros, a escrita de Coben é marcada pela definição



concisa desses elementos<sup>126</sup>. Isso também ocorre com a representação dos esportes na série, já que Coben pressupõe – na maioria das vezes –, o conhecimento prévio de seus leitores, baseado na verossimilhança com o contexto, apresentando o esporte sob outra égide, a da metáfora. Na Tabela 2, inserimos alguns exemplos de metáforas sobre esportes encontrados ao longo da série – com a ressalva de que pode ser um produto da autonomia do tradutor do inglês para o português.

TABELA 2 – EXEMPLOS DE METÁFORAS ENCONTRADAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR”, DE HARLAN COBEN

MODALIDADE REFERIDA	CITAÇÃO
Boxe	[...] Em seguida ela encarou Jessica <b>como um boxeador olharia um oponente mancando e com a guarda aberta</b> . (COBEN, 2011a, p. 64, destaque nosso).
Boxe	[...] Gary engoliu em seco. Seu pomo de adão subiu e desceu <b>como a cabeça de um boxeador evitando jabs</b> . (COBEN, 2011a, p. 94, destaque nosso).
Boxe	[...] A pergunta deixou Pavel [treinador de tênis] tão pasmo quanto se tivesse levado um gancho de esquerda do nada. Lennox Lewis <i>versus</i> Frank Bruno. Ele hesitou tentando recobrar, os tenistas saíram do túnel. Os aplausos começaram. A distração deu a Pavel tempo para se recuperar, <b>como um boxeador no chão enquanto o juiz faz a contagem até oito</b> . (COBEN 2012a, p. 41, destaque nosso).
Boxe	[...] Claro. – Emily foi se aproximando aos poucos, sem pressa, contando os segundos <b>do mesmo modo que um pugilista conta até oito após ser surpreendido por um gancho de esquerda</b> . (COBEN, 2012b, p. 224, destaque nosso).
Boxe	[...] Voltou-se para Linda [Coldren], que estava com os olhos arregalados, mão tremendo junto à boca. Myron tentou ir ao encontro dela, <b>mas vacilou feito um boxeador que não se levanta a tempo</b> . (COBEN, 2013, p. 127, destaque nosso).
Beisebol	[...] A mão de Arthur Bradford <b>parecia uma luva de beisebol velha e ressecada</b> .

<sup>126</sup> Isso ocorre por exemplo, quando o escritor demarca pontos turísticos na série, como o caso do nono livro, *Quando Ela se Foi* (2011), cujo enredo expõe uma viagem do protagonista à Paris e à Londres, mudando o cenário do leitor para a Europa, embora até então o foco sempre fosse os EUA. Por exemplo, quando o personagem principal está em Paris, ele narra ao leitor: “[...] dobrei à esquerda e cheguei a um lugar onde cinco ruas se cruzavam. Havia um café, um dos muitos de Paris, o *Le Buci*, e me acomodei em uma mesinha externa” (COBEN, 2011b, p. 63).

	(COBEN, 2014, p. 91, destaque nosso).
Xadrez	[...] Bradford hesitou. Hora de <b>estudar o tabuleiro de xadrez e imaginar o próximo movimento de Myron</b> . (COBEN, 2014, p. 169, destaque nosso).
Boxe	[...] [sobre uma conversa entre Myron e Terese Collins sobre decepções dos personagens] Que tal assim: <b>testamos a força do adversário e ela nos levou à lona. De alguma forma, conseguimos ficar de pé outra vez. Mas nossas pernas ainda estão bambas, a visão continua turva. Outro soco bem dado e a luta acaba</b> . Melhor ficar driblando, evitar sermos atingidos e rezar para chegarmos até o final. (COBEN, 2015, p. 13, destaque nosso).
Basquetebol	[...] Mais uma vez, <b>Esperanza dominou a bola e começou a fintar</b> . [Sobre Esperanza ter mais razão que Myron]. (COBEN, 2015, p. 55, destaque nosso).
Fisiculturismo	[...] uma câmera de segurança o focalizava [Myron] naquele momento. Ele acenou, sorriu para a lente e <b>fez poses que tinha aprendido assistindo a eventos de fisiculturismo na ESPN 2. Terminou com um alongamento dramático do músculo trapézio e acenou para a multidão que assistia. Os paletós azuis [seguranças] mantiveram-se indiferentes</b> . (COBEN, 2016, p. 104, destaque nosso).
Atletismo	[...] os três tinham um sorriso forçado, como se tivessem <b>acabado de chegar em segundo lugar numa competição</b> e não quisessem parecer decepcionados. (COBEN, 2016, p. 124, destaque nosso).
Fórmula 1	[...] Myron e Ali [Wilder] se moveram com <b>uma velocidade capaz de intimidar um pit stop de fórmula 1</b> . (COBEN, 2017, p. 280, destaque nosso).
Futebol Americano	[...] quando chegamos à clareira de um bosque próximo, <b>saltei na direção das pernas do garoto e as agarrei com uma precisão que mataria de inveja qualquer zagueiro de futebol americano profissional</b> . Kembo [o garoto] foi ao chão, um tombo bem maior do que eu planejava. (COBEN, 2011b, p. 228, destaque nosso).
Golfe	[...] Havia cerca de um mês que [Win] começará a usar óculos [...] Win e ele [Myron] não eram velhos – longe disso – mas, <b>para citar a analogia com o golfe usada por Win na primeira vez em que havia lhe mostrado os óculos: “Agora estamos oficialmente no último nine da vida”</b> . (COBEN, 2011c, p. 13, destaque nosso).
Beisebol	[...] Ele [Myron] <b>teve a sensação de ser um lançador de beisebol de idade já avançada</b> que precisava daquele radar

	específico para saber que suas jogadas estavam perdendo a potência. Ou talvez fosse outra coisa. Talvez as mulheres simplesmente sentissem que Myron agora estava comprometido. (COBEN, 2011c, p. 25, destaque nosso).
Futebol Americano	[...] Al Bolitar <b>estendeu os braços como se fosse um jogador de futebol americano tentando bloquear um atacante.</b> [sobre o pai de Myron tentando defende-lo de um agressor]. (COBEN, 2011c, p. 145, destaque nosso).

FONTE: A autora (2017).

A metáfora é essencialmente uma figura de linguagem em que um termo substitui outro, através do estabelecimento de uma relação de semelhança. Para Barbosa (1974), a metáfora é o elemento presente na literatura, um recurso retórico dos autores, com a função de intermediar a relação entre texto literário e realidade. Acerca das obras de Coben, baseando-nos nos exemplos apresentados na Tabela 2 e nas demais ocorrências verificadas na série “Myron Bolitar”, identificamos a metáfora do tipo estrutural, descrita por Andrade e Martins (2011) como a metáfora que permite compreender um conceito ou ação por meio de outro. Logo, o campo esportivo torna-se recurso literário para o autor não somente da perspectiva temática, mas também de construção linguística.

Contudo, será que os leitores são capazes de absorver as metáforas pelo autor mencionadas? Observamos pelas citações apresentadas na Tabela 2, que muitos dos esportes mencionados nas metáforas não se referem às modalidades tratadas pelo autor. Evidenciam-se as metáforas relacionadas ao boxe, prática que cerca de 3% da população estadunidense declarou acompanhar (HARRIS POLL, 2016). Outro exemplo: muitos leitores podem não compreender a função exata de um jogador que é zagueiro no futebol americano, principalmente se considerarmos a repercussão mundial que a série literária atinge<sup>127</sup>. Será que todos os leitores compreendem a aparência de uma luva de beisebol desgastada?

Deste modo, inferimos que mesmo para a configuração das metáforas que atribui a seu texto literário, Harlan Coben se utiliza de exemplos de

<sup>127</sup> As obras de Coben já foram traduzidas para mais de 43 países (COBEN, 2017). Disponível em: <<http://www.harlancoben.com/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

modalidades com as quais tem aproximação, como entusiasta ou participante por lazer, e é compreendido por membros de seu período histórico e classe literária. Isso reforça nossa proposição de que a maioria dos leitores de Coben configura-se mais como o segundo tipo de leitor, no que concerne à representação dos esportes na série, que se não compreendem as especificidades transpostas para o esporte-ficção, as ignoram, pois não são essenciais para compreensão do findar do enredo do romance policial.

Ao longo da análise realizada neste capítulo foi possível constatar que Coben eleger para sua construção narrativa, quando reproduz o campo esportivo nos enredos, a concepção de esporte-espetáculo. Marchi Júnior (2015) reforça que esta manifestação esportiva (espetáculo) deve ser compreendida de maneira diferente do esporte-rendimento, já que este se volta aos sujeitos que praticam esportes e o primeiro está relacionado à organização contemporânea das modalidades. Assim, o esporte-espetáculo movimenta o contexto econômico, promove a relação mercadológica de oferta e demanda, tem alto apelo emocional, aderência midiática voltada à performance, mobilização populacional e interferência de nível global, corroborando a afirmação de Bourdieu (1983), que descreve o esporte-espetáculo como uma mercadoria de massa e sua organização como uma das atividades do *show business*.

E esse interesse relacionado a uma “[...] participação imaginária que a experiência passada de uma prática real autoriza” (BOURDIEU, 1983, p. 9), capaz de levar os sujeitos a serem (tele)espectadores dos esportes, também os estimula a serem leitores de obras que tematizam o esporte. Porém, apesar de haver um entrelaçamento entre elementos externos e internos na série “Myron Bolitar”, a própria internalização textual resulta naquilo que denominamos ao longo deste capítulo de esporte-ficção, ou seja, outro elemento ficcional relevante para a constituição da série que, apesar de ter congruências com o mundo do real, permanece restrito ao mundo do possível, ou seja, como apontado por Antonio Candido (2014), ao texto.

## 6 HARLAN COBEN, SÉRIE “MYRON BOLITAR” E PÚBLICO LEITOR

[...] ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito. (CANDIDO, 2014, p. 31).

Ao longo dos capítulos anteriores, tematizamos a representação do esporte na série literária “Myron Bolitar”, de Harlan Coben, nos utilizando principalmente das inter-relações entre texto e contexto (CANDIDO, 2014) como procedimento de análise. Embora a obra e o autor tenham evidência em nossa pesquisa – com destaque nos capítulos anteriores – a série “Myron Bolitar” constitui base sólida de fãs que contribuem quase que diariamente<sup>128</sup> nas comunidades de conhecimento em redes sociais e para nós, tais comunidades possibilitam a análise do público e sua relação com a obra, como enfocaremos no presente capítulo.

Alocamos então a série “Myron Bolitar” como literatura contemporânea, devido à publicação do romance policial de Coben ter início na década de 1990 (PERRONE-MOISÉS, 2016) e acreditamos que as obras literárias recaem sob o paradigma proposto por Henry Jenkins (2009), acerca da convergência e, como esta, “[...] presume que as novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas” (JENKINS, 2009, p. 33). Assim sendo, notamos a literatura como conteúdo que gera discussões nas mídias atuais, as redes sociais e a possibilidade de manifestação de leitores que expõem suas opiniões naquilo que, podemos comparar a um clube do livro virtual.

Contudo, Jenkins (2009) alerta para a especificidade crescente nas novas mídias, que priorizam a seleção de conteúdo a todo momento, por meio de um procedimento de “auto filtragem” das leituras que o consumidor realiza, com a tendência deste a se voltar para temáticas que são de seu agrado e evitar assuntos que lhes pareça um investimento desnecessário. Reconhecemos, portanto, que ao utilizar como fontes as páginas de

---

<sup>128</sup> Nas páginas da rede social *Facebook*, a qual analisamos, os grupos de fãs postam regularmente publicações nas linhas do tempo, promovendo interações com os demais participantes.

leitores/fãs da rede social *Facebook*, focamos no grupo que tende a admirar o escritor Harlan Coben e suas obras, especificamente a série “Myron Bolitar”.

Consideramos as mídias digitais como as novas mídias que nos permitiram analisar a propagação da literatura em sua perspectiva convergente, pois tanto autor quanto público manifestam-se sobre as obras através do meio digital. O livro, como propriedade física, tem como característica principal a individualidade, ou seja, o sujeito leitor e a repercussão da obra sobre um contexto específico, isolado. Porém, Jenkins, Green e Ford (2014) apontam que o digital tem a possibilidade de alcançar diversificados grupos ao mesmo tempo, assim como de repercutir em diferentes contextos.

[...] O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e sua própria obra. (CANDIDO, 2014, p. 47-48).

Isto posto, complementamos a base de análise nos conceitos de inteligência coletiva, narrativa transmídia (*transmedia storytelling*) e cultura participativa (JENKINS, 2009), que nortearam a pesquisa acerca do autor e do público da série “Myron Bolitar”, pois, como Kellner (2001) afirma, “[...] as produções culturais nascem e produzem efeitos em determinados contextos” (KELLNER, 2001, p. 13). Logo, na perspectiva da cultura da mídia, analisar produção e recepção auxilia na compreensão de efeitos e usos nos contextos alcançados (KELLNER, 2001). Candido (2014), por sua vez, esclarece acerca dos três componentes que balizam nossa investigação, descrevendo-os como “indissolúveis”, porquanto que o crítico literário compreende as manifestações artísticas como um sistema de comunicação.

Podemos considerar que Harlan Coben é um escritor cuja produção é rápida, com intervalos de meses entre seus lançamentos<sup>129</sup> e como o autor

<sup>129</sup> Por exemplo, no ano de 2016 o escritor lançou duas obras: um livro independente, *Fool Me Once*, em 22 de março de 2016 (já traduzido para o português sob o título *A Grande Ilusão*, lançado em junho de 2017) e o 11º livro da série “Myron Bolitar”, *Home*, lançado em

teve suas publicações lançadas no Brasil principalmente a partir da década de 2010, algumas de suas obras – especialmente as de enredos únicos<sup>130</sup> –, não foram traduzidas para o português ainda. Do ponto de vista do livro físico, os leitores teriam acesso aos livros disponíveis no mercado editorial e livreiro brasileiro através da Editora Arqueiro, mas com a possibilidade de acesso a *sites* oficiais e redes sociais digitais de Coben, os leitores podem realizar campanhas para que a editora traduza obras pelas quais têm maior interesse, fator que beneficia a si próprios e a editora, caso esta esteja atenta à demanda do público.

Harlan Coben é, portanto, um escritor de seu tempo, pois é reconhecido pelos leitores no período em que escreve, da mesma maneira que seus enredos são desenvolvidos em narrativa do tempo presente, corroborando a característica do romance policial de suspense tipificada por Todorov (2003). Porém, a predileção pelo tempo presente possa representar uma consequência das motivações do escritor, que já declarou em entrevista (YOUTUBE, 2016a) que se inspira nos elementos com os quais tem familiaridade para desenvolver seus romances, realizando pesquisas quando julga necessário. Na seguinte entrevista (YOUTUBE, 2016b), Coben relata sobre o desenvolvimento de seu processo criativo:

[...] eu realmente não escrevo livros com muita violência, não há muita violência, não há muito sangue ou algo assim. Prefiro que o suspense venha de algo menor. Eu acho que você conhece a questão da piscina calma: você deixa cair uma pedra dentro e *boom*. Você sabe o que você pode fazer para agitar a água, então é essa piscina calma e a coisa pequena que pode agitar. **Normalmente, o que eu tento fazer é considerar uma espécie de situação comum e perguntar ‘e se?’.** Toda escrita de ficção se resume a perguntar-se ‘e se?’. Por exemplo, há alguns anos meus amigos me disseram que estavam preocupados com as atividades *online* de seus filhos e eles decidiram colocar uma pequena câmera de espionagem em seu *laptop*, um *spyware* em seu *laptop* e eu disse para mim mesmo: e se... E se eles receberem uma mensagem que muda suas vidas? E eu apenas continuo perguntando ‘e se?’, ‘e se?’ e vou circulando isso de uma maneira diferente, mas é assim que prefiro projetar [...] Eu gosto de

---

22 de setembro de 2016. Cf. COBEN, 2017. Disponível em: <<http://www.harlancoben.com/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

<sup>130</sup> Por exemplo, as publicações: *Play Dead* (1990), *Miracle Cure* (1991) e *Just One Look* (2004). Cf. COBEN, 2017. Disponível em: <<http://www.harlancoben.com/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

achar aquela coisa pequena e simplesmente enxergá-la de uma perspectiva diferente<sup>131</sup>. (YOUTUBE, 2016b, destaque nosso).

Podemos afirmar, baseados na entrevista cedida pelo autor e exposta parcialmente na citação acima, que este é o princípio do processo de escrita de Harlan Coben, pois o autor parte de uma série de questionamentos, buscando responder no enredo suas inquições prévias. Como pontuamos em outro capítulo, Coben declarou em entrevista<sup>132</sup> (YOUTUBE, 2016a) que sabe apenas o começo e o fim dos romances de sua autoria antes do início da redação e exemplifica seu processo de escrita da seguinte maneira: imagina que irá realizar uma viagem de Nova Jersey para a Califórnia (estados norte-americanos localizados a leste e a oeste dos EUA, respectivamente), deste modo ele sabe o ponto de partida e o ponto de chegada; porém, as rotas que poderá utilizar são diversas e, portanto, caminhos distintos, mas, mesmo assim, que chegará à Califórnia.

Antes de escrever profissionalmente, Harlan Coben era guia turístico e uma de suas principais motivações para se tornar escritor foi o fato de desejar criar histórias que as pessoas pudessem ler em suas férias, mas que em algum momento da leitura acabassem se empolgando:

[...] comecei a escrever algo que eu amo e que eu chamo de romance de imersão. Espero que "Home" seja o livro que você lê

---

<sup>131</sup> Tradução do original e entrevista completa: *"I want these to be people like you and me. I'm not really interested in letting James Bond or a superhero. I want them have the same foibles the same mistakes the same feeling out of their element it's really classic the ordinary man and the extraordinary circumstance. I enjoy that I want it to feel like this is somebody you know. This is you, this is your neighbor, and I think that is probably what people mean when they say I do domestic. Sometimes I do family sometimes I don't, but I'm hoping that the people feel like normal people. I don't really write books I don't think with a lot of there's not a lot of violence, there's not a lot of bloodletting or anything like that. I'd rather the suspense come from something smaller. I guess, you know to Placid Pool and you drop a pebble in there and boom. You know that's what you can make it if it's not choppy water so it's that placid pool and the small thing can rip. Normally what I try to do is take a sort of ordinary situation and ask what if? All fiction writing comes down to asking what if. So for example a few years ago friends of mine told me they were worried about their child's online activities and they decided to put a little spy camera on his laptop, a spyware on his laptop, and I said to myself: well what if... what if they get a message that changes their lives, and I just keep asking the what-ifs turn them around, a little bit twisted look at it a different way, but that's sort of what I prefer to design more ordinary than some, you know great reaching the President or the Parliament, you know kind of a story. I like to find that small thing and just kind of turn it in different direction".* (YOUTUBE, 2016b). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOLILYQJJAU>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

<sup>132</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eLwqQzAIZPs>>. Acesso em: 24 nov. 2017.



durante as férias. Não quero que você deixe o quarto do hotel porque você tem que saber [o final]. Dez horas da noite, [você vai ler] apenas dez páginas. [quando se dá conta] São quatro da manhã. Esse é o tipo de livro que eu sempre quis escrever<sup>133</sup>. (YOUTUBE, 2016c).

Na mesma entrevista, cujo trecho deu origem à citação acima, o autor ainda declara que seu processo de escrita depende dos períodos em que acredita que a história que conta faz sentido, de modo a minimizar os momentos de releitura ou remodelar trechos em revisão editorial posterior (YOUTUBE, 2016c). Ou seja, Coben pode estar escrevendo os livros em um trem, em uma cafeteria ou em casa, mas tem de acreditar que a história faz sentido, caso contrário interrompe o processo. Do mesmo modo, o autor declara que, antes de iniciar um livro, sempre questiona: para qual personagem a história é mais adequada? Por esse motivo, as obras da série “Myron Bolitar” apresentam alguns hiatos, pois o autor julgou que criar outros personagens – normalmente elaborados para livros independentes, uma vez que o autor tem duas séries literárias (“Myron Bolitar” e “Mickey Bolitar”, sobrinho do personagem supracitado) – seria melhor para o enredo que desejava desenvolver.

Nos últimos anos, contudo, o autor passou a exercer paralelamente a função de produtor e roteirista, desenvolvendo séries e minisséries televisivas: *No Second Chance* (2015, baseado em livro), *The Five* (televisão britânica, 2016); *Just One Look* (2017, baseado em livro); e *Safe*<sup>134</sup> (IMDb, 2017; COBEN, 2017). Isso se deve ao escritor acreditar que algumas das histórias que desenvolve, como *The Five* por exemplo, necessitam da perspectiva de representação em tela, para melhor visualização do público,

<sup>133</sup> Tradução do original: “I started to write what I love which I call the novel of immersion. Hopefully “Home” is the book you take on vacation. You don’t want to leave the hotel room because you must know. Ten o’clock at night just going to be ten pages it’s four in the morning. That’s the kind of book I’ve always wanted to write” (YOUTUBE, 2016c). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xzwFZmQjudQ&t=348s>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

<sup>134</sup> Série baseada em ideia original do escritor, produzida em parceria com a Netflix, com lançamento em 2018. Segundo informações divulgadas por Harlan Coben em sua rede social (FACEBOOK, 2017), as filmagens da série terminaram em dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/harlandcobenbooks/photos/a.222746665284.289987.181658135284/10159690521000285/?type=3&theater>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

dadas as características de mudança de ponto de vista dos personagens retratados (YOUTUBE, 2016d)<sup>135</sup>.

Identificamos, portanto, a narrativa transmídia como uma das características de Harlan Coben na construção de suas obras, cuja utilização pode ser justificada pelo desejo do autor de manter o leitor atento a história e com vontade de saber o fim, assim como de recompensar o público que leu suas demais obras – não somente a série “Myron Bolitar” – através da compreensão das referências citadas, estimulando a cultura participativa por meio da inteligência coletiva (JENKINS, 2009).

A narrativa transmídia depende da participação ativa dos fãs, de modo a assumir o papel de coletores de informações que aumentam o acervo das comunidades de conhecimento, pois devem coletar pedaços das histórias através das diferentes plataformas midiáticas em que o enredo é construído, para ter compreensão de todo o conteúdo a eles disponibilizado (JENKINS, 2009). No caso da série “Myron Bolitar” e das demais produções de Coben (televisivas, *streaming*<sup>136</sup> ou literárias), podemos afirmar que o público atua como caçador das pistas fornecidas pelo escritor, como na própria estrutura do romance policial, na qual o leitor acompanha o detetive nas suas descobertas (ALBUQUERQUE, 1979; REIMÃO, 1983; MASSI, 2011). Por exemplo, o seguinte diálogo entre os personagens Myron e Win, extraído do nono livro da série “Myron Bolitar”, na qual o narrador contribui para a compreensão da informação:

[...] este lugar me parece familiar – [Myron disse].  
 – Serviu de cenário para um filme francês com François Cluzet e Kristin Scott Thomas – disse Win. – Eles se sentaram exatamente aqui [restaurante].  
 [Myron] - Kristin Scott Thomas? Em um filme francês?  
 [Win] – Ela morou aqui durante anos e fala a língua fluentemente.  
 [narrador] Win tem esse tipo de informação, sabe-se lá como. (COBEN, 2011b, p. 77).

<sup>135</sup> Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DhIndJPo9GY>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

<sup>136</sup> O Streaming “[...] é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a Internet, e foi criada para tornar as conexões mais rápidas” (SIGNIFICADO.COM, s.d. a) e assim, permite que usuários da *Internet* reproduzam conteúdos de mídia sem violar direitos autorais. Harlan Coben produziu a série *Just One Look* (2017) em parceria com a *Netflix*, plataforma de tv via *streaming*, e tem contrato com a empresa para a produção da série *Safe* (COBEN, 2017). Cf. [www.harlancoben.com](http://www.harlancoben.com).

Tal trecho é precedido da descrição de um restaurante francês, baseado no contexto geográfico, localizado na cidade de Paris, cenário do filme de produção francesa “*Tell no One*” (Não Conte a Ninguém), lançado em 2006<sup>137</sup>. O longa-metragem, baseado no livro de Harlan Coben *Tell No One*<sup>138</sup> (2001), foi estrelado pelos atores François Cluzet e Kristin Scott Thomas e foi indicado a nove categorias do prêmio César de cinema francês, das quais venceu quatro: melhor ator (François Cluzet), melhor diretor (Guillaume Canet), melhor montagem e melhor música original<sup>139</sup>.

Pois bem, nota-se neste ponto dois tipos possíveis de apreensão da informação do enredo em questão. No primeiro caso, consideramos a característica dos romances policiais de que o personagem detetive é “acompanhado” do leitor ao longo da obra, mas sabe da conclusão do caso antes de seu “acompanhante” (REIMÃO, 1983; MASSI, 2011). Ou seja, apesar de “receber” as pistas junto do protagonista o leitor não teria a capacidade final de solucionar o caso, sendo este aspecto apresentado pelo investigador. Assim, no trecho acima, o leitor recebe a informação (sobre o filme) ao mesmo tempo em que o detetive. Mas, ao contrário de Myron, para o público é possível saber que a informação advém do narrador (autor), ultrapassando – de certa forma – o protagonista.

No segundo caso, para compreender a referência exata que o escritor realiza no trecho exposto, é necessário que os leitores tenham conhecimento prévio do livro e do filme em questão como sendo de autoria e produção de Harlan Coben. No entanto, podemos considerar que, como a passagem no texto é rápida, mesmo o público que tem conhecimento da referência realizada pode ‘passar despercebido’. Assim, entra a importância da cultura participativa e da inteligência coletiva (JENKINS, 2009) que discutiremos mais adiante.

---

<sup>137</sup> O *trailer* do filme, no qual é possível perceber breve participação de Harlan Coben como figurante do longa-metragem, está disponível na plataforma do *YouTube*, no seguinte *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=MvvY1M8vjzI>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

<sup>138</sup> Na tradução para o português brasileiro sob o título “Não Conte a Ninguém” (2009).

<sup>139</sup> Alguns portais de notícias já pautaram o interesse da mídia norte-americana em produzir uma versão de *Hollywood* do mesmo filme (OMELETE, 2011; DEADLINE, 2014), baseado no livro do autor, porém até 2017 não há informações acerca do início dessa produção.

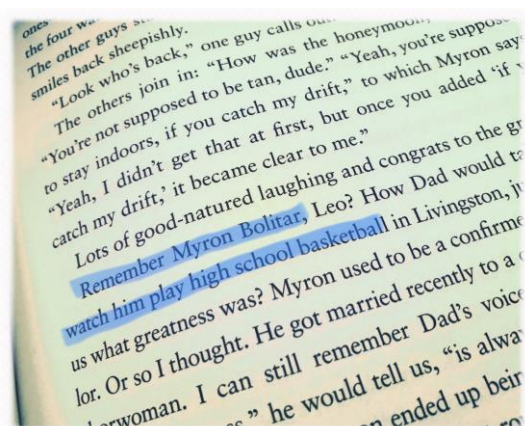
A citação abaixo, retirada de uma das obras de enredo único de Harlan Coben, *Cilada* (2010), demonstra por meio do personagem Windsor Horne Lockwood III (Win) –, que auxilia em breve passagem a protagonista do livro na investigação de um caso – a organização transmidiática, das narrativas de Coben. O trecho é narrado em terceira pessoa:

[...] Win era rico. Muito rico mesmo. Só para se ter uma ideia, o nome completo dele era Windsor Horne Lockwood III e seu escritório ficava na esquina da *Park Avenue* com a Rua 46, num arranha-céu chamado Edifício *Lock-Horne*. [...] Win ficou de pé do outro lado da mesa. Era um homem extremamente bonito, apesar de não ser o tipo de Wendy [protagonista do livro]. Tinha cachos louros, feições delicadas e aquela atitude de quem sabe que é bonito, mas havia ali uma força contida, uma frieza glacial no azul dos olhos, um golpe mortal escondido na quase imobilidade do corpo. (COBEN, 2010, p. 238-239).

Myron e Win também aparecem como coadjuvantes em obras de enredo único de Harlan Coben, como nos livros: *Não Conte a Ninguém* (2009), *Cilada* (2010) e *Não Fale com Estranhos* (2016)<sup>140</sup>. A série *The Five*, produção televisiva, também contém referência à série literária “Myron Bolitar”, através da menção do Edifício *Lock-Horne*, de propriedade de Win, onde fica a MB representações esportivas. A Figura 7 reproduz uma fotografia postada pelo autor Harlan Coben em sua rede social, sob a legenda: “[...] Para os leitores de Myron, aqui está uma página de *Don’t Let Go*, vocês podem se interessar”<sup>141</sup> (TWITTER, 2017); é mais uma situação em que o personagem Myron aparece em obra de enredo único do autor, o livro *Don’t Let Go*, lançado em setembro de 2017, por meio da qual o leitor é informado do casamento do personagem: “[...] Ele se casou recentemente...” (2017, s.p.).

<sup>140</sup> Títulos originais respectivamente: *Tell No One* (2001), *Caught* (2010) e *The Stranger* (2015).

<sup>141</sup> Tradução do original: “[...] For the Myron reader, here’s a page from *Don’t Let Go* you might find intriguing”. (TWITTER, 29 de set. 2017). Disponível em: < <https://twitter.com/HarlanCoben>>. Acesso em: 23 de nov. 2017.



Salientamos que a narrativa transmídia ainda não está consolidada nas produções de Coben, pois dificilmente é fragmentada entre diferentes plataformas. Não existe, por exemplo, uma adaptação televisiva ou cinematográfica da série “Myron Bolitar” que possa conter histórias que os leitores da série desconheçam. A transmídia – ou seja, a possibilidade de um mesmo conteúdo ter suas partes dispersas entre diferentes plataformas midiáticas, necessitando de um consumidor que deseje coletar tais informações (JENKINS, 2009) –, no caso analisado, se encontra em estágio embrionário, através da inserção de personagens ou menção aos mesmos em outros enredos produzidos pelo escritor. Portanto, podemos pensar que o fator transmidiático é organizado em torno de toda a produção de Coben, ao contrário de ser restrito à série “Myron Bolitar”.

Em relação a esta, o exemplo mais concreto de narrativa transmídia pode ser verificado na inserção do personagem Mickey Bolitar, sobrinho de Myron, no décimo livro da série, *Alta Tensão* (2011). Neste caso Mickey aparece como secundário, mas depois protagonizará a série voltada para o público adolescente de Coben e assim, Myron passa a ser coadjuvante da série do garoto, pois o sobrinho mora com ele<sup>142</sup>. Os três livros da série de

<sup>142</sup> A série “Mickey Bolitar”, também romance policial, é composta, até 2017, de três livros: *Refúgio* (2012 – publicação original: *Shelter*, 2011), *Uma Questão de Segundos* (2013 – publicação original: *Seconds Away*, 2012) e *A Toda Prova* (2015 – publicação original: *Found*, 2014). Como o autor representa em suas obras o período cronológico de acordo com o intervalo de suas publicações, como apresentado em capítulos anteriores, a história de

Mickey são representados em uma cronologia que parte dos acontecimentos do livro *Alta Tensão* e da mesma maneira, quando o livro *Home* (2016) é publicado, 11º da série “Myron Bolitar”, a história parte dos acontecimentos de “A Toda Prova” (2015) – último livro da série “Mickey Bolitar” –. Mickey e seus amigos auxiliam Myron na investigação do romance policial, de modo que a personagem Ema (amiga de Mickey), tem relevância no final desta história.

Dessa maneira, o aspecto transmidiático das obras de Coben gira em torno dos personagens representados e de algumas referências de cenário, pautadas na região que o autor escolhe descrever, principalmente o estado norte-americano de Nova Jersey<sup>143</sup>. Os personagens estabelecem conexão entre as histórias seriais e originais escritas por Harlan Coben e, mesmo que não sejam relevantes para a compreensão da trama principal dos enredos, exigem do público a ação de caçadores das referências, as quais são motivo de discussão nas redes sociais de fãs, como verificado na página do *Facebook* de fãs da série, @SérieMyronBolitar<sup>144</sup>:

[...] [leitor (a) a] A gente sabe que é fã quando em algum outro livro do Harlan ele faz alguma referência da série Myron, por exemplo, estou lendo que falta você me faz<sup>145</sup> e o personagem está indo no *Lock-Horne Investments and Securities* e aí você fica animada lendo! ♥

[leitor (a) b comenta] existem diversas referências em outros livros também!

[leitor (a) b] Tem outro que ele menciona a advogada Hester<sup>146</sup>!!!

---

Mickey Bolitar postula detalhes sobre a continuidade da vida de Myron após o décimo livro da série, *Alta Tensão* (2011). Portanto, para compreender características de evolução do personagem Myron no 11º livro, “*Home*”, ler a série de Mickey é necessário.

<sup>143</sup> Salientamos, contudo, que mais exemplos de aparição dos personagens podem ser localizados entre as produções de Coben, tanto relacionados a série “Myron Bolitar” quanto a demais enredos visuais e literários, mas a demanda de análise abarcaria todo o conteúdo produzido pelo autor, incompatível com o período de desenvolvimento desta pesquisa. Deixamos como sugestão esta abordagem.

<sup>144</sup> Os seguintes *links* da página, são exemplo das postagens realizadas pelos leitores da série:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1241558432535692&set=o.382310058507563&type=3&theater>>

e <<https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/photos/a.386302768108292.87716.382310058507563/1665712996833923/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

<sup>145</sup> Livro *Que Falta Você me Faz*, uma história de enredo único de Harlan Coben, publicado originalmente em 2014 e traduzido para a edição brasileira em 2015. Este romance policial narra a investigação da detetive Kat Donovan sobre desaparecimentos em um *site* de relacionamentos, assim como as circunstâncias da morte do pai da personagem.

<sup>146</sup> Ver glossário.

[leitor (a) a] A Hester aparece em vários, tanto do Myron quanto independentes!! (FACEBOOK, 20 de set. de 2016)<sup>147</sup>.

Podemos considerar a configuração serializada das obras de Coben como característica que potencializa a organização de referências e desdobramentos transmidiáticos, com a intenção de levar a lealdade do leitor da obra para outro patamar. Ou seja, o leitor realmente engajado não é aquele que leu a série completa, mas aquele que percorreu todas as demais mídias em que partes das histórias contadas pelo escritor se cruzavam.

[...] a narrativa transmídia baseia-se em um esforço duradouro para intensificar a serialização. [...] desde o começo o entretenimento serializado foi adotado para exigir um leitor comprometido e engajado, que pudesse acompanhar cada novo episódio e fazer *links* entre os segmentos de informações dispersas pelo desdobramento da narrativa. (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 173).

Isso se deve, pois, à lógica comercial do mercado editorial, que, para fidelizar um leitor em período de informações rápidas e consumo imediato, requer habilidade tanto do autor quanto da equipe de publicação, o que pode justificar o interesse das editoras e da indústria cinematográfica<sup>148</sup> nos enredos de romance policial, devido à capacidade de ‘imersão do leitor’, como Coben descreve (YOUTUBE, 2016d) e à velocidade com a qual se chega ao fim das narrativas. No Brasil, por exemplo, em pesquisa conduzida pelo Instituto Pró-Livro (2016), publicada em 2016 – referente ao ano de 2015 –, 13% dos entrevistados declararam que a principal barreira para não ler era a falta de paciência e 32% justificaram através da falta de tempo (IPL, 2016).

Seguindo com os componentes da tríade que apresentamos no início do capítulo, a inteligência coletiva emerge para Jenkins (2009) enquanto um saber construído coletivamente pelas comunidades de conhecimento, nas quais “[...] nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma

<sup>147</sup>

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/groups/seriemyronbolitar/permalink/1119808018101939/>>. Acesso em: 17 set. de 2017.

<sup>148</sup> Por exemplo, o personagem Sherlock Holmes teve, nos últimos dez anos, duas adaptações cinematográficas, em 2009 e 2011; a série de televisão *Sherlock* foi lançada em 2010 e outra série *Elementary* (uma releitura contemporânea do personagem) foi lançada em 2012. O livro *Assassinato no Expresso do Oriente* (1934) de Agatha Christie, também foi lançado em sua versão cinematográfica, em novembro de 2017.

coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades” (JENKINS, 2009, p. 30). Verificamos esse processo de construção coletiva de conhecimento através das páginas de discussão na internet dos leitores/fãs das obras de Coben em uma perspectiva geral, não somente voltados à série “Myron Bolitar”. Pierre Lévy (2010) salienta que o ciberespaço é um ambiente propício para o desenvolvimento da inteligência coletiva, devido a seu caráter interativo e comunitário, do mesmo modo que a inteligência coletiva, promotora de interações, colabora para o desenvolvimento do ciberespaço.

As redes sociais, enquanto “intermediários altamente populares”, são mídias alçadas à capacidade de promover reações do público e cada vez mais respeitadas pelos produtores de mídia (JENKINS, GREEN e FORD, 2014). Portanto, no caso analisado, ao acompanharmos as publicações da página de fãs no *Facebook*, a @SérieMyronBolitar<sup>149</sup>, apreendemos a mobilização do grupo em promover diariamente postagens e discussões relacionadas não somente à série “Myron Bolitar”, como fonte que dá nome à página da rede social, mas também com publicações relacionadas a outras obras escritas por Harlan Coben, a vida pessoal do escritor ou obras do gênero romance policial, com as de autoria do escritor Dan Brown. Criada em agosto de 2012, a página, através de seus moderadores, informa aos membros acerca das curiosidades, por exemplo: “[...] Você sabia: “Não Conte a Ninguém” foi lançado em 2001 oficialmente. Teve sua primeira edição lançado no Brasil em 2003 pela editora ARX. A segunda edição lançada [ARX] em 2006, [e] pela editora Sextante em 2009”<sup>150</sup> (FACEBOOK, 2017).

Por meio da interação, portanto, o grupo constrói uma rede de informações acerca da obra, discutindo os primeiros aspectos transmidiáticos das narrativas, informando sobre os próximos lançamentos, manifestando suas preferências acerca dos personagens da série literária, como no caso exposto no capítulo anterior sobre Myron e Win (*team* basquete versus *team*

<sup>149</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/>>. Acesso em: 25 nov. de 2017.

<sup>150</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/photos/a.386302768108292.87716.382310058507563/1680620895343133/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 nov. de 2017.



golfe), sugerindo possíveis intérpretes dos personagens caso ocorram adaptações fílmicas ou televisivas, entre outros tópicos.

Na lógica da propagabilidade descrita por Jenkins, Green e Ford (2014), a organização dos fãs em rede, neste caso, está relacionada aos conteúdos de nicho, pois permite que o público leitor manifeste este *hobby*, ou particularidade que os distingue, enquanto os conteúdos de mídia de massa fornecem pontos em comum de discussão, que alcançam um grande volume de indivíduos. Isto é, só tem autoridade para falar sobre as produções literárias e televisivas de Coben quem leu e/ou assistiu às publicações e produções de Coben.

Outro exemplo pode ser localizado nas páginas em redes sociais que utilizamos para a análise do público, pois tanto a “Série Myron Bolitar/Harlan Coben”, quanto a “*Fans of Myron Bolitar, Windsor Horne Lockwood III, and Harlan Coben*”, tratam da discussão de grupos interessados nas obras do escritor, mas o primeiro é um grupo fechado, ou seja, depende que o(a) administrador(a) da página aceite a solicitação de participação do interessado; já o segundo, é um grupo aberto ao público.

Sobre o assunto, Jenkins, Green e Ford (2014) ainda reforçam que: “[...] O conteúdo de mídia de massa muitas vezes ajuda-nos a ‘ser amigáveis’, enquanto o conteúdo de mídia de nicho nos ajuda a encontrar ‘melhores amigos’” (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 296). Isto posto, atingimos o ponto que discute a relação entre o público e o escritor Harlan Coben, fator que compreendemos através da cultura participativa. Para Jenkins (2009), a cultura participativa na era da cultura da convergência considera produtores e consumidores de mídia que interagem entre si, sob uma perspectiva de colaboração, distinta da lógica anterior, baseada na rivalidade sobre a apropriação de conteúdo entre público e produtor (JENKINS, 2009).

Candido (2014) estabelece que “[...] a arte pressupõe um indivíduo que assume a iniciativa da obra” (CANDIDO, 2014, p.36) e este é o autor. Acreditamos, no entanto, que Harlan Coben, enquanto indivíduo que assume a iniciativa da obra, ao produzi-la e lançá-la no mercado global de livros, também adota a ação de reassumi-la por meio de dois momentos: 1) quando

adere a ações de relação com o público voltadas à lógica convergente de relacionamentos (produtor-consumidor); e 2) quando configura o personagem através de uma série de livros, de várias histórias, que permitem a evolução de caracterização da principal figura dramática, assim como de outros personagens recorrentes. Dessa maneira, o autor pode escolher responder artisticamente, não somente por meio de interações *ciberespaciais*, as inquietações oriundas da recepção do público que acompanha seu trabalho.

Contudo, em nossa análise das obras da série “Myron Bolitar”, combinadas às fontes que demonstram a recepção do público leitor e das redes sociais do escritor – através da leitura dos comentários de fãs nas postagens que tematizavam a série “Myron Bolitar” no *Facebook* e no *Twitter* – foi possível perceber a predominância de reações a determinados trechos de livros ou das séries televisivas que o autor vem produzindo, priorizando elogios e especulações sobre o desenvolvimento dos personagens da série. Sendo assim, Harlan Coben opta por não responder artisticamente às inquietações que recebe do público, restringindo possíveis réplicas às mídias sociais.

Abaixo, representamos alguns trechos das postagens que o autor realiza em sua rede social *Twitter*: a) “Para os gentis leitores de Myron e Win, leiam o capítulo um e vejam o que eles fizeram”<sup>151</sup> (TWITTER, 20 jul. 2016, tradução nossa) e na sequência disponibiliza o *link* que contém somente o capítulo um do livro *Home* (2016) para acesso dos leitores, um ponto de acesso transmídia para o livro completo; b) “Em *Dropshot* um romance de Myron que eu publiquei em 1996, Moët<sup>152</sup> era [US] \$7,50 um copo. Hoje? [US] \$25. #USOpen2016 #oldman #getoffmylawn”<sup>153</sup> (TWITTER, 30 ago. 2016, tradução nossa); e c) “O *book trailer* de *Home*. Myron e Win estão de volta. [...] via @youtube”<sup>154</sup> (TWITTER, 5 out. 2016, tradução nossa).

<sup>151</sup> Tradução do original: “For you kind readers who miss Myron and Win, read chapter one of *HOME* and see what they’ve been up to: <http://penguinecards.com/Home-excerpt-final.pdf?ref=PRH8F4C45C6810D> ...” (TWITTER, 2016).

<sup>152</sup> Em referência ao champanhe da produtora *Moët e Chandon*.

<sup>153</sup> Tradução do original: “In *DROPSHOT*, a Myron novel I released in 1996, Moët was \$7.50 a glass. Today? \$25 #USOpen2016 #oldman #getoffmylawn”. (TWITTER, 2016).

<sup>154</sup> Tradução do original: “The book trailer for *HOME*. Myron and Win are back. <http://www.youtube.com/watch?v=IC827UuVa10&sns=tw> ... via @youtube” (TWITTER, 2016).

Na citação *a*, o autor disponibiliza em sua rede social o primeiro capítulo do livro *Home* (2016), 11º da série “Myron Bolitar”, antes da publicação oficial da obra completa, de modo a despertar a curiosidade do público, aumentando a expectativa para o lançamento; na citação *b*, Harlan expõe uma referência a um trecho do segundo livro da série “Myron Bolitar”, *Jogada Mortal* (2012): “[...] A garota estava caída de cara no chão em frente a uma barraca que servia champanhe a 7,50 dólares a taça” (COBEN, 2012a, p. 13); na citação *c*, o autor anuncia o *book trailer*<sup>155</sup> do livro *Home*, de modo a gerar publicidade visual em torno da obra, este mais um ponto de acesso para o romance policial publicado em 2016.

Abrimos um breve parêntese na discussão para elucidar a dimensão de recepção alcançada pelo personagem Win, melhor amigo do protagonista Bolitar, pois, como nota-se pelas passagens citadas nos parágrafos anteriores, quando referidos à série analisada, são utilizados os personagens “Myron e Win” nas frases. Isso se deve à identificação do público com o personagem, de modo que a série “Myron Bolitar”, pode ser referenciada como “Myron e Win”, como ocorre nas postagens publicadas nas páginas de fãs analisadas. Tal aspecto corrobora a perspectiva de que os personagens são complementares em suas personalidades, assumindo semelhanças com o romance gótico *O Médico e o Monstro*<sup>156</sup> (1886), de Robert Louis Stevenson, que representa transtornos de personalidade e um mesmo personagem assume características boas e más, em perspectiva extrema. Portanto, não é possível pensar em sequências para a série literária sem a aparição de Win.

Voltando à análise convergente de autor, obra e público, notamos que as postagens de Coben tem sim o cunho comercial, porque o escritor vive de vender livros, mas isso se dá de forma a valorizar a participação dos consumidores, ou seja, o público leitor, já que amplia a experiência ao redor da literatura, como o caso da disponibilização do primeiro capítulo *online* como uma experiência autorizada. Ou seja, o leitor interessado na obra não

---

<sup>155</sup> Recurso que é utilizado pelas editoras, no qual passagens do enredo da obra a ser lançada promovem um vislumbre visual do livro, acompanhado de trilha sonora, semelhante às produções de *trailers* de cinema.

<sup>156</sup> Título original: *Stranger Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

se utiliza de recursos ilícitos para conseguir o material de leitura, este lhe é concedido pelos detentores do conteúdo. Há, por conseguinte, a expansão dos pontos de contato entre leitor, obra e autor. Assim:

[...] nesse processo, ele também fornece a base econômica para a produção de novos tipos de textos, permitindo que o público explore de forma mais completa as ficções favoritas e vá mais fundo nas histórias que interessam a ele. (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 172).

Outro exemplo que caracteriza nossa hipótese é a atenção que o autor delega ao público, pois, em suas redes sociais, ele procura responder aos comentários que recebe, como no caso em que um grupo de fãs brasileiros lhe enviou o seguinte recado: “Primeiro clube do livro de obras suas [de Harlan] aqui no Rio, é sempre maravilhoso falar sobre seus livros”; ao que o autor respondeu, em referência a imagem do grupo que acompanhava a publicação e postou um recado: “Vocês todos parecem bonitos e espertos” (FACEBOOK, 21 de out. de 2017). Podemos considerar o comentário como objetivo, mas do ponto de vista da convergência, o autor interagiu com o público, mesmo à distância (facilitado pela rede social), fato que não aconteceria fora da perspectiva da convergência.

Admitimos que a estrutura fechada que consiste a produção de um romance policial pode ser uma justificativa para o autor manter seu relacionamento com o público restrito às mídias sociais, pois relembramos que as modificações que realiza em relação ao gênero são direcionadas às temáticas que aborda ou à modificação do foco sobre a *performance* do detetive para a investigação. Deste modo, o público – em suas variadas possibilidades de apropriação das histórias de Coben –, cria as *fanfictions* da série “Myron Bolitar” e assume assim, a responsabilidade por modificações temáticas ou de características que deseja no enredo, não repercutindo sobre a série oficial, apenas utilizando desta como aporte estrutural para suas próprias criações. Para Thomas (2011):

[...] O termo *fanfiction* (às vezes abreviado como *fanfic*) refere-se a histórias produzidas por fãs com base em linhas de plotagem e caracteres de um único texto fonte ou então um “cânone” de obras; Essas narrativas criadas por fãs muitas vezes levam o mundo da

história pré-existente em uma direção nova, às vezes bizarra. Embora as atividades dos fãs possam assumir muitas formas, a escrita de histórias derivadas de um ou mais textos fonte tem sido a maneira mais popular de concretizar e divulgar sua paixão por um universo de ficção particular. (THOMAS, 2011, p. 1, tradução nossa<sup>157</sup>).

As fanfics então, como o termo designa, são ficções criadas por fãs, disponibilizadas em ambiente digital (*online*), cuja história está baseada em ideia original do fanwriter (fã que escreve a história) e segundo D'Oliveira e Romanelli (2013, p. 2) “[...] as *fanfics* vêm se mostrando uma forma de expressão tanto do fã quanto dessa nova geração de leitores criada pela era da transmídia – o leitor interativo”. Contudo, de acordo com as mesmas autoras, o grau de apropriação das obras originais pode variar e compreender todo o contexto do enredo base ou apenas um personagem (D'OLIVEIRA e ROMANELLI, 2013).

Sobre as especificações que as histórias de fãs podem conter, D'Oliveira e Romanelli (2013) estabelecem duas possíveis manifestações: a) as *fanfics cannon*, que são as histórias que tentam ser o mais fiéis possíveis ao enredo original, sem configurar cópia, mantendo personagens e suas personalidades, períodos cronológicos e eventos como designado pelo autor da obra base e, portanto, partem da história inspiradora; e b) as *fanfics fannon*, que partem de um desprendimento da obra inspiradora, permitindo ao fã escritor criar personalidades, locais e outros contextos para os personagens originais.

No caso de *fanfics (fic)* baseadas na série “Myron Bolitar”, localizamos dois fóruns virtuais internacionais (EUA) de *fanfictions* que contém histórias relacionadas à série em questão. No primeiro *fandom*<sup>158</sup>, denominado “Archive of Our Own” (AOO – Arquivo Próprio), encontramos sete histórias de fãs publicadas e, no segundo, intitulado “*Fanfic.net*”, encontramos oito

<sup>157</sup> Tradução do original: “[...] *The term fanfiction (sometimes abbreviated as fanfic) refers to stories produced by fans based on plot lines and characters from either a single source text or else a “canon” of works; these fan-created narratives often take the pre-existing storyworld in a new, sometimes bizarre, direction. While the activities of fans may take many forms, writing stories deriving from one or more source texts has long been the most popular way of concretizing and disseminating their passion for a particular fictional universe*”. (THOMAS, 2011, p. 1).

<sup>158</sup> *Fandom* é a abreviação, em inglês, dos termos “*Fan Kingdom*” (Reino dos Fãs) e consiste em “[...] grupo de pessoas que são fãs de determinada coisa em comum, como um seriado de televisão, uma música, artista, filme, livro e etc.”. (SIGNIFICADO.COM, s.d. b).

histórias. Ao ler as fanfics de cada site, inferimos que as histórias podem ser configuradas de acordo com os dois tipos de manifestações propostos por D'Oliveira e Romanelli (2013), pois estão relacionadas à preferência do fã escritor.

A juventude de Myron e Win se apresenta como tema recorrente entre as *fanfics* analisadas, de modo que podemos considerar a prevalência das *fanfics cannon*, pois dificilmente os leitores-escritores alteram designações de cenário ou personalidade estabelecidas por Coben. De fato, quando alterações ocorrem, estas estão relacionadas a inserção de personagens criados pelos fãs, que então interagem com os personagens base. A Tabela 3 demonstra o diagnóstico sobre as histórias publicadas nos respectivos *fandoms*, a partir da década de 2010, período mais próximo às últimas publicações oficiais da série “Myron Bolitar”.

TABELA 3 – DIAGNÓSTICO DE FANFICS BASEADAS NA SÉRIE “MYRON BOLITAR” NOS FANDOMS “ARCHIVE OF OUR OWN” E “FANFIC.NET”

IDIOMA EM QUE FOI ESCRITO	TÍTULO ORIGINAL	FANDOM ARCHIVE OF OUR OWN (AOO) OU FANFIC.NET (FN)	NÚMERO DE CAPÍTULOS	DATA DE CRIAÇÃO DA FANFIC
Inglês	Gratuitous French (and a Nickelback Song)	AOO	1	Mai/2017
Inglês	Love Is Fleeting, But Good Sex Lasts Forever (If You Get It On Tape)	AOO	1	Mai/2012
Inglês	A valuable lesson	AOO	1	Fev/2012
Inglês	A good Guy	AOO	1	Fev/2012
Inglês	To Eartha Kitt, thanks for everything, Myron Bolitar	AOO	1	DEZ/2011
Inglês	Paranoia (It's a Way of Life)	AOO	1	Out/2011
Inglês	Pre-Game Sex	AOO	1	Out/2011
Inglês	A Helpful Win	FN	4	Abr/2014
Inglês	For Friends	FN	7	Jul/2013
Inglês	My Touch	FN	2	Fev/2013
Inglês	The Whore	FN	2	Jul/2012
Inglês	Puttin' on the Ritz	FN	2	Mai/2011
Francês	Convalescence	FN	1	Mai/2011
Francês	À flux tendu	FN	1	Abr/2011
Inglês	One Without the Other	FN	1	Jun/2010

FONTE: a autora (2017).

Nos *fandoms* em que as *fanfics* são publicadas há a disponibilidade para que os leitores destas manifestem suas opiniões sobre a obra do fã, através de uma sessão de comentários. Porém, como demonstra a Tabela 3, a maioria das *fanfics* são compostas por um ou dois capítulos, de modo que os comentários pautam então a impressão que os outros fãs tiveram da história, não interferindo no enredo, assim como no caso da interação entre Coben e seus leitores. Inferimos então que a “*ciberarte*”, conforme descrita por Lévy (2010), não pode ser atribuída a este caso, pois “[...] Uma das características mais constantes da ciberarte é a participação nas obras daqueles que as provam, interpretam, provam ou leem” (LÉVY, 2010, p. 138) em uma coprodução artística.

Como por exemplo, o seguinte comentário sobre a *fic* “*To Eartha Kitt, thanks for everything, Myron Bolitar*”: “[...] WHEEEEEEE! É *fic* do Myron! É uma *fic* do Myron e do Win, até mesmo com a voz perfeita do Myron – o espírito seco, o autoconhecimento, as referências a Batman...” (AOO, 25 de dez. 2011, tradução nossa<sup>159</sup>), ao qual o fã-escritor respondeu: “[...] Olá! Tão feliz que você gostou e obrigado por seu adorável comentário. [...] é um crime que não tenham mais *fic* sobre eles, não concorda? Definitivamente precisamos de mais” (AOO, 02 de jan. de 2012, tradução nossa<sup>160</sup>).

Há, contudo, a não repercussão das histórias de fãs relacionadas à série entre os leitores-fãs que participam dos grupos de discussão do *Facebook* analisados, pois não encontramos nenhuma publicação referente às *fanfics* nessas páginas. Isso também parece ser o caso do escritor, Harlan Coben, pois, ao procurar em suas redes sociais (*Twitter*, *Facebook* e *Instagram*), nenhuma menção às histórias foi encontrada.

Nesse sentido, entendemos que a relação entre leitores e o escritor está baseada na relação de admiração dos consumidores ao produtor, uma vez que as postagens nas redes sociais analisadas refletem leitores que

<sup>159</sup> Tradução do original: “[...] WHEEEEEEE! It's Myron fic! It's Myron and Win fic, even, with a pitch perfect Myron voice - the dry wit, the self-knowledge, the Batman references...”. (AOO, 25 dez. 2011).

<sup>160</sup> Tradução do original: “[...] Hi there! So glad you enjoyed, and thanks for your lovely comment. [...] It's a crime there isn't more fic about them, amirite? More fic definitely needed”. (AOO, 02 jan. 2012).

mostram suas coleções dos livros de autoria de Harlan Coben, informações sobre novas publicações literárias, possíveis adaptações visuais das histórias – com demasiada expectativa sobre a série “Myron Bolitar” – declarações de amor ou entusiasmo por personagens e conteúdos sobre as séries televisivas que o escritor produz. Este é, portanto, o tipo de reação que os fãs da série “Myron Bolitar” manifestam.

Da mesma maneira, podemos afirmar, pautados nas publicações em redes sociais digitais, que as manifestações do público acerca dos esportes como temática representada na série literária, são escassas, de modo a legitimar nossa hipótese de que o leitor está mais interessado na trama principal do romance policial e, deste modo, não se detém a questionar sobre as concepções esportivas transpostas para o texto da obra. Através da verossimilhança, o escritor estipula um esporte-ficção capaz de suprir as necessidades do leitor sobre a temática.

Como Jenkins (2009) afirma, a convergência remodela a relação entre públicos, produtores e conteúdos de mídia e podemos perceber a alteração das relações entre autor e público sendo modificadas ao redor da literatura. Percebemos que Harlan Coben se apropria das possibilidades atuais de relações com o público, interagindo com o mesmo, por meio das novas mídias – as redes sociais, *blogs* e *sites* oficiais, de modo a potencializar o fator recepção em obras futuras. Porém, sua interação com leitores não pode ser considerada completamente convergente, pois o público não contribui artisticamente para o desenrolar da série ou de demais obras do autor. O conteúdo literário, por sua vez, apesar de ser composto através de mais pontos de acesso para o leitor – em relação às possibilidades de décadas anteriores –, ainda é um conteúdo específico, de nicho, que requer uma comunidade de conhecimento ativa, capaz de exercer efetivamente a inteligência coletiva e a cultura participativa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar de cada capítulo desta dissertação procuramos avançar em direção à demonstração de como o esporte pode ser analisado em obras de ficção, constituindo conteúdo profícuo e possível de ser abordado nas pesquisas de programas de pós-graduação em Educação Física, assim como trabalhos de conclusão de curso da área e artigos científicos. Deste modo, buscamos avançar na direção de um rompimento – apesar da dificuldade apontada por Lippman (2008) para este tipo de situação – com o estereótipo de que “quem é da Educação Física não lê”.

Neste caso, utilizamos como fonte a série literária “Myron Bolitar”, escrita por Harlan Coben, que já foi traduzida para mais de quarenta países e que, no Brasil, já vendeu mais de um milhão de cópias. Acreditamos na qualidade literária da série, reconhecida pelos prêmios que o autor recebeu – Prêmio *Shamus*, Prêmio Edgar Allan Poe e Prêmio *Anthony* – e na capacidade de atingir o público, para que esta viesse a ser o escopo dessa pesquisa.

Ao partir da proposição analítica de Antonio Candido (2014), acerca do texto e contexto e como estes estão imbricados nas obras, observamos como o esporte é inserido por Harlan Coben em suas produções literárias, do mesmo modo que acompanhamos as manifestações do público acerca das publicações do autor, especialmente as opiniões sobre a série “Myron Bolitar”. Diante disso, afirmamos que a autonomia artística do escritor (CANDIDO, 2014) orienta todo o desenvolvimento obra, através de escolhas constantes para a constituição dos romances.

Enquanto romance policial, a série “Myron Bolitar” conflui com a organização estrutural e tradicional do gênero, referenciado por Edgar Allan Poe e seu detetive Auguste Dupin, explorando nas tramas a tríade criminoso-vítima-detetive (REIMÃO, 1983; MASSI, 2011), pois, sem esta, a investigação, que percorre toda a narrativa policial, não existiria. Do mesmo modo, dada a contemporaneidade da obra, identificamos aquilo que Massi (2011) pondera acerca da modificação temática dos romances policiais em relação a seus pares clássicos e em conformidade, Coben aborda nos seus

enredos situações de abuso de drogas, ataques terroristas, corrupção, entre outros.

Outra adaptação que Coben adota para sua produção literária, circunscrita ao gênero policial, é o deslocamento do foco da performance do detetive e todos os passos realizados por este, para o foco na investigação. Isto permite, então, a admissão de uma equipe de investigação, que é composta, neste caso, pelos personagens Windsor Horne Lockwood III (Win), Esperanza Dias e em algumas ocasiões, Big Cindy. Cada qual, tem uma especialidade designada pelo autor e necessária ao desenvolvimento da investigação, quais sejam: o dinheiro e habilidades de combate de Win, a sagacidade e disponibilidade de Esperanza e a imposição de presença de Big Cindy.

Harlan Coben é, portanto, um escritor de seu tempo, pois, como declarou em entrevista (YOUTUBE, 2016a), procura discorrer em suas obras sobre temas com os quais tem proximidade, o que julgamos justificar a abordagem de preocupações sociais atuais, de modo a configurar a série “Myron Bolitar” como um romance policial de suspense, narrado sempre em tempo presente. Neste sentido, o protagonista Myron adquire nuances de vulnerabilidade, sempre em dificuldade nos relacionamentos com as mulheres e em combates corpo a corpo, assim como assume a posição de suspeito (para a polícia) em determinados enredos.

A delimitação de romance policial assumida pelo autor influi sobre a organização textual das obras da série, de modo que a representação do esporte está sujeita às exigências de organização específicas do gênero. O protagonista Myron Bolitar assume ao longo das dez obras analisadas a profissão de agente esportivo em concomitância com as investigações que realiza, sendo que, nas primeiras obras, os crimes têm relação direta com os clientes agenciados, mas a série perde esta característica a partir da quinta obra “Um Passo em Falso” (2014).

Notamos, então, a necessidade no enredo de estabelecer o protagonista como um *detetive profissional*, que se dedica exclusivamente à resolução dos casos que investiga, porém, isto só é claramente atribuído ao personagem Myron ao findar do décimo livro, *Alta Tensão* (2011), uma vez

que até o momento ele deixava o agenciamento de atletas a cargo de sua sócia, Esperanza, mas tinha de reestabelecer os negócios que sempre eram prejudicados por sua ausência. Quando o protagonista e sua sócia vendem a empresa, Myron pode, efetivamente, assumir a condição exclusiva de detetive.

A temática esportiva, portanto, configura-se como um dos temas contemporâneos nos quais o escritor viu a possibilidade de abordagem ficcional. Sendo assim, os agentes do campo esportivo tornam-se personagens de ficção, assim como espaços geográficos relacionados ao esporte são transpostos para a narrativa (CANDIDO, 2014). Os atletas assumem o papel de criminosos, cuja ação contraventora permanece oculta até o fim das narrativas. Ao longo destas, no entanto, os jogadores e jogadoras assumem características verossimilhantes com seus pares contextuais (CANDIDO, 2014), mas lembramos que não deixam de ser figuras dramáticas.

Ainda sobre a representação de atletas nas obras, estes têm como coadjuvantes atletas do *mundo real* (COMPAGNON, 2014), tais como Michael Jordan, Andre Agassi, Magic Johnson, Larry Bird, O. J. Simpson, entre outros, que se tornam personagens dos enredos, assim como empresas de produtos esportivos de repercussão internacional, que podem ser reconhecidas pelos leitores de outros países.

Consideramos Harlan Coben um apreciador do esporte, disposto a representar elementos do campo esportivo na série “Myron Bolitar”. Para tal, elenca modalidades que lhe são mais familiares, tais como: futebol americano, golfe, tênis e basquete; do mesmo modo que representa modalidades em voga no período em que suas obras são publicadas, 1995 a 2011, sejam elas o taekwondo e a luta livre, esta enquanto um *show* com começo, meio e fim. A metáfora, enquanto recurso linguístico, explicita o esporte moderno durante toda a série analisada, porém requer do leitor perspicácia referente ao *ethos* esportivo para que compreenda a intenção do autor, mesmo que este seja um recurso para que o público entenda com mais rapidez sua descrição das cenas.

Contudo, a autonomia literária de Coben com relação ao campo esportivo restringe-se ao plano da representação de algumas modalidades esportivas, muitas vezes sem aprofundamento. Deste modo, destacamos que a concepção de esporte retratada na série repousa sobre o esporte-espetáculo, pois transpõe para o enredo a abordagem mercadológica sobre o esporte, destacando produtos de marcas específicas e contratos publicitários como grandes oportunidades para personagens-atletas; cobertura midiática ao redor das modalidades retratadas; e apelo emocional quando da descrição de eventos, como o jogo de basquete de Brenda e a lesão articular de Myron, por exemplo.

Portanto, como a preocupação central de Coben repousa na tríade do romance policial, criminoso-vítima-detetive, buscando deixar o leitor preso à narrativa de modo a terminar rapidamente o livro – e levando-se em conta a declaração do autor de que sabe o final da história antes mesmo de iniciá-la – o campo esportivo emerge na obra como representação secundária, sendo a base de caracterização do protagonista e de personagens coadjuvantes, assim como de cenários. Porém, inconsistências entre o esporte-ficção e o esporte do contexto de Harlan Coben, são verificadas e assumimos que o esporte da série “Myron Bolitar” é, destarte, uma representação de elementos do campo esportivo contextual transpostos para às narrativas, perpassados por elementos ficcionalizantes, devido à autonomia do escritor.

No que concerne ao público, atentamos que Coben e seus leitores podem ser enquadrados em um processo inicial de convergência, pois, a partir da década de 2010, é possível perceber a maior interação entre os fãs e o escritor, através das redes sociais, assim como a constituição de páginas de discussão de grupos interessados na literatura policial. Do mesmo modo, há o desenvolvimento de conteúdo transmídia relacionado às últimas obras da série literária analisada. Contudo, a interação entre Coben e seu público se restringe ao plano do social, não sendo um instrumento de avaliação ou motivação de alterações artísticas, influenciado pela rigidez exigida no desenvolvimento dos romances policiais.

## GLOSSÁRIO DE PERSONAGENS

**Myron Bolitar** – Myron é o personagem principal da série, cujo sonho era ser jogador profissional de basquetebol no Estados Unidos. Em toda a sua juventude o protagonista treinou para isso, destacando-se na escola local de Livingston (Nova Jersey) e na Universidade *Duke*, no estado da Carolina do Norte. Myron foi selecionado, estreando na *National Basketball Association* (NBA), pelo time do *Boston Celtics*. Porém, na sua estreia, Myron é atingido durante a partida e sofre uma lesão grave no joelho, que o impossibilita de terminar a temporada e, conseqüentemente, de dar continuidade à sua carreira como jogador profissional. Na universidade *Duke*, Myron conhece Windsor Horne Lockwood III (Win), que se torna seu melhor amigo e, juntos, trabalham por um breve período como investigadores para o *Federal Bureau of Investigation* (FBI). Após esse período, Myron conclui sua formação em direito na universidade de Harvard e obtém licença para advogar pelo estado de Nova York, mas acaba utilizando sua experiência no esporte para agenciar atletas. Então ele funda sua empresa, a MB Representações Esportivas. O personagem mantém relação estrita com a família, principalmente os pais, com quem mora até a faixa dos trinta anos. Os irmãos são mencionados esporadicamente ao longo dos livros e destacados no décimo livro da série. A personalidade de Myron é regida por seguir o que pensa ser correto, de acordo com as normas sociais dos Estados Unidos da América.

**Ali Wilder** – Ex-viúva do 11 de setembro, a personagem aparece pela primeira vez no oitavo livro da série, *A Promessa* (2017) e é namorada de Myron até o nono livro da série, quando termina o relacionamento com o protagonista e deixa de aparecer.

**Big Cindy** – Torna-se personagem fixa a partir da metade da série, é a assistente de Myron e Esperanza na MB Representações. É descrita como uma mulher de porte alto e musculosa, pois participava junto com Esperanza das exibições de luta-livre, para a organização mencionada no livro, a Associação Nossas Incríveis Lutadoras. Em alguns momentos ela auxilia o personagem de Myron nas investigações por meio da descoberta de informações, ou acompanhando-o como “segurança”.

**Clip Arnstein** – Personagem que representa um homem dirigente da equipe para a qual Myron é contratado para jogar/realizar investigação no terceiro livro da série, *Sem Deixar Rastros* (2012).

**Danny Clarke** – Personagem dirigente de equipe de futebol americano que aparece no primeiro livro da série, *Quebra de Confiança* (2011).

**Emily Downing** – Ex-namorada de Myron, a personagem aparece no terceiro e sétimo livros da série. No primeiro caso, enquanto Myron investiga o desaparecimento de Greg Downing, uma vez que Emily se casou com o rival de Myron e no enredo havia acabado de se separar do mesmo; no segundo

caso, o do sétimo livro, Emily revela que seu filho mais velho não é filho de Greg e na realidade o verdadeiro pai do garoto (Jeremy) é Myron.

**Esperanza Dias** – É a melhor amiga de Myron. É descrita como uma mulher hispânica, bissexual, que foi lutadora profissional de luta-livre, sob o pseudônimo de “Pequena Pocahontas”. Até o sexto livro da série, Esperanza era assistente de Myron na MB Representações, pois estudava durante a noite para formar-se em Direito, mas após acontecimentos da trama, ela torna-se sócia do personagem na empresa. Esperanza sempre auxilia Myron nas investigações por meio da realização de pesquisas específicas e acompanha-o a locais de seu passado enquanto lutadora.

**Hester Crimstein** – advogada que defende Esperanza quando esta é suspeita de ter assassinado Clu Haid, no sexto livro da série *Detalhe Final* (2015). Esta personagem também aparece em obras de enredo único de Harlan Coben, como em *Cilada* (2010)

**Horty** – Personagem técnico de time universitário de futebol americano. Aparece no primeiro livro da série, *Quebra de Confiança* (2011) e é destacado no enredo como fornecedor de drogas que melhoram o desempenho para jogadores da sua equipe.

**Jack Coldren** – Personagem-atleta que aparece no quarto livro da série, *O Preço da Vitória* (2013), é marido da personagem Linda Coldren. Enquanto jogador de golfe, Jack é retratado em uma fase importante de sua carreira, como competidor entre os favoritos a vencer o Aberto de Golfe dos EUA, competição retratada na obra.

**Jared Mayor** – Personagem gerente de time de beisebol que aparece no sexto livro da série, *Detalhe Final* (2015). Ele é filho da personagem Sophie Mayor.

**Jeremy Downing** – Personagem filho de Emily Downing e Myron Bolitar. Porém, até o sétimo livro da série, *O Medo Mais Profundo*, Myron desconhecia a paternidade do rapaz e pensava que seu rival, Greg Downing, ex-marido de Emily, era o pai. Jeremy aparece pela primeira vez no terceiro livro, *Sem Deixar Rastros*, ainda criança. No sétimo livro é adolescente e do oitavo livro em diante adulto.

**Lex Rider** – Personagem que é uma estrela do rock, agenciado por Myron quando sua empresa passa a também representar artistas. Lex é marido de Suzze T. a ex-tenista.

**Loren Muse** – Personagem investigadora da polícia de Nova Jersey que aparece no sétimo livro da série, *O Medo Mais Profundo* (2016), realizando a investigação principal (desaparecimento de uma garota) pelos órgãos oficiais (polícia) ao mesmo tempo que Myron tenta desvendar o caso por conta própria. A personagem volta a ser mencionada dos demais livros a série após sua primeira aparição, de modo a auxiliar o protagonista com alguma informação que possa lhe ajudar nos outros casos.

**Pavel Menansi** – Personagem técnico de tênis, representante da empresa de agenciamento fictícia rival de Myron, a TruPro. Aparece no segundo livro da série, *Jogada Mortal* (2012).

**Sophie Mayor** – Personagem gerente de time de beisebol que aparece no sexto livro da série, *Detalhe Final* (2015). Myron descobre que ela é culpada pelo assassinato de seu cliente, Clu Haid.

**Tad Crispin** – Personagem-atleta de golfe, que aparece no quarto livro da série, *O Preço da Vitória* (2013), como uma promessa da modalidade e Myron tem chances de fechar contrato para ser seu agente, o que de fato acontece no decorrer da narrativa.

**Terese Collins** – Personagem que aparece a partir do sexto livro da série, *Detalhe Final* (2015), pois participa de uma ‘fuga’ com o protagonista. Possui mais ênfase na nona obra, *Quando Ela se Foi* (2011), pois a trama gira em torno da investigação do desaparecimento de sua filha e no décimo livro, “Alta Tensão” (2011), a personagem é descrita como noiva de Myron Bolitar.

**Windsor Horne Lockwood III (Win)** – Win é o melhor amigo de Myron Bolitar e o personagem que sempre auxilia nas investigações, mas principalmente nas resoluções de conflitos corporais em que se envolvem. Ele é descrito como frio e calculista, esbanjador da fortuna de sua família e praticante assíduo de golfe, frequentador dos clubes mais restritos para a modalidade.

**Zorra** – Personagem que se torna recorrente à partir do sexto livro da série, *Detalhe Final* (2015), auxiliando Myron e Win em investigações, através de seus contatos por ser uma ex-agente do Mossad (serviço secreto israelense).

## FONTES

BLOGSPOT. **Série Myron Bolitar – Harlan Coben**. Disponível em: <<http://myronbolitarloversbr.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 28 maio. 2017.

COBEN, H. **Quebra de Confiança**. São Paulo: Arqueiro, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Jogada Mortal**. São Paulo: Arqueiro, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Sem Deixar Rastros**. São Paulo: Arqueiro, 2012b.

\_\_\_\_\_. **O Preço da Vitória**. São Paulo: Arqueiro, 2013.

\_\_\_\_\_. **Um Passo em Falso**. São Paulo: Arqueiro, 2014.

\_\_\_\_\_. **Detalhe Final**. São Paulo: Arqueiro, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Medo Mais Profundo**. São Paulo: Arqueiro, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Promessa**. São Paulo: Arqueiro, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quando Ela se Foi**. São Paulo: Arqueiro, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Alta Tensão**. São Paulo: Arqueiro, 2011c.

FACEBOOK. **Série Myron Bolitar – Harlan Coben**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

FACEBOOK. **Fans of Myron Bolitar, Windsor Horne Lockwood III, and Harlan Coben**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/481399641882635/>>. Acesso em: 28 maio. 2017.

FACEBOOK. **Harlan Coben**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/harlancobenbooks/>>. Acesso em: 28 maio. 2017.

INSTAGRAM. **Harlan Coben**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/harlancoben/>>. Acesso em: 28 maio. 2017.

TWITTER. **Harlan Coben**. Disponível em: <<https://twitter.com/HarlanCoben>>. Acesso em: 28 maio. 2017.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. M. **O mundo emocionante do romance policial**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

ANDRADE, V.L.V.; MARTINS, H.F. Sobre a identidade da metáfora literária: uma análise do Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. **Veredas Online- PPG Linguística UFJF**. Juiz de Fora, 2011.

ARCHIVE OF OUR OWN. **Myron Bolitar – Harlan Coben**. 2017. Disponível em: <<https://archiveofourown.org/tags/Myron%20Bolitar%20-%20Harlan%20Coben/works>>. Acesso em: 17 de dez. 2017.

ARISTÓTELES. **Arte e Poética**. In: DOMÍNIO PÚBLICO. 1993. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b2.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

ATP. **World Tour**. 2017. Disponível em: <<http://www.atpworldtour.com/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

BARBOSA, J.A. Significação & Metáfora: Algumas Reflexões Sobre as Relações entre Literatura e Sociedade. **Revista Trans/Form/Ação**. v.1. Marília, 1974.

BBC. **Wrestlers grapple for limelight**. 2006. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk\\_news/scotland/4624642.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/scotland/4624642.stm)>. Acesso em: 19 nov. 2017.

BOILEAU, P.; NARCEJAC, T. **O Romance Policial**. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. **Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998**. Normas Gerais sobre esporte e outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm)>. Acesso em: 30 set. 2017.

BETTI, M. **A Janela de Vidro**. 1997. 290 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1997.

BLOG IARA GUEZ. **Harlan Coben – especial de aniversário**. 2017. Disponível em: <<http://www.yaraguez.com.br/2017/01/harlan-coben-especial-de-aniversario.html>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BLOG FANTÁSTICA FICÇÃO. **Resenha Harlan Coben – série Myron Bolitar**. 2017. Disponível em: <<https://fanficcao.wordpress.com/2017/10/06/resenha-sem-deixar-rastros-harlan-coben-serie-myron-bolitar-livro-03/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BLOG PARAÍSO LITERÁRIO. **Resenha série Myron Bolitar**. 2017. Disponível em: <<http://www.paraisoliterario.com/2017/08/resenha-serie-myron-bolitar-2-jogada.html>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BONET, C. M. **As Fontes da Criação Literária**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo?. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-156. Disponível em: <<http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202015/ELS/WMComo%20%C3%A9%20posss%C3%ADvel%20ser%20esportivo%20P.%20Bourdieu.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2016.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. 1. ed. São Paulo: Palas Athena, 1990. Disponível em: <[http://www.projetoemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/joseph\\_campbell\\_%20o\\_poder\\_do\\_mito.pdf](http://www.projetoemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2017.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CAPRARO, A. M. **Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX**. Curitiba: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado), 2007.

CHIMINAZZO, J.H. **Procurador, agente e empresário**. 13 de ago. de 2010. Disponível em: <<https://joaochiminazzo.wordpress.com/2010/08/13/procurador-agente-e-empresario/>>. Acesso em: 28 out. 2017.

COAKLEY, J. **Sports in Society: issues and controversies**. 11 ed. New York: McGraw Hill, 2014.

COBEN, H. **Página Oficial Harlan Coben**. Disponível em: <<http://www.harlancoben.com/>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Cilada**. São Paulo: Arqueiro, 2010.

\_\_\_\_\_. **Refúgio**. São Paulo: Arqueiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Uma Questão de Segundos**. São Paulo: Arqueiro, 2012.

\_\_\_\_\_. **A toda Prova**. São Paulo: Arqueiro, 2014.

\_\_\_\_\_. **A Grande Ilusão**. São Paulo: Arqueiro, 2017.

COELHO, L.R. A Representação do Escritor-detetive na literatura contemporânea: deslocamentos no romance policial em *Cidade de Vidro*, de

Paul Auster. **Anais**. VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENCULTUR). Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2010.

COMMISSION REPORT. **The 9/11 Commission Report**. 2002. Disponível em: <<http://govinfo.library.unt.edu/911/report/911Report.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum**. 2 ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSTA, L.M. Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **Logos**. v. 17, n. 22, p. 65-77, 2010.

DAVIS, T. Regulating the Athlete-Agent Industry: Intended and Unintended Consequences. In: **Wake Forest University Legal Studies**. 2006. Disponível em:

<<https://poseidon01.ssrn.com/delivery.php?ID=130069006013114000119069120071004031034018053020030049097002098125124097002068085122020018034045018032097081111029116120110038016028051008000004121101008028124058049021119117027029064002069086127070076079094011112102098068107080018086010080068075&EXT=pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

DEA MUSEUM. **Illegal Drugs in America: a Modern History**. s.d. Disponível em: <<https://deamuseum.org/ida/>>. Acesso em: 27 set. 2017.

DEADLINE. **Liam Neeson Sweet on Harlan Coben's 'Tell No One'**. 17 de set. de 2014. Disponível em: <<http://deadline.com/2014/09/liam-neeson-sweet-on-harlan-cobens-tell-no-one-835887/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. 1. ed. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

D'OLIVERA, B.; ROMANELLI, M. Fanfictions e o Papel do Fã na Era Transmídia. **Hipertexto**. v. 3. n. 1. jan/jun, 2013.

ELIAS, N. Introducción. In: Elias, N & Dunning, E. **Deporte y ocio em el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ENCYCLOPEDIA OF AMERICAN LAW. **Sports Law**. 2017. Disponível em: <<http://www.encyclopedia.com/law/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/sports-law>>. Acesso em 26 set. 2017.

ESPN. **A História da NFL**. 2017. Disponível em: <<http://espn.uol.com.br/infografico/guiafutebolamericano/ahistoriadanfl/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

FACEBOOK. **Fans of Myron Bolitar**. 2017. Disponível em: <[https://www.facebook.com/groups/481399641882635/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/groups/481399641882635/?ref=br_rs)>. Acesso em 18 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Série Myron Bolitar – Harlan Coben**. 2017. Disponível em: <[https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/SerieMyronBolitar/?ref=br_rs)>. Acesso em: 18 nov. 2017.

FANFICTION.NET. **Livros – Myron Bolitar**. 2017. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/book/Myron-Bolitar-series/>>. Acesso em: 17 dez. de 2017.

FOOT LOCKER. **The History of Air Jordan**. 2017. Disponível em: <<https://www.footlocker.com/historyofairjordan>>. Acesso em: 29 set. 2017.

FREITAS, A. Romance Policial: origens e experiências contemporâneas. **Revista Contracultura**. n.1, dez. 2007. Disponível em: <[http://www.uff.br/revistacontracultura/Adriana%20Freitas\\_artigo\\_romance\\_policial.pdf](http://www.uff.br/revistacontracultura/Adriana%20Freitas_artigo_romance_policial.pdf)>. Acesso em: 13 dez. 2017.

GLOBOESPORTE.COM. **NFL confirma o uso de bolas murchas na vitória dos Patriots sobre os Colts**. 23 de jan. de 2015(a). Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/2015/01/nfl-confirma-uso-de-bolas-murchas-na-vitoria-dos-patriots-sobre-os-colts.html>>. Acesso em 28 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Livre da suspensão por escândalo da bola murcha, Brady quebra silêncio**. 07 de set. de 2015 (b). Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol-americano/noticia/2015/09/livre-da-suspensao-por-escandalo-da-bola-murcha-brady-quebra-o-silencio.html>>. Acesso em: 28 set. 2017.

GOLF TODAY. **The BIG Three: Arnold Palmer, Jack Nicklaus and Gary Player**. 2017. Disponível em: <[http://www.golftoday.co.uk/golf\\_international\\_mag/features/the\\_big\\_three.html](http://www.golftoday.co.uk/golf_international_mag/features/the_big_three.html)>. Acesso em: 28 set. 2017.

GONÇALEZ, M.C. **Publicidade e Propaganda**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

GOOGLE MAPS. **Complexo esportivo de Meadowlands**. 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Meadowlands+Sports+Complex/@40.8119828,-74.0684701,17.5z/data=!4m5!3m4!1s0x89c2f87b5d7d8a9d:0xd545135b0a0ca5c4!8m2!3d40.8116428!4d-74.0677451>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTTMANN, A. **From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

HARRIS POLL. **Pro Football is Still America's Favorite Sport**. 2016. Disponível em: <[http://www.theharrispoll.com/sports/Americas\\_Fav\\_Sport\\_2016.html](http://www.theharrispoll.com/sports/Americas_Fav_Sport_2016.html)>. Acesso em: 04 nov. 2017.

HARRY HANSON CENTER, UNIVERSIDADE DO TEXAS. **Literature and Sport**. 2013. Disponível em: <<http://www.hrc.utexas.edu/exhibitions/2013/sport/>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

HARVARD LAW SCHOOL. **Harvard Law School**. 2017. Disponível em: <<http://hls.harvard.edu/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

HELAL, R. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. **Motus Corporis** (UGF), Universidade Gama Filho, Rio d, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HIGH, C. Harlan Coben Interview Promise. In: **Shots – Crime and Thriller Ezine**. s.d. Disponível em: <[http://www.shotsmag.co.uk/interview\\_view.aspx?interview\\_id=93](http://www.shotsmag.co.uk/interview_view.aspx?interview_id=93)>. Acesso em: 27 out. 2017.

HILL, J. **Sports and Literary Imagination: essays in history, literature, and sport**. Germany: Peter Lang, 2006. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=B3yROaTRxR8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=B3yROaTRxR8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 20 set. 2017.

HOBSBAWN, E. J. **A era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

IMDb. **Harlan Coben**. 2017. Disponível em: <<http://www.imdb.com/name/nm1454192/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

INFOESCOLA. **Guerra do Golfo**. s.d. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/guerra-do-golfo/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4º ed. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <[http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_4.pdf](http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_4.pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2016.

IMG. **IMG Story**. 2017. Disponível em: <<http://img.com/story/>>. Acesso em: 28 de out. 2017.

JAMES, P.D. **Segredos do Romance Policial: história das histórias de detetive**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

JEHA, J. Monstros como Metáfora do Mal. In: JEHA, J. (org). **Monstros e Monstruosidades na Literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

JOÃO, A.G. **Garoto-propaganda Casas Bahia: configuração e estratégia**. 2006. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2006.

KELLNER, D. Sports, media culture and race – some reflections on Michael Jordan. **Sociology of Sport Journal**, v. 13, n. 4, 1996.

\_\_\_\_\_. **A cultura da Mídia**. Bauru, SP. EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**. 2004; vol. 6, n. 11, ano VI. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/3901/3660>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

LEITE, L.C.M. **O Foco Narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1985. p. 25-70.

LE BRETON, D. **Condutas de Risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIBRARY OF CONGRESS. **The American Dream**. s.d. Disponível em: <<http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/lessons/american-dream/students/thedream.html>>. Acesso em: 28 out. 2017.

LINS, A. **No mundo do Romance Policial**. São Paulo: Ministério da Educação e Saúde: Serviço de Documentação, Cadernos de Cultura, 1947. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/307690012/Alvaro-Lins-No-Mundo-do-Romance-Policial>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LLOSA, M.V. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MAGLOOF, L. The differences between a manager, an agent and a publicist. In: **CHRON**. 2017. Disponível em: <<http://smallbusiness.chron.com/differences-between-manager-agent-publicist-11318.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

MANAGER SKILLS. **Sports manager or agent?**. 2017. Disponível em: <<https://www.managerskills.org/sports/manager-vs-agent/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. O Esporte “Em Cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **Revista Alesde**. v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MASSI, F. O detetive do romance policial contemporâneo. **Revista Prolíngua**. v.2, n.1, jan/jun, 2009a.

\_\_\_\_\_. A configuração do romance policial contemporâneo: uma abordagem semiótica. Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística. **Anais**. v.1, n.1, 2009b.

\_\_\_\_\_. **O romance policial do século XXI: manutenção, transgressão e inovação do gênero**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Coleção PROPG Digital - UNESP). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109189>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. O romance policial. In: **O romance policial místico-religioso: um subgênero de sucesso** [online]. São Paulo: Editora UNESP, p. 11-35, 2015.

MARTINS, M.M. **Narrativa policial: uma abordagem semiótica**. São Paulo. 284f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. 2000.

MIGUEL, R.G.A. **Atleta: Definição, Classificação e Deveres**. In: Biblioteca Digital da Justiça do Trabalho (Juslaboris). 2014. Disponível em: <[https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/1939/94402/2014\\_miguel\\_ricard\\_o\\_atleta\\_definicao.pdf?sequence=1](https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/1939/94402/2014_miguel_ricard_o_atleta_definicao.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 28 mai. 2017.

MELO, V. A (org). **Entre o requinte e o tribofe: *sports* e *sportsmen* na literatura do século XIX – uma antologia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MENEGHETI, P. S. **De Holmes a Poirot: relações entre literatura e história na narrativa policial britânica**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual de São Paulo/Araraquara (Dissertação de Mestrado), 2014.

MERION GOLF CLUB. **Merion**. 2017. Disponível em: <<http://www.meriongolfclub.com/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MONTEIRO, P. J. R. **Narrativas futebolísticas: do botão ao videogame**. Juiz de Fora: Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (Monografia de Graduação), 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/Paulo.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

NYAH FANFICTION. **Nyah**. 2017. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/>>. Acesso em: 15 de set. 2017.

OLIVEIRA, G.N.D. **A narrativa policial de Rubem Fonseca: o caso de Mandrake, a Bíblia e a Bengala**. (Dissertação) – Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. 95f. Vitória, 2014.

OMELETE. **Tell No One – Adaptação de romance Não Conte a Ninguém terá Bem Affleck na direção**. 16 de jun. de 2011. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/tell-no-one-adaptacao-de-romance-nao-conte-ninguem-tera-ben-affleck-na-direcao/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

O GLOBO. **Caso O.J. Simpson: Julgamento do século eletriza Estados Unidos nos anos 90**. 15 de set. de 2017. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/caso-oj-simpson-julgamento-do-seculo-eletriza-estados-unidos-nos-anos-90-10229001>>. Acesso em: 29 set. 2017.

PAIXÃO NBA. **Duelo de Gigantes: Magic Johnson x Larry Bird**. 4 de nov. de 2013. Disponível em: <<http://www.paixaonba.com.br/2013/11/duelo-de-gigantes-magic-johnson-x-larry.html>>. Acesso em 29 set. 2017.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIGLIA, R. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIRES, C. S. A tipologia do romance policial. **Revista garrafa** [rio de janeiro]. 2005; n. 5, jan-abr. Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa5/6.html>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

PRESS READER. **Harlan Coben lança novo livro e leva multidão à Bienal**. 2014. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

POE, E. **Histórias de crime e mistério**. São Paulo: Ática, 2000.

PORTAL BRASILEIRO DO GOLFE (EPG.COM). **Os 100 melhores campos de golfe dos EUA**. 2015. Disponível em: <<http://www.golfe.esp.br/os-100-melhores-campos-de-golfe-dos-estados-unidos-edicao-2016/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Golfe**. 2017. Disponível em: <<http://www.golfe.esp.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

VOCABULARIO DO GOLFE. **Vocabulário Básico do Golfe**. 2008. Disponível em: <<https://julioazevedo.wordpress.com/2008/05/26/vocabulario-basico-do-golfe/>>. Acesso em: 19 nov. 2017.



PROCON.ORG. **Historical Timeline: History of Performance Enhancing Drugs in Sports**. 8 de ago. De 2013. Disponível em: <<https://sportsanddrugs.procon.org/view.timeline.php?timelineID=000017>>. Acesso em 28 set. 2017.

PRONI, M.W. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Imprensa**. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Tese de Doutorado), 1998.

RANEY, A. A.; BRYANT, J. **Handbook of Sports and Media**. Lawrence Erlbaum Associates, 1 ed. 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=SWyNAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=research+about+sports+and+fiction+literature&ots=A8T3XRTz9e&sig=69UFlqrlEeve4PAEVBE-yebx48o#v=onepage&q=research%20about%20sports%20and%20fiction%20literature&f=false>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

REUTER, Y. **A Análise da Narrativa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

REIMÃO, S.L. **O que é romance policial**. 2 ed. São Paulo: editora brasiliense, 1983.

RIOS, G.B. O Processo de Esportivização do Taekwondo. **Revista Pensar a Prática**. v. 8. n. 1. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16062/9850?journal=fef>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

RUBIO, K. **O Atleta e o Mito do Herói: O imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

\_\_\_\_\_. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova** (Revista eletrônica). v. 6, n. 119 (95), s.p. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SINDICATO NACIONAL DE EDITORES DE LIVROS. **Painel de Vendas de Livros no Brasil: primeiros resultados 2015 x 2014**. Rio de Janeiro, maio 2015. Disponível em: <<http://www.snel.org.br/wp-content/themes/snel/docs/paineldasvendasdelivrosnobrasil2.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

SANTOS, N. **Freud Explicaria isso? Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-70)**. (Dissertação de Mestrado) - Curitiba: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 2012.

SANTOS, L. C. A. **Jogos Vorazes: jogo, espetáculo e ídolo esportivo na literatura distópica**. (Monografia de Graduação) – Curitiba: Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, 2015.

SERENITY NOW. **The History of Drug Use in the United States**. 17 de fev. de 2016. Disponível em: < <http://www.serenityrecovery.com/the-history-of-drug-use-in-the-united-states/>>. Acesso em: 27 set. 2017.

SESMA, E. Atletas devem procurar especialistas para intermediar negócios. In: **Revista Consultor Jurídico**. 20 de set. de 2004. Disponível em: <[https://www.conjur.com.br/2004-set-20/agentes\\_procuradores\\_atletas\\_papeis\\_diferentes](https://www.conjur.com.br/2004-set-20/agentes_procuradores_atletas_papeis_diferentes)>. Acesso em: 28 out. 2017.

SIGNIFICADO.COM. **O que é Streaming**. s.d. a. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/streaming/>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **O que é Fandom**. s.d. b. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/fandom/>>. Acesso em: 17 dez. de 2017.

SILVA, L. A. **O Beijo no Campo: Futebol e literatura a partir de Nelson Rodrigues**. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Dissertação de Mestrado), 2009. Disponível em: <[http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3214/1/tese\\_3473\\_Luciano%20de%20Andrade%20e%20Silva.pdf](http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3214/1/tese_3473_Luciano%20de%20Andrade%20e%20Silva.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2017.

SPIRIT. **Spirit Fanfics e Histórias**. 2017. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/>>. Acesso em: 28 de out. 2017.

SPORT MANAGEMENT COLLEGES. **A Career as a Sports Agent or Sport Manager**. 2011. Disponível em: <<http://sportsmanagementcolleges.com/a-career-as-a-sports-agent/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

SPORTS ILLUSTRATED. **SI**. Disponível em: <<https://www.si.com/>>. Acesso em: 29 set. 2017.

SPORTS LAW. **Drugs and Testing**. 2017. Disponível em: <<https://sportslaw.uslegal.com/drugs-and-testing/>>. Acesso em: 27 set. 2017.

TASSO, F. **O Atleta: um profissional**. In: extracampo.com. 2008. Disponível em: <<https://blogextracampo.wordpress.com/2008/09/02/o-atleta-um-profissional/>>. Acesso em: 29 set. 2017.

TENIS BRASIL. **Como funcionam os rankings Masculinos**. 2015. Disponível em: <<http://tenisbrasil.uol.com.br/ranking/mfunciona/>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

THOMAS, B. What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It. **Storyworlds: A Journal of Narrative Studies**. v. 3, p. 1-24. 2011.

TODOROV, T. Tipologia do Romance Policial. In: TODOROV, T. **Poética da Proza**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOTA, A.P. **Os Americanos**. São Paulo: Contexto, 2009.

TPFA. **Entenda o NFL Draft**. 2017. Disponível em: <<https://tudopelofutebolamericano.com/nfl/nfl-draft/entenda-nfl-draft/>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

TSIRAKIS, S. **Uma viagem à Grécia: os Jogos Olímpicos e os Deuses**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VAN DINE, S.S. **20 regras para escrever histórias de detetive**. 4 ed. São Paulo: Ramo de Ouro, 2001.

TWITTER. **@HarlanCoben**. 2017. Disponível em: <<https://twitter.com/HarlanCoben>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

YOUTUBE. **Harlan Coben on Myron Bolitar**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r8tLRxZuki8>>. Acesso em: 27 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Magic Johnson vs. Larry Bird**. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GRxznjDPOIE>>. Acesso em: 29 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Tell No One – Trailer**. 2011b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MvvY1M8vjzl>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Author Harlan Coben on writing process and new thriller, "Home"**. 2016a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eLwqQzAlZPs>>. Acesso em: 27 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Harlan Coben On Writing**. 2016b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOLILYQjJAU>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Harlan Coben on Home at the 2016 National Book Festival**. 2016c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xzwFZmQjudQ&t=348s>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **"The Five" Harlan Coben interview**. 2016d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DhIndJPo9GY>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Harlan Coben: 2016 National Book Festival.** 2016e. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ASgwvu7hocQ>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Harlan Coben on Literacy.** 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=otsy\\_EXn6qY](https://www.youtube.com/watch?v=otsy_EXn6qY)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

## ANEXO 1 – SINOPSE DO LIVRO *QUEBRA DE CONFIANÇA* (1)

*No primeiro caso de Myron Bolívar, Harlan Coben nos faz mergulhar na indústria do sexo e nos negócios escusos por trás da contratação de grandes atletas.*

Este é um momento importante na carreira de Myron Bolívar. Depois de agenciar alguns atletas pouco conhecidos, ele agora é o empresário de Christian Steele, a maior promessa do futebol americano de todos os tempos. Talentoso, bonito, centrado e carismático, tudo indica que o rapaz também poderá arrematar milhões em contratos de publicidade.

Mas, ao mesmo tempo que vive o auge na carreira, Christian enfrenta um drama na vida pessoal. Um ano e meio atrás, sua noiva, Kathy Culver, desapareceu subitamente e, exceto pelos fortes indícios de que tenha sofrido uma agressão sexual, a polícia não conseguiu descobrir nada sobre sua última noite no campus da Universidade Reston.

Prestes a ser contratado em uma negociação que pode ser a maior de todos os tempos em sua categoria, Christian recebe o exemplar de uma revista que traz a foto de Kathy em um anúncio de disque sexo. Além disso, o caso acaba de ganhar mais um ingrediente de terror: três dias atrás, Adam Culver, pai dela, foi morto em um assalto bastante suspeito.

Agora, com a ajuda de Win, seu melhor amigo, Myron tentará impedir que as notícias sobre a ex-noiva de Christian atrapalhem a carreira do rapaz e irá em busca da verdade – doa a quem doer (ARQUEIRO, 2018).

## **ANEXO 2 – SINOPSE DO LIVRO *JOGADA MORTAL* (2)**

Depois de ver sua carreira no basquete profissional chegar ao fim antes mesmo de começar, Myron Bolitar trabalhou para o FBI, formou-se em direito em Harvard e hoje está à frente de uma agência de representações esportivas, que toca com a ajuda da grande amiga Esperanza.

Tudo parece ir bem até que Valerie Simpson, uma tenista que já foi a maior promessa do esporte, é morta durante um jogo do Aberto dos Estados Unidos. Ao que tudo indica, a jovem estava lá em busca de Myron, mas foi encontrada antes pelo assassino.

Myron não imagina por que Valerie foi atrás dele, mas se sente culpado por não tê-la encontrado a tempo. Para piorar, seu cliente mais importante, o tenista Duane Richwood, se torna o principal suspeito do crime.

Em busca da verdade, Myron descobre que a jovem vinha sendo assediada por um fã obcecado desde o início da carreira. Além disso, seis anos antes, ela estava prestes a ficar noiva do filho de um senador quando o rapaz foi morto sob estranhas circunstâncias.

Enquanto tenta desvendar o assassinato da tenista, Myron se tornará um obstáculo para os interesses da máfia, de um político poderoso e de uma família influente. Agora ele e as pessoas que mais ama podem ser as próximas vítimas (ARQUEIRO, 2018).

### ANEXO 3 – SINOPSE DO LIVRO *SEM DEIXAR RASTROS* (3)

O astro da NBA Greg Downing desapareceu misteriosamente. No porão de sua casa há sangue por toda parte. A última pessoa com quem falou foi encontrada morta e sujeitos mal-encarados vigiam sua residência.

Descontente com o sumiço da principal estrela de sua equipe, o dirigente dos *Dragons* de Nova Jersey decide recorrer aos serviços de Myron Bolitar. A fim de desviar a atenção da imprensa e não levantar suspeitas, opta por uma estratégia inusitada: contrata o agente esportivo para jogar no seu time, o que para Myron significa uma surpreendente volta às quadras 10 anos depois.

Ao mergulhar na turbulenta vida de Greg, antigo adversário dos tempos de faculdade, o investigador fica cada vez mais perplexo diante de fatos que parecem não se encaixar e personagens que à primeira vista não deveriam ter qualquer relação entre si.

Para descobrir o que se esconde por trás dessa história sombria e cheia de reviravoltas – da qual ele próprio acaba sendo uma peça fundamental –, Myron precisará reviver antigas dores e enfrentar velhos demônios em meio a cadáveres, chantagistas e mafiosos (ARQUEIRO, 2018).

#### **ANEXO 4 – SINOPSE DO LIVRO *O PREÇO DA VITÓRIA* (4)**

Jack Coldren nunca foi um golfista de renome. Seu feito mais notável foi ter perdido o título do Aberto dos Estados Unidos quando tinha seis tacadas de vantagem. Vinte e três anos depois dessa inacreditável derrota, ele está de volta ao lugar onde tudo aconteceu e novamente lidera o torneio, muito à frente dos adversários.

Interessado em conquistar novos clientes, Myron Bolitar acompanha de perto a competição quando recebe uma proposta: tornar-se agente de Jack e Linda Coldren, uma superestrela do golfe. Mas antes ele terá que encontrar Chad, o filho desaparecido do casal.

Os supostos sequestradores entraram em contato com Linda fazendo ameaças à vida do garoto caso a polícia fosse chamada. Mas não há nenhuma certeza nessa história, nem mesmo de que se trate realmente de um sequestro, pois tudo pode ser apenas armação de Chad.

À medida que se vê envolvido em uma trama cada vez mais obscura e perigosa, Myron fica sem a ajuda de seu grande parceiro. Win se recusa a entrar na investigação, alegando antigas desavenças de família. Na verdade, porém, há outros segredos em jogo (ARQUEIRO, 2018).



## **ANEXO 5 – SINOPSE DO LIVRO *UM PASSO EM FALSO* (5)**

Aos 5 anos, Brenda Slaughter foi abandonada pela mãe, Anita, que levou todo o dinheiro do marido e nunca mais deu notícias. Após vinte anos, a jovem é uma jogadora de basquete promissora, mas ainda não se recuperou do trauma.

Perto de disputar a partida mais importante de sua carreira, Brenda sofre outro baque na vida familiar quando seu pai, Horace, desaparece. Apesar de não ter um bom relacionamento com ele, a jogadora quer saber o que lhe aconteceu e contrata Myron Bolitar.

Durante a investigação, o detetive depara com um antigo caso testemunhado por Anita: a morte da esposa de Arthur Bradford, atual candidato a governador. Na mesma época, a mãe de Brenda sumiu, deixando o emprego na mansão do político após seis anos de serviço.

Enquanto busca atar os fios dessa complexa trama, o detetive confronta mafiosos e policiais corruptos, pondo-se cada vez mais em perigo. Para desvendar esse passado turbulento, Myron precisará da ajuda de seu fiel amigo Win e de muita sorte para permanecer vivo (ARQUEIRO, 2018).

## **ANEXO 6 – SINOPSE DO LIVRO *DETALHE FINAL* (6)**

O agente esportivo – e detetive ocasional – Myron Bolitar está num verdadeiro paraíso. Divide uma praia caribenha com Terese, uma mulher deslumbrante que acabou de conhecer – uma forma perfeita de se recuperar da perda recente de uma amiga querida.

Seu retiro é interrompido por Win, seu amigo e parceiro em inúmeras investigações. Ele não traz boas notícias: um dos clientes mais antigos de Myron, o problemático Clu Haid, arremessador dos Yankees, foi assassinado e a principal suspeita é Esperanza, melhor amiga e sócia de Myron.

De volta a Nova York, Myron está determinado a provar a inocência de Esperanza, mas os obstáculos são maiores do que imaginava. Para desvendar o crime, Myron terá de encarar o submundo nova-iorquino e abrir feridas antigas que podem ser o seu fim (ARQUEIRO, 2018).

**ANEXO 7 – SINOPSE DO LIVRO *O MEDO MAIS PROFUNDO* (7)**

Na época da faculdade, Myron Bolitar teve seu primeiro relacionamento sério, que terminou de forma dolorosa quando a namorada o trocou por seu maior adversário no basquete. Por isso, a última pessoa no mundo que Myron deseja rever é Emily Downing.

Assim, ele tem uma grande surpresa quando, anos depois, ela aparece suplicando ajuda. Seu filho de 13 anos, Jeremy, está morrendo e precisa de um transplante de medula óssea – de um doador que sumiu sem deixar vestígios. E a revelação seguinte é ainda mais impactante: Myron é o pai do garoto.

Aturdido com a notícia, Myron dá início a uma busca pelo doador. Encontrá-lo, contudo, significa desvendar um mistério sombrio que envolve uma família inescrupulosa, uma série de sequestros e um jornalista em desgraça.

Nesse jogo de verdades dolorosas, Myron terá que descobrir uma forma de não perder o filho com quem sequer teve a chance de conviver (ARQUEIRO, 2018).

## **ANEXO 8 – SINOPSE DO LIVRO *A PROMESSA* (8)**

Depois de ouvir duas adolescentes trocando confidências no porão de sua casa, Myron faz com que as garotas prometam ligar para ele se um dia estiverem em alguma encrenca e não tiverem coragem de recorrer aos pais em busca de ajuda. Ele garante que irá em seu socorro sem questionamentos, qualquer que seja a situação.

Alguns dias depois, às duas da manhã, seu telefone toca. É Aimee Biel, uma das garotas a quem oferecera apoio incondicional. Abalada e nervosa, ela pede que Myron a deixe em frente a uma casa numa rua deserta, o suposto endereço de uma amiga. Apesar de sentir que alguma coisa está errada, Myron honra sua palavra e não faz perguntas.

Mas ele se arrependerá profundamente dessa decisão, porque talvez essa seja a última vez que Aimee será vista por alguém. Atormentado pela culpa – ao mesmo tempo que se torna o principal suspeito pelo misterioso desaparecimento –, Myron decide investigar o caso por conta própria.

Envolvido numa trama cheia de promessas desfeitas e segredos devastadores, ele descobre que essa não será apenas uma busca por uma adolescente que sumiu: será também uma busca pela verdade em suas nuances mais sombrias (ARQUEIRO, 2018).

### **ANEXO 9 – SINOPSE DO LIVRO *QUANDO ELA SE FOI* (9)**

Dez anos atrás, Myron Bolitar e Terese Collins fugiram juntos para uma ilha. Durante três semanas, eles se entregaram um ao outro sem pensar no amanhã.

Depois disso, os dois se reencontraram apenas uma vez, quando Terese ajudou Myron a salvar seu filho e então foi embora, sem deixar vestígios. Agora, no meio da madrugada, ela telefona: “Venha para Paris.” Terese pede a ajuda de Myron para localizar o ex-marido, Rick Collins, que telefonara depois de anos implorando que ela o encontrasse na capital francesa. Eles logo descobrem que Rick foi assassinado e que Terese é a principal suspeita.

Porém, algo ainda mais atordoante é revelado: perto do corpo havia longos fios de cabelo louros e uma mancha de sangue que o exame de DNA revelou pertencer à filha do casal. Só que sua única filha morrera em um acidente de carro muitos anos antes.

Logo Myron se vê perseguido nas ruas de Paris e de Londres. As agências de segurança de quatro países parecem querer as mesmas informações de que ele precisa para desvendar a morte de Rick e o destino da filha que Terese pensava ter perdido para sempre.

Em uma busca desesperada, Harlan Coben cria um mundo de armadilhas imprevisíveis em que conflitos religiosos, política internacional e pesquisas genéticas se mesclam a amizade, perdão e a chance de um novo começo (ARQUEIRO, 2018).

## **ANEXO 10 – SINOPSE DO LIVRO *ALTA TENSÃO* (10)**

Uma mensagem anônima deixada no Facebook da ex-estrela do tênis Suzze T põe em dúvida a paternidade de seu filho. Grávida de oito meses, ela pede a ajuda de seu agente e amigo Myron Bolitar para descobrir o responsável por essa intriga e trazer de volta seu marido, o astro do rock Lex Ryder, que saiu de casa depois de ler o texto.

Descobrir o paradeiro de Lex não é tarefa difícil para um ex-agente do FBI. Mas, na mesma boate onde o encontra, Myron é surpreendido ao ver Kitty, a mulher que fugiu com seu irmão, Brad, e o afastou para sempre da família.

Tentando ajudar a amiga e reencontrar o irmão mais novo, Myron se vê preso numa rede de segredos obscuros que põe em risco as pessoas que ele mais ama. Agora, só a verdade poderá salvá-las. Mas, para que ela prevaleça, nenhuma mentira pode restar – seja ela de Suzze, Lex, Kitty ou do próprio Myron.

Nesta premiada história, Harlan Coben mais uma vez consegue construir uma trama envolvente, que fala de fama, ganância e rivalidade e surpreende por seu toque humano.

Na aventura mais difícil de Myron Bolitar, seu passado vem à tona e, junto com ele, feridas que jamais se fecharão (ARQUEIRO, 2018).